

Diário de Lisboa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B OREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 51, 2.ºEDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Foi aprovada nas Nações Unidas a moção dos dezassete países no sentido de um amplo acordo para a suspensão das experiências nucleares

NOVA YORK, 1 — No final de uma longa sessão nocturna, a Comissão Política da Assembleia Geral da O. N. U. aprovou, por uma maioria de mais de 2/3, a moção apresentada por dezassete potências, incluindo os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, sobre a suspensão das experiências nucleares, pedindo que os Estados que procederam a ensaios nucleares não descurassem esforço algum para alcançar um acordo sobre a suspensão das mesmas experiências, sob vigilância internacional, e as partes interessadas, que não procedam a novos ensaios de armas nucleares durante as negociações.

A Comissão Política rejeitou a moção pedindo a suspensão imediata dos ensaios de armas nucleares (36 votos contra, 26 a favor, 19 abstenções). Perante este malogro, V. Zorine, delegado da U. R. S. S., retirou a sua própria moção, a qual — disse — correspondia às mesmas preocupações da que fora apresentada pela União Indiana, não se afastando muito desta.

A moção das dezassete potências, mais correntemente designada, nos «passos perdidos» da O. N. U. por «moção americana», obteve 49 votos a favor, 9 contra e houve 23 abstenções. Só votaram contra, os Estados do grupo soviético, ao passo que as abstenções reuniram, principalmente, os membros africanos e asiáticos da Comissão e, também, por motivos de ordem vária, a Austrália, a Finlândia, Israel, a Suécia e a França. Esta considera que a paragem das experiências nucleares não constitui medida de desarmamento se não se acompanhar da suspensão da produção e da re-

conversão das existências de armas nucleares para fins pacíficos.

A posição dos E. U. na Conferência de Genebra

A importância da votação da «moção americana», que devia ser confirmada em Assembleia, por maioria idêntica, deve medir-se em função da conferência que ontem começou em Genebra (Estados Unidos, Grã-Bretanha e União Soviética), para um acordo sobre a suspensão fiscalizada das experiências nucleares. Nesta conferência, os Estados Unidos terão a sua posição

reforçada pela votação da O. N. U. que provou que uma boa maioria dos Estados membros é favorável à suspensão das experiências, sob fiscalização internacional eficaz, e recusa-se a alinhar com a Índia e a U. R. S. S., que pediam a suspensão das experiências sem esperar pelos resultados da conferência de Genebra. Além disso, embora esta disposição não figure na resolução dos Dezassete, é de pensar que os Estados que se pronunciaram a seu favor aprovam a proposta dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha no sentido de interromperem as suas experiências nucleares a partir de ontem, durante um período de um ano renovável, desde que a U. R. S. S. ao mesmo se obrigue.

A Comissão Política aprovou mais duas moções uma da Austrália, do Japão e da Suécia, fazendo votos para um acordo na Conferência de Genebra; outra, da Índia e da Jugoslávia, patenteando os mesmos sentimentos no que toca a conferência técnica que está marcada para 10 de Novembro, igualmente em Genebra, sobre as medidas susceptíveis de eliminar a possibilidade de um ataque de surpresa.

Ainda uma moção irlandesa, considerando perigosa a possibilidade de aumento do número dos Estados que possuem armas nucleares, foi retirada pelo seu autor, a fim de não introduzir mais uma nota discordante no debate.

Enfim, a Comissão Política rejeitou outra moção soviética, que pedia a redução de 10 a 15 por cento dos orçamentos militares das quatro grandes potências e a atribui-

(Continua na 14.ª página)

2.ª TIRAGEM

NACIONAL DE FUTEBOL

O Belenenses venceu o Barreirense (1-0)

A contar para o campeonato nacional da primeira divisão de futebol, disputou-se, esta tarde, no Estádio do Restelo, o encontro Belenenses-Barreirense, referente à oitava jornada, e para o qual as equipas alinharam da seguinte forma:

BELENENSES — José Pereira; Pires e Moreira; Carlos Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas, Tonho, Matateu, Yauca e Tito.

BARREIRENSE — Braulio; Faneça e Abrantes; Pinto, Silvino e Oñoro; Julio Freire (ex-júnior), Correia, José Augusto, Faia e Madeira.

Árbitro — Reinaldo Silva, de Leiria.

Com melhor factura de jogo, o Belenenses instalou-se cedo ao ataque, criando situações embaraçosas para a defesa dos visitantes. E cedo também a desperdiçar ocasiões de gol. Logo aos 2 minutos,

(Continua na 14.ª página)

Foram encontrados com vida mais sete homens soterrados há oito dias na mina do Canadá

SPRINGHILL, (Nova Escócia — Canadá), 1. — Um ou mais mineiros encontram-se ainda vivos, soterrados, a cerca de quatro mil metros de profun-

(Continua na última página)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A arte de bem digerir (3)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

ESTÁ hoje provado que os condimentos fazem mal à saúde, abreviando a vida do homem. Sobre condimentos existe desde há muitos séculos uma grande confu-

são e há até quem os confunda com os alimentos. Os principais são: as pimentas (branca, preta e vermelha), o pimentão e o gengibre, a menta («Mentha piperita») e o timo (tomilho). Todos eles, contendo óleo volátil ou não, são particularmente irritantes das vias digestivas, alterando o funcionamento do fígado e de outros órgãos essenciais.

Foram, em primeiro lugar, usados como medicamentos (Ribeiro Sanchez e Francisco da Fonseca Henriques) e na magia negra, passando desta para a culinária. O organismo

(Continua na 13.ª página)

Diário de Lisboa

PUBLICA HOJE

32 páginas

nas quais se inclui

MAGAZINE



O ministro dos Negócios Estrangeiros, com o presidente da Câmara Corporativa e o vice-presidente da Assembleia Nacional, á sua partida para Roma

Partiu para Roma a representação portuguesa à coroação de João XXIII

Partiu esta manhã para Roma a representação portuguesa á coroação do Papa João XXIII, cujas cerimónias começam depois de amanhã naquela cidade.

Presidida pelo sr. dr. Marcello Mathias, ministro dos Negócios Estrangeiros, a missão portuguesa é composta pelos srs. dr. Luís Supico Pinto, presidente da Câmara Corporativa; dr. José

Soares da Fonseca, vice-presidente da Assembleia Nacional; dr. Alvaro da Silva Tavares, subsecretário de Estado da Administração Ultramarina; e pelos chefes dos Estados-Maijores-Generais do Exército, da Aeronáutica e da Marinha, respectivamente, generais Luís da Camara Pina e Costa Macedo e almirante Guerreiro de Brito. Acompanha a missão o sr. dr. Henrique da Silva Martins, secretário do ministro dos Negócios Estrangeiros.

Momentos antes do embarque, o sr. dr. Marcello Mathias disse aos jornalistas presentes:

—Esta missão, a que me honro de presidir, e o carácter altamente representativo que lhe foi dado, exprimem os sentimentos de grande respeito do País para com a Igreja Católica e a grande esperança que todos temos no pontificado de Sua Santidade o Papa João XXIII, cuja altíssima influência espiritual e moral tanto pode concorrer para a manutenção da paz no Mundo.

(Continua na 3.ª página)

Nota do dia

Um abuso

Não nos move nenhuma espécie de má vontade contra o sistema das rifas de caridade que numerosas comissões de benfeitoras espalhadas por esse País fora enviam pelo correio a pessoas que não conhecem e que muitas vezes não podem nem querer subscrever. Queremos acreditar, até, que essas iniciativas beneméritas contribuem para mitigar muito sofrimento e atender a muitas necessida-

des. Não temos também nenhuma prevenção contra as editoriais que se puseram no hábito de enviar as suas publicações pela mesma via a quem as não solicitou — e que mandam os recibos á cobrança, se o destinatário, por qualquer circunstância, não se deu pressa em as devolver. No primeiro caso, trata-se de uma espécie de caridade coerciva, de uma coacção moral exercida sobre pessoas que não podem ou não querem ser esmoleres (e estão no seu direito). No segundo, de uma habilidade comercial que tem por fim despertar o apetite dos leitores, levando-os a compulsar a obra publicada. Num e noutro caso, salvo o devido respeito, parece-nos que é indispensável pôr termo a estas práticas abusivas, que originam incómodos e despesas a pessoas que não foram ouvidas nem chamadas para tal — e a cuja porta se bate com insólita frequência. O domicílio individual deve estar ao abrigo (ou não pensar do mesmo modo?) desses pequenos assaltos á bolsa e á tranquilidade do próximo.

A FRANÇA E A ARGÉLIA — (3)

O general de Gaulle quer uma solução pacífica para o problema argelino

PARIS, Outubro — No desenvolvimento rápido, e por vezes desconcertante, dos acontecimentos da Argélia há uma lógica rigorosa que os torna compreensíveis. Concluído o referendo constitucional, a este tinha que se seguir, fatalmente, a liquidação do 13 de Maio, assim como a esta se seguiria o esclarecimento da posição do chefe do Governo francês em relação ao problema argelino. Antes de procurar resolvê-lo, de acordo com as suas ideias que ainda não revelara abertamente, o general era obrigado a afastar do seu ca-

minho os homens do 13 de Maio — civis e militares — pela simples razão de que estes reprovavam essas ideias.

O grande paradoxo

Na Argélia o grande paradoxo da situação, depois dos aconteci-

(Continua na página seguinte)

Visado pela Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A França e a Argélia

(Continuação da página anterior)

mentos destes dias, resulta de serem os homens de 13 de Maio que tornaram possível a realização da política do general. Os seus mais intransigentes adversários. Se até agora não fora possível encarar seriamente a liquidação da trágica situação que ali se prolonga há quatro anos foi isso devido à hostilidade desses adversários, para os quais o problema argelino só pode ter uma solução: a da força. Qualquer outra é por eles classificada como acto de traição o que disseram ao desencadear o movimento de 13 de Maio acentuando que o faziam para evitar essa traição, atribuída aos sucessivos governos que ocuparam o Poder em Paris. Aos seus olhos de Gaulle era o homem que levaria até às últimas consequências a solução militar do problema argelino. Esta convicção pareceu confirmar-se quando ele convidou para o seu Governo o intérprete mais qualificado do pensamento desses intransigentes, o actual ministro da Informação, Jacques Soustelle.

A hora das decepções

Logo com as suas primeiras declarações, de Gaulle causou-lhes uma profunda decepção. Essas declarações mostravam, de maneira clara, que ele pensava em tudo menos numa solução militar do problema argelino e pelo contrário, desde logo deu a entender, sobretudo nos discursos proferidos quando das suas viagens a Argel, que a solução que encarava era uma solução negociada. Em Constantina disse o general: «Entre os caminhos da guerra e da fraternidade a França escolheu o segundo».

Mais realista do que os seus antecessores da IV República, os quais nunca pensaram, sob a pressão dos «ultras» e dos militares, em se lançar numa negociação séria com os rebeldes, de Gaulle está convencido de que o epílogo da guerra na Argélia não pode ser uma vitória completa do Exército francês visto que a França já fez os maiores sacrifícios possíveis para lutar até hoje. O general não partilha o optimismo daqueles que estão convencidos de que o êxito do referendo e a realização de eleições na Argélia provocarão a derrocada da resistência. Para dominar a rebelião nos campos de batalha o general Salan acaba de pedir mais 200 mil homens, além do meio milhão que tem já sob as suas ordens. O chefe do Governo francês, tirou, oportunamente, dessa lição as conclusões convenientes.

Promessa de paz

As ideias e tendências do general de Gaulle não podiam deixar indiferente o Governo argelino no exílio, o qual dirige do Cairo, há algumas semanas, o movimento insurreccional. Logo que o chefe do Governo francês começou a revelar a sua política argelina, verificou-se que a atitude dos rebeldes se modificou também. Estes viram na linguagem moderada do general uma promessa de abertura de negociações para a conclusão da paz na Argélia e reagiram positivamente às suas iniciativas. Em meados de Outubro, o Governo argelino no exílio libertou quatro prisioneiros de guerra franceses e o Governo de Paris respondeu li-

bertando dez prisioneiros argelinos.

Em Argel, para se desculparem, disseram que se tratava de uma decisão tomada há muito pelo alto comando francês, acrescentando que este não recebera qualquer ordem de Paris. Esta versão, que se destinava a amortecer a reacção dos «ultras», não convenceu ninguém, pois são soberbamente conhecidos os pontos de vista dos militares e do general Salan quando se trata dos rebeldes argelinos e do tratamento a usar com eles.

A paz em marcha

A evolução dos acontecimentos logo confirmou que, efectivamente, os dados da crise argelina, se tinham modificado. Em 21 de Outubro o chefe do Governo provisório argelino, Ferhat Abas, declarou na rádio do Cairo que «estava disposto a entabular, imediatamente, negociações com o Governo francês «sem este reconhecer, previamente, a independência da Argélia». Este fora sempre o principal obstáculo a uma solução pacífica da questão da Argélia. Era o primeiro grande passo na direcção da paz e com ele foi removido o mais grave obstáculo que se opunha à realização de negociações.

O general de Gaulle não demorou a sua resposta e numa conferência de imprensa em 23, dirigiu aos rebeldes um apelo para o cessar-fogo e convidou o Governo rebelde a enviar delegados a Paris, a fim de discutir com ele o conjunto da questão argelina. Este foi o segundo grande passo no caminho da paz pois até então o Governo de Paris se recusara sempre a entrar em contacto com os representantes dos rebeldes. A primeira visita parecia que a resposta do chefe do Governo rebelde era negativa, mas essa impressão foi logo corrigida com os esclarecimentos de Ferhat Abas que deixavam a porta aberta para o prosseguimento das negociações.

Com efeito, as divergências entre os rebeldes e o general de Gaulle resumem-se presentemente na diversidade de critérios quanto às condições em que as negociações devem entabular-se e não quanto ao princípio das negociações. Neste ponto o acordo está praticamente feito, sobretudo sabendo-se que entre as duas partes estão em curso conversações officiosas. Dos dois lados, o que conta é a concordância no reconhecimento de que chegou a altura de dar ao problema da Argélia uma solução pacífica por meio de negociações.

ATTICUS



Enquanto há vento... é que se molha a vela, que é como quem diz: quem vai para o mar avia-se em terra. É sob a inspiração dessas máximas que os grandes costureiros orientam as suas actividades. Por isso, em pleno Outono (quase glorioso), os portos do Inverno, preparam os seus modelos para a Primavera e o Verão de 1959. Oferecemos às leitoras as sugestões contidas nesta imagem, colhida há dias numa rua de Londres. São cinco modelos em algodões estampados, a que o costureiro Marcus entendeu que bem cabiam os nomes de «Lady Hamilton», «Moulin Rouge», «Pide», «Chansonette» e «Overture».

Cerca de 700 empregados da Companhia dos Telefones confraternizaram hoje na Figueira

FIGUEIRA DA FOZ, 1 — (Pelo telefone) — Os funcionários da Companhia dos Telefones, de Lisboa e Porto, com, pelo menos, 20 anos de serviço e que constituem a «Velha Guarda», reuniram-se hoje em almoço de confraternização no Grande Casino Peninsular da Figueira da Foz. A simpática festa, que anualmente, se realiza, teve agora características diferentes, pois foi organizada de molde a permitir o encontro dos empregados da Companhia que trabalham nas suas cidades da concessão: — Lisboa e Porto. A concentração da «Velha Guarda» abrangeu cerca de setecentos convivas, tendo os de Lisboa partido para a Figueira da Foz em comboio especial, que saiu da estação do Rego às 7 e 45. Os do Porto fizeram a viagem em autocarros.

O almoço decorreu em ambiente de franca confraternização. As salas do casino estavam engalanadas e, em destaque, viam-se bandeiras nacionais e inglesas. Presidiu o sr. Reninald Stanley Thorp, administrador-geral, e foram entregues aos funcionários que completaram 35 anos de casa (22 de Lisboa e 15 do Porto) emblemas de ouro; e ao sr. Manuel Ferreira, chefe da secção de Expediente Geral em Lisboa, um emblema, também de

ouro, com 6 pedras, por ter atingido 50 anos de permanência na Companhia, para a qual entrou com 14 anos. Aos «recrutados» da «Velha Guarda», isto é, aos que para ela entraram este ano (24 de Lisboa e 61 do Porto), já os emblemas a que têm direito tinham sido entregues, anteontem, respectivamente, nos gabinetes do sr. administrador-geral e do gerente da Companhia, no Porto.

Puseram em destaque o valor da «Velha Guarda» nas boas relações entre o pessoal antigo, os srs. Manuel Peixoto e Joaquim Salgueiro, respectivamente, pelos funcionários de Lisboa e Porto, G. L. Holmes, administrador comercial, em nome dos novos iniciados; e, por ultimo, o sr. administrador-geral, que se congratulou com o êxito da reunião, afirmando o prazer que tem em pertencer à «Velha Guarda».

Graças à gentileza da Comissão da Iniciativa e Turismo da Figueira da Foz, exibiram-se no palco do Casino Peninsular, em homenagem à «Velha Guarda Telefónica» os ranchos folclóricos Rosas da Figueira e infantil Peixeirinhas de Buarcos.

A comissão encarregada de organizar o almoço da «Velha Guarda» (Lisboa) para o próximo ano ficou constituída pelas srs. D. Laura dos Santos Pampulim, Emilia Couto e Helena Santos e pelos srs. Luís Ferreira, Joaquim Ferreira de Jesus, Adelino Pereira da Silva, Manuel da Silva, Carlos Pereira Chanoca, José Lima Simões e Eduardo Lopes.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Assinado pelo dr. Afonso Marchueta, director-geral do Comércio, na sua qualidade de presidente da comissão organizadora da Conferência Diplomática para Protecção da Propriedade Industrial, que ontem terminou em Lisboa, com assinalável êxito, recebemos um officio, a agradecer a forma como o «Diário de Lisboa» acompanhou os trabalhos daquela importante reunião. Agradecemos, por nossa vez, a atenção.

Vale a pena ir mais longe para obter o saboroso e com delicia os produtos da «Maraginha» — Trufas, Caramelos, etc. — Rua Barros Queiroz, 28 - Lisboa-2 Av. Rio de Janeiro, 25-B - Lisboa-5

VIDA ARTISTICA

Um quadro

atribuído

imprópriamente

a Armando de Basto

Sr. director do «Diário de Lisboa»: — Quando transpunha a porta que dá acesso ao salão de exposições do Secretariado Nacional da Informação, com o propósito de visitar a obra ali reunida do pintor Armando de Basto, fiquei surpreendido, pois que, olhando em frente, deparei com um quadro por mim pintado por alturas de 1929, representando os arredores da Granja — a minha terra natal. A exposição, sob todos os pontos de vista, é uma atitude simpática e louvável. Mas não deveria ficar diminuída perante os meus olhos de artista com a confusão de alguém que tomou aquele quadro (que eu pintara sobre madeira contraplacada) como sendo uma pintura da autoria do maior-grado pintor Armando de Basto.

Creio, mesmo, que fácil seria a quem seleccionou aquelas obras verificar a diferença que existe entre a maneira de interpretar a paisagem e as coisas em Armando de Basto, e aquela que o quadro atribuído ao mesmo pintor revela. O quadro tem o numero 41 do catálogo e diz fazer parte da colecção do conhecido critico de arte sr. dr. José de Bragança.

Não creio que uma amostra de arte de tanta responsabilidade como esta, que representa aos olhos do publico nada mais nada menos que a «Exposição retrospectiva da obra do pintor Armando de Basto», possa ficar sujeita a confusões. Este quadro data da época em que eu partia para o Brasil a realizar a minha primeira exposição de pintura naquela Republica sul-americana, e que foi acolhida de maneira a constituir um grande êxito. Nessa mesma altura, isto é, um pouco antes, conhecia eu o consul do Brasil no Porto, dr. Admar de Melo que, ao visitar a minha exposição de pintura no salão da Misericórdia, na Rua das Flores, me convidou a visitar aquele país, patrocinando a minha exposição.

Sempre concorri às exposições de arte moderna (óleo e aguaforte) do Secretariado Nacional da Informação, e expunha ainda em Lisboa com o artista João Carlos, cada um dentro de sua maneira, mas unidos por aquele ideal de arte e de beleza, que é o que anima e dá coragem a todo o verdadeiro artista plástico.

Nunca gostei de me exibir, mas assim mesmo, visitando o meu «atelier» o ilustre diplomata Alfredo La Rosa, ministro da Venezuela em Lisboa, me convidou a revelar ao publico de Caracas a obra de um pintor português.

O que foi essa exposição falam por mim os inumeros recortes de jornais e de revistas que fazem parte do meu album de criticas.

Se assim não fora, poderia deixar em vão este «pecado» de arte. Mas faz pena verificar a maneira fácil (para não aplicar outro termo) como se classificam obras atribuídas a um artista já morto, sem se ter em linha de conta a maneira de realizar de cada um. — De V., etc., JOSE RODRIGUES.

1.º Salão de Arte Moderna

Termina amanhã, na Sociedade Nacional de Belas Artes o 1.º Salão de Arte Moderna.

Hoje, a exposição estará patente até às 23 horas, com intervalo das 20 às 21 horas, e amanhã, o horário será das 11 às 20 e das 21 às 23 horas.

O ministro da Saude inaugurou hoje a Fundação Nunes Martins

OLIVEIRA DO CONDE, 1 (Pelo telefone) — A partir de hoje começa a funcionar, nesta localidade a Fundação José Nunes Martins, facto que foi assinalado com várias cerimónias a que assistiu o sr. dr. Martins de Carvalho, ministro da Saude e Assistência.

A este membro do Governo, depois de ter visitado as instalações do Centro de Assistência Social Polivalente e do Hospital Sub-Regional, que serão mantidos pela Fundação, é oferecido um jantar que reunirá numerosos convivas.

COGNAC
MARTELL

Tágide APRESENTAM **Pa'm Beach**
Pela primeira vez em Portugal
Conjunto Alex William's com Laura Villa
Jean Siegfried
Conjunto Tobias Valido com Potier
Em pleno sucesso
Georges-André Martin
O famoso «Homem que dança com os dedos»
HELENA TAVARES — TONY & IDALECIA
ADULTOS (maiores de 17 anos)

Na «COZINHA ALENTEJANA»
HÁ: EMENTA BOLARIA PESSOAL E AMBIENTE DO ALENTEJO
UNICO RESTAURANTE PROVINCIAL EM LISBOA
Recomenda-se a marcação de mesas, que serão respeitadas até às 20.30 horas, para jantar
Av. do Aeroporto, Lote 66 — Telef. 727071 — LISBOA
«ENCERRA AS SEGUNDAS-FEIRAS»

De ontem para hoje

O SR. SPAAK EM LISBOA

O sr. Paul Spaak, dois dias nosso hóspede oficial e outros dois em visita particular aos centros pitorescos da nossa terra, falou aos jornalistas, à Rádio e à Televisão, sobre o Pacto do Atlântico e os graves acontecimentos que avassalam o Mundo. O preconizador do mercado comum e da coexistência pacífica na Europa atento observador e ele próprio accionador da política europeia, fez uma larga exposição acerca do que deverão considerar-se motivos de crise e impulso nos departamentos da N. A. T. O. Fizeram-na uma e exigem dela coisa para que não fora criada. Haverá, pois, que actualizar, não corrigindo mas ampliando. E de olhos postos no Extremo Oriente e os avisos da constante América, Dezembro próximo ha-de trazer, com a reunião dos ministros, estudos e soluções para a paz do Mundo. Respondendo, porém, aos jornalistas, no que respeita ao «controle» de experiências nucleares, foi de opinião contrária ao mesmo. Onde começa ou acaba o interesse dos Estados, que não seja o da própria Humanidade? A Aliança Atlântica tem hoje a sua comissão encarregada de estudar os complexos problemas decorrentes de uma associação, no campo da pesquisa e das realizações científicas. Velará pela defesa do Ocidente, e a integridade dos «Sputniks» que o assombraram e vexaram. Neste duelo de influências e corrida de morte para as descobertas nucleares, que será, porém, dos pobres seres terráqueos?

FEIXE DE IMAGENS

UM acordo franco-português, sobre abonos de família, foi divulgado em Paris. Por ele as famílias dos Portugueses que trabalham em França e dos Franceses que trabalham em Portugal, terão direito a usufruir as vantagens atribuídas nos dois países amigos. Medida de grande alcance, no campo da amizade e da justiça social, não poderá deixar de influenciar o grau das relações dos dois países.

* Dois pastores encontraram enterrados na areia, perto de Peniche, três caixotes com 30 mil estereógrafos. Venderam-nas e ofereceram-nas aos amigos, aparecendo mais tarde a reclamá-las Alberto Cardoso. Dizia terem-lhas roubado do automóvel e que as comprara em leilão da Alfandega. Foram todos a juízo e condenados mas o Supremo Administrativo não encontrou provas para os condenar, absolvendo-os.

* Cinquenta mil livros de ensino, no valor de 600 contos vão ser enviados às caixas escolares, para os estudantes pobres. A iniciativa pertence ao Subsecretariado da Educação Nacional que vai tomar medidas de execução imediata. Estão com um mês de ensino, ainda sem livros, os meninos pobres de Lisboa e Província.

* Bebera uma pinguita a mais, o Manuel Baeta (Cartes, Alvares). Mas que tinham com isso aqueles amigos? Que lhe atirasse pedrada o primeiro que não tivesse telhas de vidro. E o Claudino Alves Martins (um garoto de 23 anos, para o Baeta que tinha 56) não lhe atirou a pedrada mas as mãos à cara. Foi tamanha a bofetada que o ébrio desequilibrizou-se, caiu, fracturou o crânio e morreu.

* A Misericórdia de Coimbra, em cumprimento do instituído pela Fundação Perpetua «D. Maria do Socorro Pereira Reis», distribuiu treze dotes de 750\$00 a treze raparigas pobres, nascidas e residentes na cidade do Mondego. Outras catorze raparigas, que ainda este ano vão casar-se, receberão igual importância. Para os que morrem de sede uma gota de água lhes basta?

* Uma «irmã» do Albergue de S. José pôs-se a mexer nos papéis das internadas e descobriu que entre estas havia uma centenária. 101 anos tem a Maria Inácia Lagarto (cidade de Beja), que enfia agulhas sem óculos, faz meia, vai às compras e tem memória de ferro. Perdeu apenas o conto dos anos. Mas isso, dizem as outras, que foi só por garridice, para encobrir a idade. E encobria. Ninguém lhe dava (nem ela) mais de 97 anos.

* Um acidente invulgar foi esse em que perdeu a vida o fiscal da Caixa de Previdência dos Trabalhadores do Porto de Lisboa, Ernesto Amaro da Silva. O carro, em grande velocidade, enfiou sob o «chassis» de uma camioneta estacionada em local próprio e devidamente iluminada. Que se passou? Desvario do condutor ou um percalço imprevisto? Além da morte daquele, dois homens estão em perigo de vida. Mas para além da tragédia ocorrida para os lados da Av. Duarte Pacheco, há o estado psicológico em que parece viver quem conduz carros.

JORNAL PEQUENO

O Chefe do Estado recebeu o comandante José Simões Vaz; no seu livro de cumprimentos inscreveram-se os deputados Urgel Horta, Simeão Pinto de Mesquita, Sócrates da Costa, João de Brito e Cunha, Aires Martins, José Rodrigo de Carvalho, João Cerveira Pinto, José António Ferreira Barbosa, Antão Santos da Cunha e Manuel Cerqueira Gomes. * A Liga Portuguesa de Educação Sanitária cumprimentou o ministro do Interior a quem expôs o seu plano de trabalhos, ouvindo o prof. Pires Cardoso palavras de muito apreço. * Reuniram-se num jantar alguns participantes na Conferência Diplomática de Lisboa que, como noticiámos, terminou ontem os seus trabalhos. * O director do Instituto Superior de Agronomia, presentemente em Luanda, fez uma conferência no Palácio do Comércio, acerca do «Espírito de missão». Presidiu o ministro do Ultramar. * O Senado Universitário de Coimbra prestou homenagem à memória dos profs. Joaquim de Carvalho e Ernst Matties. * O Ministério da Saúde concedeu cerca de 2 mil contos para obras de assistência (quase todas das Misericórdias). * No lugar de Redinha (entre Condeixa e Pombal) um automóvel conduzido por João Ferreira Baptista (R. Carlos Mardel, 118) atropelou mortalmente o trabalhador José Gonçalves (Oliveira de Azeiteis). * Em Beja, foi também mortalmente colhida por uma camioneta a estudante Carmelina Felício (14 anos), filha do cantoneiro António Felício.

Os problemas da pesca em Angola e a necessidade de os resolver

LUANDA, 1.—«A importantíssima actividade da pesca angolana está cheia de problemas de crescimento, que embaraçam a sua vida, nomeadamente no campo financeiro e na organização técnica» — declarou o presidente da Associação Comercial de Luanda, sr. Américo Aleixo, ao ser entrevistado pela A. N. I. sobre a presente situação da pesca nesta província.

—Desde quando ocupa a indústria da pesca e seus derivados o segundo lugar nas exportações totais de Angola? — perguntámos.

—Há dois anos, graças aos esforços da indústria local — respondeu.

Como retorquissemos que, sendo assim, não compreendíamos que se pudesse falar de crise, Américo Aleixo salientou que essa «crise» era devida à baixa de preços e à falta de pescado, o que, no entanto, tem melhorado nos últimos meses.

—Existe, realmente, em Angola, o problema das salmonelas? E qual a sua influência no quadro, das exportações? — inquirimos.

—As salmonelas são um problema mundial que tem aqui repercussão — disse. E acrescentou estar a exportação da farinha de peixe «a padecer de males que resultam da campanha movida por países nela interessados, devido à rivalidade dos mercados».

«Por outro lado — disse — a percentagem dos pescadores europeus em Angola é de cerca de 25 por cento. Esta percentagem, porém, tem vindo a aumentar e, solucionados os problemas da pesca, ainda mais subirá. Presentemente, a pesca pode ufanar-se de ser a actividade que emprega maior numero de trabalhadores metropolitanos.

«Além disso, a intensificação desta utilíssima obra depende, em grande parte, da solução dos problemas que afligem a pesca, solução que cremos estar iminente».

Quanto às disposições de carácter social actualmente em vigor para protecção dos pescadores, o presidente da Associação Comercial salientou:

—Até aqui, têm sido as entidades patronais que têm assegurado essa assistência, que pode considerar-se de bom nível no que se refere aos pescadores metropolitanos e suas famílias.

A terminar diz: —Estamos convencidos de que a criação de Casas de Pescadores e de Escolas de Pesca se não fará demorar, sendo utilíssimo complemento de quanto já se conseguiu realizar no sector da pesca. — (A. N. I.).



O Papa João XXIII recebendo as homenagens do cardeal polaco Wyszyński

O Papa celebrou a missa do Dia de Todos os Santos e recebeu vários cardeais

CIDADE DO VATICANO, 1. — O Papa recebeu hoje mons. Domenico Tardini, pró-secretário de Estado, e os cardeais Francis Spellman, James McInture, José Caro Rodriguez e Enrique Plá y Daniel, arcebispos, respectivamente, de Nova York, Los Angeles, Santiago do Chile e Toledo.

Crê-se que o tema das conferências tenha sido a revisão de possíveis candidatos ao barrete cardinalício a serem propostos durante o Consistório que se espera reúna antes do fim de Janeiro.

O Sumo Pontífice, dedicou a todos os Santos de Deus, canonizados e não canonizados, conhecidos e desconhecidos, a missa que celebrou, esta manhã, na capela particular dos aposentos pontificios, em comemoração do Dia de Todos os Santos. Iniciou o ofício divino às 7 horas (locais). A capela privativa é adjacente aos aposentos que o Papa ocupa, no terceiro andar do palácio do Vaticano.

O Pontífice recomendou duas orações para o mês de Novembro, uma de «intenção geral» e outra de «intenção missionária». A intenção geral promove preces para «uma formação cada vez mais firme do apostolado leigo. A segunda é dedicada à esperança de que «os católicos se oponham eficazmente, na América Latina, ao perigo da corrupção da fé e dos costumes». — (Franc. Presse e A. N. I.).

As Organizações Internacionais Católicas nas cerimónias da coroação

FRIBURGO, (Suíça), 1. — As Organizações Internacionais Católicas serão representadas nas cerimónias da coroação da Papa João XXIII por uma delegação constituída por cinco membros, chefiada pelo seu presidente, Dubois-Dumée — segundo foi anunciado.

A Conferência das Organizações Internacionais Católicas tem a sua sede em Friburgo e constitui o organismo coordenador de 33 organizações internacionais.

Será a primeira vez que as O. I. C. estarão representadas, oficialmente, na cerimónia da coroação de um Papa. — (A. N. I.).

Uma amnistia em Espanha

MADRID, 1. — Por motivo da coroação do Papa e em homenagem à memória de Pio XII, o conselho de ministros, reunido sob a presidência do general Franco, aprovou um decreto que concede a amnistia a condenados por delitos de direito comum e outros julgados pelos tribunais especiais. — (F. P.).

Outras individualidades que vão assistir à coroação

De avião, partiu esta manhã para Roma, acompanhado de sua esposa, o sr. visconde de Botelho, camareiro secreto de Capa e Espada

de Sua Santidade, que vai assistir às cerimónias da coroação do Papa João XXIII, em representação do conselho da Ordem do Santo Sepulcro.

No mesmo avião, seguiu também o sr. conde de Barcelona, que igualmente vai assistir à coroação do Papa.

Beatificação de Pio XII?

CIDADE DO VATICANO, 1. — É provável que o processo de beatificação do Papa Pio XII seja proposto por João XXIII — dizem círculos autorizados do Vaticano. — (A. N. I.).

A partida para Roma do ministro dos Estrangeiros

(Continuação da 1.ª página)

A despedir-se do ministro dos Negócios Estrangeiros e dos restantes componentes da missão, excepto do sr. general Luís da Camara Pina, que se encontra em Londres e seguirá directamente dali para Roma, estiveram no aeroporto da Portela, entre outras individualidades, os srs. almirante Quintanilha de Mendonça Dias, ministro da Marinha; dr. Ubach Chaves, subsecretário de Estado da Indústria; eng. Kruss Abecassis, subsecretário de Estado do Fomento do Ultramar; dr. Abílio Pinto de Lemos, director-geral dos Negócios do Ministério dos Negócios Estrangeiros; e general Venancio Deslandes, capitão Sá Nogueira, peço ministro da Defesa, comodoro Noronha de Andrade, e embaixador Calheiros de Meneses.

Paul Spaak visitou Sintra e almoçou no Estoril

O sr. Paul Spaak, secretário-geral do Conselho da N. A. T. O., que permanece hoje e amanhã em Portugal em visita particular, deu esta manhã um passeio por Sintra, acompanhado dos elementos da sua comitiva, pelo embaixador dr. António de Faria e dr. Freitas Cruz, do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Depois, na sua residência do Estoril, o sr. conde de Tovar, antigo representante de Portugal na N. A. T. O., ofereceu o sr. Paul Spaak um almoço íntimo, no qual participaram também as individualidades acima citadas.

O sr. Paul Spaak, que regressou a Lisboa a bordo da vedeta de fiscalização «Espadilha», na qual embarcou no Clube Naval de Cascais, visitará amanhã Obidos e Tomar, também na companhia do embaixador dr. António de Faria e dr. Freitas Cruz.



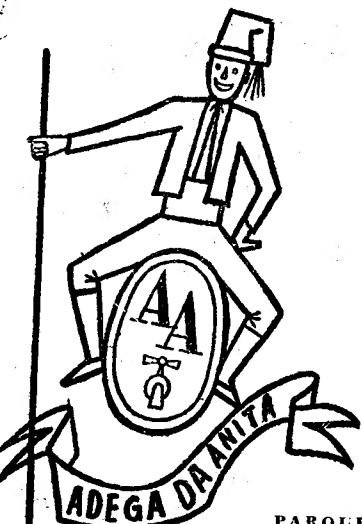
HOTEL EMBAIXADOR

apresenta no «Terraço das Estrelas»
hoje, à 1 hora

RINO SALVIATI

VOZ DE OIRO DA CANÇÃO ITALIANA

(Adultos — Maiores 17 anos)

PARQUE
MAYER
Telefone 23868Abrir ontem ao publico com
um elenco de ouro:

ANITA GUERREIRO

MANUEL FERNANDES

NATALINA PROENÇA

Acompanhados por

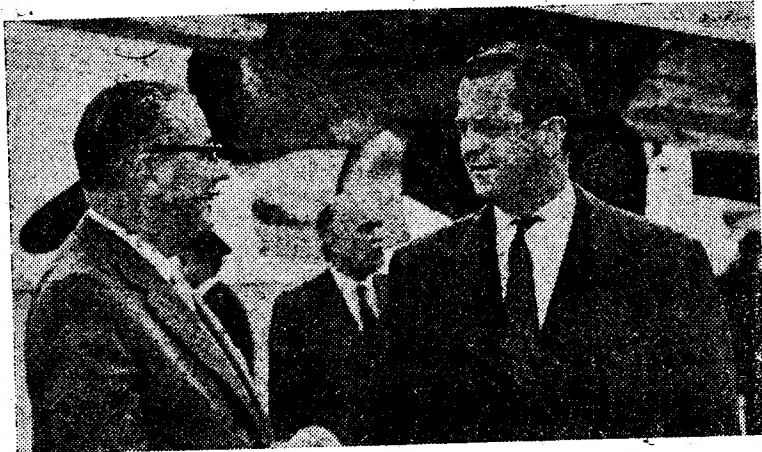
Júlio Gomes (viola) e Jorge
Fontes (guitarra)

(Para adultos - Maiores 17 anos)

ABERTO ÀS 10 DE MADRUGADA

Leiam o «E-PRÉ-FIXE»

Uma das mais importantes personalidades da Organização Rank chegou a Lisboa



Mr. Paul E. Bethell-Fox e Mr. Geoffrey A. Foster

Chegou anteontem a Lisboa, procedente de Paris, o sr. Paul E. Bethell-Fox, gerente de J. Arthur Rank Film Distributors, para o Hemisfério Ocidental e uma das mais proeminentes figuras da referida organização cinematográfica que vem a Portugal em viagem de inspecção aos serviços de distribuição. O sr. Bethell-Fox, que era aguardado no aeroporto pelo administrador da Organização Rank em Portugal, sr. Geoffrey A. Foster, fez coincidir a sua primeira visita a Portugal com a estreia em Lisboa e Porto do filme «A Tragédia do Titânico», deslocando-se por isso também ao Norte do País. No seu primeiro contacto com a Administração em Portugal estabeleceram-se importantes medidas que assegurarão no futuro uma maior expansão do filme inglês, tanto na Metrópole como no Ultramar.

«O Mentiroso», de Goldoni, no Avenida

A estreia da companhia do «Teatro de Sempre», ontem à noite, no Avenida, dificilmente poderia não ficar aquém daquela expectativa que o longo desmaio estival de um teatro já tão anémico entre nós havia exasperado. O pano subia sobre uma atmosfera ansiosa de aguardo e de esperança. A escolha fora feliz para um início de temporada. Tratava-se de demonstrar simplesmente a actualidade de Goldoni — ou que o moderno afinal é sempre o eterno. E sob a orientação (que já noutra revoada de sonho provará bem em Lisboa) de um mestre italiano aclimatado à nossa psique e ao nosso gosto, dois jovens grandes artistas, saídos do Nacional — Carmen Dolores e Rogério Paulo — jogavam um lance melindroso. Que sucedeu? Quis acaso Gino Saviotti, consentindo dois ritmos de interpretação quase antitéticos, ilustrar a génese sinuosa do teatro realista que, em meados do século XVIII, Goldoni fez brotar das convenções exangues, mas ainda bem aceites, e da indisciplinada fantasia da Commedia dell'arte?

O grande mérito da reforma operada por Goldoni no teatro italiano reside essencialmente na reabilitação do texto, na introdução de valores éticos e psicológicos no que já era tão-sómente um divertimento bulhoso e inextricável, onde o actor

soberanamente reinava, num delírio de improvisação. Se é certo que a redacção um tanto apressada das suas comédias de caracteres nunca logrou um alto apuro literário nem lhe permitiu singularizar-se pela profundidade de análise, não é menos verdade que nelas se exerce subtil crítica de costumes, através de uma linguagem viva e espirituosa, de uma acção fértil e enfiada logicamente encadeada. Mesmo prejudicada ao de leve por uma tradução (de G. Molinar) amiúde demasiado «escrita», esta comédia do Molière pisano, que nos é servida sem anacronismos rejuvenescentes nem flores de encenação, resiste à prova do tempo. Trata-se de uma tentativa porventura menos bri-

perência do estreante Armando Calbetudo Florindo (Armando Caldeira), o pretendente silencioso, insinuando, na seriedade com que nos são apresentadas, o progresso da visão realista. Entre umas e outras se situam Pantalão (Samwel Dinis), o honrado comerciante, característico, mas já bem pouco caricato, e o Doutor (Henrique Santos), em plena transição da comédia dell'arte para o realismo burguês de Carlo Goldoni, curiosamente grotesco e humano na sua pressa de casar as filhas e na atribulada comoção com que defende o seu lar dos canoros embusteiros. Acontece, é claro, que a interpretação global a fora a discutível, mas defensável, divergência de «ritmos», peca bastante por desequilíbrio. Assim, tanto a compromete por vezes a visível inex-



Algumas figuras de «O Mentiroso», vistas por Fernando Bento

lhante do que a da «Locandiera», que o Nacional nos deixou na memória, mas igualmente digna. Não faltará decerto quem gostasse de encontrar na cena-múltipla (de Manuel de Oliveira), nas iluminações, sobretudo nos figurinos (de Graz), um sublinhado estético mais firme e original. Entretanto, há que contrair em que a personagem do Mentiroso — Il Bugiardo — a que hoje, após o freudismo e a voga da psicanálise, chamaríamos de bom grado «mitómano», é infinitamente rica de contornos e cambiantes, pitoresca no desgarre, saborosa pela facundia. Aliás, Rogério Paulo, dentro do ritmo «realista», mas com a exuberância que a figura requer, consegue o gesto dourado, a justa cintilação verbal, na exacta fronteira do retrato complexo e polimorfo com a caricatura. E é esse seu poder de radiação que congloba e dá certa solidez aos elementos dispersos da anedota e à natural diversidade da comparsaria, exagerada por uma confessa e evidente espontaneidade de encenação e interpretação. Espontaneidade que — note-se — não significa debilidade mas apenas contradição, posto que em matéria de inteligente, rigorosa e hipersensível composição de um papel raramente se nos depara até um exemplo mais impressionante que o de Carmen Dolores, sujeitando-se, sem jamais exorbitar, sem tão-pouco se diminuir, às contingências do desempenho de Rosaura, a menina casadoura, palpitante de emoções na sua casta varanda, deslumbrada, seduzida e finalmente agoniada pelas «espirituosas invenções» do Mentiroso.

O filho de um mercador veneziano, melhor provido de arrojo e engenho que de sensatez, regressa de Nápoles à cidade ducal da intriga e do amor e logo na noite desse retorno cai em plena aventura, usurpando os benefícios da serenidade que um anónimo enamorado manda cantar sob a janela da sua bela. Daí por diante, de mentira em mentira, substituindo-se sempre ao tímido apaixonado, cuja constância só no final triunfará, ele vai acastelando as mais absurdas patranhas. Algumas personagens, tais o Arlequim (Alexandre Vieira) e a Colombina (Madalena Soto), vindas da comédia de máscaras, mas corrigidas já com traços morais particularizantes, mantêm um ritmo «ballético», que, se por um lado destoa do conjunto, por outro lado assinala na peça a continuidade forçosa daquele delicioso e fútil género mal extinto, enquanto outras, como Octávio (Luís Filipe), Beatriz (Catarina Avelar), a irmã anvidosa, e so-

deira, quicá prometido a futuros êxitos, que só lhe desejamos, como outros passos a eleva o talento cómico inegável de Alexandre Vieira ou o real instinto dramático, ainda incerto mas chamejante, de Catarina Avelar. Quanto aos mais, louvemos, pois é justo fazê-lo, o brio e a gentileza de Madalena Soto, a «maítrise» de Savel Dinis, a veemente sobriedade de Luís Filipe, a veia burlesca (só com um ou outro falso diapasão) de Henrique Santos, a acertada colaboração de Alberto Ghira e Constança Navarro. Alberto de Oliveira, outro jovem actor, tem a seu cargo um pequeno papel, de que se desincumbe correctamente. Nem sempre a marcação será a mais conveniente, a mais perfeita, e daí algumas escusadas lentidões, mormente no primeiro acto, mas a impressão geral que se colhe deste espectáculo é tão positiva que nos permite congratularmo-nos com o bom emprego do Fundo de Teatro, augurando a nova companhia e a esta sua peça de estreia o êxito que pelas suas ambições e pelos seus resultados merece.

A abrir o espectáculo, três artistas que não tomam parte no desempenho da comédia — Adelina Campos, Beatriz de Almeida e Mário Pereira — dialogaram um sugestivo prólogo de Gustavo de Matos Sequeira.

U. T. R.

O «DANCING» ONDE LISBOA NUNCA FALTO

Pasapoga

TELEF. 23584
AV. DA LIBERDADE, 137
ADULTOS
(MAIORES DE 17 ANOS)

EM PLENO EXITO SENSACIONAL:

BALLET MILOS RISTIC
Uma atracção-espectáculo de classe excepcional

A NOTAVEL PARELHA **HERMANOS ANTUNEZ** EM BAILE ESPANHOL

A FORMOSA VEDETA **MARIA DEL SOL** EM ADMIRAVEIS BAILADOS

A MAGNIFICA PARELHA **ISABEL Y PACO** EM DANÇAS CLASSICAS

Permanente musica de baile por **SÉRGIO E SUA ORQUESTRA**

MARIA VITÓRIA

EMP. «E. SALVADOR»
c R. MARTINS, I.D.A.



SALVADOR

SALVADOR

APRESENTA

BIBI FERREIRA-ANTÓNIO SILVA
BARROSO LOPES - HUMBERTO MADEIRA - MIMI GASPAR
e a grande atracção argentina
PERLA CRISTAL

NA GRANDE REVISTA POPULAR
POR CAUSA DELAS...



BIBI FERREIRA

Amanhã — Domingo

ESPECTÁCULOS
3 À TARDE
AS 16 HORAS
E AS 20.30 E 22.45

Para adultos — M/17 anos

TOIROS na Moita do R batejo

Domingo, dia 2, às 13 horas

Grandioso Festival Taurino em homenagem ao novilheiro

MANUEL RODRIGUES

CAVALEIROS

Pedro Loureiro
David Ribeiro Teles
António Figueiredo Capela

«ESPADAS»

José Trinchera
Amadeu dos Anjos
Manuel Durão
José Simões

e **Manuel Rodrigues**
que reaparece depois da grave colhida

CAFÉ CHAVE D'OURO

Salão de Chá

das 17,30 às 20
e das 22,30 às 3,30

Musica de dança pelo dinamico conjunto

«VERA CRUZ»

Com o vocalista
JULIO AMARAL

/ Maiores de 15 anos

Leiam o «SEMPRE FIXE»

TEATRO
MONUMENTAL

Emp. LAURA ALVES — T. 55133

(Admitos M/17 anos)

HOJE às 21.45 h.

OTEMPO PASSA... O ÊXITO CONTINUA!

ENTRA TRIUNFALMENTE EM

5.0

MES

AMANHA Esp. às 16 h.

A seguir a peça de Colette «GIGI»

ASSIS PACHECO ALVES A COSTA

LAURA ALVES

A RAINHA DO FERRO-VELHO

Festivos e Cinemas

Atrás do reposteiro

No seu Teatro de Bolso, inaugura-se hoje a nova temporada do Teatro Experimental do Porto, que António Pedro dirige. Sob a pena de «Volpome», de Ben Jonson, interpretada pelos seguintes artistas: João Guedes, Vasco de Lima Couto, José Pina, Rui Furtado, Baptista Fernandes, José Silva, Fernanda Gonçalves, Almeida Teixeira e José Brás.

— A actriz Maria Dulce, indicada para o elenco do Teatro Avenida, não fará parte do quadro artístico do «Teatro de Sempre», mas oportunamente participará da interpretação duma nova peça.

— O actor Rui Metelo, por dificuldades surgidas inesperadamente, desistiu por agora de seguir em digressão para Angola.

— Deve embarcar hoje no Funchal, com destino a Lisboa a actriz-declamadora Dulce de Oliveira, por ter concluído a digressão que fez pelas ilhas.

— Camilo de Oliveira, Mara Abrantes, Almeida e Zúrita de Oliveira, vão participar de um espectáculo, que se realiza no Barreiro.

— Amadeu do Vale e Aníbal Nazaré estão já a escrever uma nova revista, destinada à companhia do Teatro Maria Vitória.

— No «Teatro ABC» começaram já os ensaios de coreografia da nova revista, que, este mês, estreará.

— O conjunto cénico do Clube Atlético de Queluz, leva hoje à cena a comédia «O Padre Piedade».

Primeiras exhibições

«A tragédia do Titanic», no S. Jorge

O cinema inglês replica a Hollywood e dá-nos o seu depoimento sobre a tragédia do «Titanic», que foi uma dura machadada numa época orgulhosa e confiante. O «Titanic» é o símbolo de um século XIX (a penetrar no século XX) auto-suficiente, super-científico, assombrado pela técnica. O desastre de colosso, esventrado por um iceberg, abalou o Mundo. E' um mundo que se desmorona. Estabe-

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

lece-se o pânico. Surgem os cobardes, os heróis, os chefes. O «Titanic» mergulha, ferido de morte.

Roy Baker, assistido por técnicos da marinha, após longos e sérios estudos, utilizando o testemunho de muitos dos sobreviventes, construiu uma obra honesta, segura e equilibrada. O filme não tem rasgos agudezas, penetração. Mas é cuida-

do, objectivo, bem estruturado. A acção é ritmada, desenvolve-se numa crescente aceleração (o intervalo vem sabotar as intenções do realizador) e atinge uma grande intensidade. As figuras estão mal tratadas, muito resumidas. Se o realizador se demorasse mais na sua definição, o conflito seria eficaz.

A interpretação é razoável. O capitão, o construtor do navio, o jogador destacam-se. Excessivamente folhetinesco o super-humano 2.º oficial (Kenneth Moore). Filme vulgar pela seriedade com que foi elaborado, reportagem completa de um dos maiores dramas do século. obra de grande unidade. — Visor 100.

Pedro Infante

no Odeon

Do «Diário Ilustrado» de 30-10: «...contando com a inegável simpatia de Pedro Infante, o malogrado actor mexicano que, tão cedo foi arrancado do mundo que o glorificou para a paz tumular, estreou-se ontem um filme no Odeon. Rosita Quintana, com a sua graciosa e fresca, também contribuiu para o agrado da película. O entrecio com suas notas sentimentais

Esplanada do Rato?

Espectáculo para **NINA** Adultos—M. 17 anos
BOITE DE NUIT
HOJE—ESTREIA
LONDON REGENT BALLET
UM ACONTECIMENTO ARTISTICO

e em que, mais fundamentalmente, se pretende legalizar a situação duma rapariga, cujo nascimento inflicto a mãe, está bem urdido. E como anula com bonitas canções e musica de fácil assimilação, tudo que poderia ser trágico, a película resulta agradável, bem humorada, forçando, constantemente ao riso e, às vezes, á gargalhada estridente. Pode chegar-se á conclusão de que a melhor solução para complicados problemas, aparentemente insolúveis, é uma canção melódica no género das que tornaram Pedro Infante inconfundível. Talvez, por isso, o filme que ontem iluminou o ecran do Odeon, agrade sem reservas...» (Maiores de 12 anos).

Crianças ao circo!

Esta noite, todas as crianças podem aplaudir no Coliseu, a gigantesca companhia internacional de circo. Os filhos do céu e os loucos da pista. Avalanche de gargalhada e de emoção. Amanhã, 2 espectáculos à tarde, o 1.º às 14,30 e o 2.º às 17,15, para crianças.

Todas as crianças podem ir esta noite ao Coliseu admirar a Companhia de Circo Americano, com os maiores prodígios do Mundo. Espectáculo no ar e no solo. Palhaços, acrobatas, trapezistas, equilibristas, saltadores, chineses, cães, pombos, aramistas, meteoros humanos, e muitas outras novidades alucinantes. Amanhã, às 14 e 30 e 17 e 15, tardes infantis.

Lisboa, 1 de Novembro, 1958

APÓS 31 DIAS DE INCOMPARAVEL SUCESSO, ENTRA HOJE EM

2.º MÊS DE EXIBIÇÃO

o filme que é o MAIOR ACONTECIMENTO DA HISTÓRIA DO CINEMA



A decoração da fachada principal do Império efectuada pelos artistas Teodoro e Mário Garcia, que, com a Av. Almirante Reis, constitui a maior até hoje feita em qualquer cinema da Europa

Com o mesmo interesse do primeiro dia, multidões, constituídas por pessoas de todas as classes sociais, acorrem ao Império para admirarem, a prodigiosa obra de Cecil B. De Mille

OS DEZ MANDAMENTOS

em exclusivo rigoroso daquele cinema
UM FILME PARAMOUNT MAIORES DE 12 ANOS

Cartaz dos Cinemas

SAO LUIZ
TEL. 27175

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
A maravilhosa, deslumbrante e encantadora comédia de amor

INDISCRETO

com Ingrid Bergman e Cary Grant

EDEN
TEL. 20768

15.30 - 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
A original sátira

JACOBOWSKY E O CORONEL

Não rirá com DANNY KAYE, mas pensará com ele na sua mais profunda e original criação.

(Adultos maiores 17 anos)

CONDES
TEL. 22523

15.15 e 21.15 (M/17 anos)
A obra imortal de Victor Hugo em Technicolor

OS MISERÁVEIS

com Jean Gabin, Daniele Delorme e outros

AVANADE
Telefone 763080

15.15 e 21.45 (M/17 anos)
Conheciam-se... sabiam que não deviam... mas não puderam resistir

INDISCRETO

com Ingrid Bergman e Cary Grant

CINEMA IDEAL
Telefone 4194

A's 21 (M/12 anos)
Cinemascope
O MONTE DO DESESPERO
A filha de Rosie O'Grady

RISTEIO
Telefone 610375

21.15 (M/17 anos)
Cinemascope
O HOMEM QUE NÃO QUERIA MATAR
com Don Murray

FIVOLI
TEL. 50595

A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M/17 anos)
2.ª SEMANA
O maravilhoso filme colorido francês

UM RAPAZ ENCANTADOR

com Zizi Jeanmaire e Daniel Gelin
Coreografias de Roland Petit
Amanhã, às 11 horas — Nossa Senhora de Paris — (M/17 anos).

POITEAMA
TEL. 26306

15 - 18.15 e 21.30
4.ª semana triunfal com o extraordinário filme de rara envergadura espectacular em Cinemascope

O BAILE DOS MALDITOS

c/ Marlon Brando e Montgomery Clift (Adultos — M/17 anos)

MONUMENTAL
TEL. 5513

A's 15 e 21 h. (M/17 anos)
O maior acontecimento da cinematografia europeia

OS MISERÁVEIS

com Jean Gabin, Daniele Delorme e outros

ROYAL
TEL. 645037

A's 21 (M/12 anos)
O NAVIO MORREU DE VERGONHA

O homem do momento

PIE
TEL. 48560

A's 21 (M/12 anos)
A RAINHA ATÉ AO FIM
Sangue e luz

GERRASSE
TEL. 90917

A's 21 (M/17 anos)
AS NOITES DE CABRIA
Moulin Rouge

A NOIVA DO MAR

com Joan Collins

IMPERIO
TEL. 55134-5

A's 15 e 21 h. (M/12 anos)
5.ª SEMANA
O maior acontecimento da história do cinema

OS DEZ MANDAMENTOS

de CECIL B. DE MILLE com um elenco fabuloso — Rigoroso Exclusivo —

SAO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 54153

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
O maior acontecimento Cinematográfico!

KENNETH MORE em A TRAGÉDIA DO TITANIC

Um rigoroso exclusivo deste cinema

ROMA
Telefone 72778

15.30 - 18.30 e 21.45 (M/17 anos)
3.ª SEMANA
Bela, atrevida e perigosa

NATHALIE

com Martine Carol e Mischa Auer

ODEON
Telefone 26283

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
Um espectáculo gracioso, alegre e sentimental

O PINGA AMOR

com Pedro Infante e Rosita Quintana
Boas canções, boa disposição e situações complicadas.

AVIS
Telefone 47163

15.30 - 18.30 e 21.45 (M/12 anos)
8.ª SEMANA
O mais belo romance musical

A RAPARIGA DAS VIOLETAS

com Sara Montiel e Raf Vallone

TEATRO HOJE

AVENIDA

2.º DIA

DUM GRANDE ACONTECIMENTO TEATRAL

A's 21.45 horas

A Empresa Laura Alves em colaboração com Giuseppe Bastos apresenta

UM CONJUNTO ADMIRÁVEL, MODELAR, PLENO DE INTERESSE NUM ESPECTÁCULO INÉDITO E DIVERTIDÍSSIMO!

A nova companhia do

«TEATRO DE SEMPRE»

subsidiada pelo Fundo de Teatro, sob a direcção artística de GINO SAVIOTTI, na irresistível comédia de máscaras de CARLO GOLDONI

O MENTIROSO

e ainda o prólogo de Matos Sequeira
«Três personagens à procura dum papel»
Espec. p.ª maiores de 12 anos

AMANHÃ, DOMINGO, às 16 h., Espectáculo à tarde

DESPORTOS

HÓQUEI EM PATINS

O Moçambicano Moreira foi o homem da primeira jornada da Taça Latina em Barcelona

BARCELONA, 1. (Especial para o «Diário de Lisboa»). — Como se esperava a equipa portuguesa encontrou na Itália um adversário valeroso e que leimou — mais uma vez em não se deixar bater pelos campeões do Mundo, neste torneio da Taça Latina de hóquei em patins. Já em Paris, em 1956, o despique

Bouçós encarregado de marcar o castigo, teve a virtude de desempenhar a difícil missão com a presença de espírito, uma das suas melhores armas.

*

A Espanha venceu, como se disse, a França, por 12-1, com 7-0, ao intervalo. Os nossos vizinhos exibiram-se em excelente plano. Todavia, os «tricolores» facilitaram, grandemente, a tarefa do «cinco» de Espanha, que, portanto, prossegue na posição de favorito.

CALENDARIO

ONTEM

Portugal-Itália ... 1-1
Espanha-França ... 12-1

HOJE

Portugal-França
Espanha-Itália

AMANHÃ

Itália-França
Portugal-Espanha

entre Transalpinos e Lusitanos concluiu com a igualdade a dois tentos; o ano passado, em Bolonha, foi idêntico ao de ontem 1-1.

E a verdade é que a marca não deixa de corresponder à marcha do jogo, pois se o «cinco» das quinas actuou durante mais tempo na pista defendida pelos Italianos, estes, quando lançados ao ataque, foram mais incisivos e perigosos. Momento quando o remate partia do stick do experimentado Panagini, um hóqueista que não respeita a própria idade...

Todavia, os golpes saídos do alcu de Panagini e até de Ferini não tiveram a sorte que os seus autores buscavam, o que os Portugueses ficaram a dever quase unicamente ao lourenço-marquino Moreira — um homem que arrebatou o público barcelonês, o qual vibrou e ovacionou muitas das intervenções do magnífico jogador ultramarino que foi o maior de todos os dois desafios disputados, não obstante a marca de 12-1 conquistada pelos Espanhóis ante os Gauleses.

Ficou, portanto, o quadro português a dever a Moreira, mais do que a qualquer outro, o «nulo» arrancado em frente dos Italianos e que de certo, lhe permitirá pensar em classificação razoável.

Ajora Moreira, há a evidenciar a exibição de Edgar, o segundo melhor português. O médio sintense, depois de um começo hesitante, ganhou confiança e, no segundo trecho da partida, chegou a atingir bom plano. Com efeito, Edgar, com as suas peculiaridades incursões, apoiadas, de perto, e directamente, o bndário dianteiro, deu mais coesão à equipa, melhoria ainda proveniente da subida de forma de Fernando Adrião que, nos vinte minutos iniciais, esteve longe de constituir a pedra valerosa que se pretende encontrar num médio de hóquei patinado. Adrião foi ainda uma fonte de penalidades provocadas pela forma enérgica como, já tradicionalmente, disputa o esférico com o «velho» Panagini.

Bouçós, o condutor do jogo ofensivo, teve actuação regular. Há, porém, a lamentar que não haja rematado com mais assiduidade, se bem que possa apresentar como atenuante a circunstância dos Transalpinos fecharem, quase herméticamente, a baliza, o que implicava a extraordinária dificuldade em encontrar ângulo de tiro. Correia dos Santos, por seu turno, não foi o jogador que nos habituámos a ver na sua equipa. Faltou-lhe, ao contrário do que lhe é normal, poder de penetração, escolha de posição propícia, na pista, para disparar os remates secos, umas vezes; ou subtils outras.

Nos Italianos além de Panagini, cuja experiência e enaço pela baliza são dois trunfos de grande valor. Moro esteve à altura das suas responsabilidades. O «penalty», que provocou e havia de ditar o empate, foi mera consequência dos persistentes ataques dos Portugueses

Novos dirigentes na Federação de Voleibol

O congresso ordinário da Federação Portuguesa de Voleibol reuniu-se, ontem, para eleger os novos corpos gerentes. Esperava-se uma sessão tranquila, mas uma série de surpresas «aqueceram» o ambiente e, ao fim e ao cabo, após o apuramento das eleições, a direcção da Associação de Lisboa demitiu-se, colectivamente, desgostosa pelo facto de ter surgido uma lista que era apoiada pelas Associações do Porto e de Coimbra.

A votação para presidentes forneceu o resultado seguinte: Carlos Lopes (congresso); brigadeiro Carlos Chaby (direcção); tenente Paulos do Rosário (conselho fiscal), e António Couceiro (conselho técnico).

O sr. brigadeiro Carlos Chaby declarou reservar para outra altura a aceitação ou não do cargo para que foi eleito.

Jogo de Damas

Numeração de Vandermonde

I

O «Regulamento y Código del Juego de Damas» (Editorial Grabo — Buenos Aires, 1937 e 1942) explica a Numeração de Vandermonde como segue:

Sistema de Vandermonde

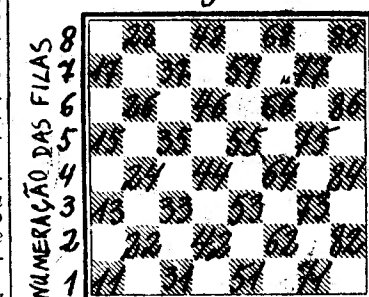
Consiste em numerar as colunas e as filas como indica o diagrama n.º 1, para o tabuleiro de 64 casas:

DIAGRAMA N.º 1

NUMERAÇÃO DE VANDERMONDE

Contagem a partir da linha básica das BRANCAS.

negras



NUMERAÇÃO DAS FILAS
1 2 3 4 5 6 7 8
NUMERAÇÃO DAS COLUNAS
BRANCAS

«Neste sistema, cada casa é designada por um número de dois algarismos, indicando o primeiro algarismo, ou seja o da esquerda, o número da coluna, e o outro algarismo o número da fila.

«No tabuleiro de 100 casas, pode-se aplicar este sistema numerando igualmente as colunas e as filas de 1 a 10; mas para abreviar pode-se indicar a 10.ª fila por um zero (0), e o mesmo se pode fazer com a 10.ª coluna.

«Neste método, cada bando ou cor pode anotar as suas próprias jogadas contando as filas e colunas a partir da sua linha de casas básicas».

II

Para esclarecimento dos nossos leitores publica-se no diagrama n.º 2 a numeração a partir da linha de casas básicas do bando negro, de acordo com a última parte da regra de numeração pelo Sistema de Vandermonde, acima transcrita:

ELNA

Maquinas de costura, pequeninas simples, bonitas e maravilhosas. Aproveite agora o preço ocasional

VENTAS E REPARAÇÕES

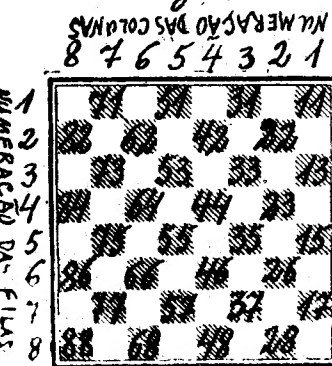
Em Lisboa — Largo da Trindade, 17
no Porto — R. Sá da Bandeira, 69-2.

DIAGRAMA N.º 2

NUMERAÇÃO DE VANDERMONDE

Contagem a partir da linha básica das negras

negras



BRANCAS
III

Conforme se verifica pela transcrição acima, e pelos diagramas n.º 1 e 2, o Sistema de Vandermonde permite duas contagens independentes, dando lugar a duas numerações também independentes: — uma a partir do Bando Branco e outra a partir do Bando Negro. Isto é contrário às regras da Numeração Portuguesa, mas era um defeito comum à maioria das numerações do tabuleiro usadas na época em que Vandermonde viveu (1735-1796).

Este defeito era originado pela suposta vantagem das numerações independentes para cada adversário para efeitos de memorização; e ainda hoje tem adeptos no xadrez (Notação Descritiva). Mais tarde comprovou-se que as numerações de base única são mais vantajosas, também sob este aspecto da memorização.

IV

Mas não é só na existência de duas numerações diferentes que o Sistema de Vandermonde difere da Numeração Portuguesa. Existem outras diferenças entre estes dois sistemas de numerar as casas do tabuleiro. Estudaremos as restantes diferenças nas crónicas seguintes. Ou — melhor — voltaremos a estudá-las, porque já o fizemos várias vezes nesta e noutras secções de Damas, tendo sido a primeira vez no «Diário de Lisboa» de 26 de Fevereiro de 1955.

JOSÉ DA COSTA MOREIRA

PROGRAMAS RADIOFÓNICOS

Todos os domingos às 10 horas em onda curta 41M. a Voz Evangélica de Tanger, e às 10 e 30, em ondas médias 244M, a Rádio Tanger transmite mensagens cristãs-evangélicas em língua portuguesa.

«REGIONAL» DE BASQUETEBOL

Os favoritos da jornada não se deixaram surpreender apesar da réplica dos vencidos

Sporting, 85-Tabacos, 39
C. A. C. O., 43-Nacional, 55
Belenenses, 57-Benfica, 39
Atlético, 58-Queluz, 51

A quarta ronda do Campeonato Regional de Basquetebol terminou com mais uma vitória dos «leões» e de todos os outros favoritos, que desta forma não se deixaram surpreender, apesar da réplica dos vencidos.

A classificação actual é a seguinte:

Clubes	J.	V.	E.	D.	P.	Golos
SPORTING ..	4	4	—	—	—	12 354-203
Belenenses ..	4	4	—	—	—	12 266-176
Nacional	4	2	—	—	—	8 194-130
Benfica	4	2	—	—	—	8 237-256
Queluz	4	1	—	—	—	3 6 168-173
Atlético	4	1	—	—	—	3 6 194-232
Tabacos	4	1	—	—	—	3 6 191-263
C. A. C. O.	4	1	—	—	—	3 6 167-258

Os «leões» que se apresentaram sem Garranha e Amzlio, castigados com 45 e 15 dias, respectivamente, fizeram uma primeira parte repouante e equilibrada, mas com uma pequena margem a seu favor no marcador (39-25). No segundo tempo, o poder da equipa leonina apareceu naturalmente e, á medida que a partida se desenrolava, o «score» aumentava facilmente, mercê da boa actuação de Patrício e Santos nos lançamentos. A réplica do Tabacos fez-se, contudo, sentir em certos momentos do encontro.

Alinharam e marcaram: SPORTING — Patrício, 21; J. Santos, 27; Feu, 26; J. Mário, 4 e Garrancho, 7.

TABACOS — Pereira, 4; Dela, 20; Olívio, 2; Brito, 4; Amaral, 7; César, Santos e Maloney, 2.

O Nacional com uma primeira parte extraordinária, plena de movimentação, alcançou o intervalo com um «score» (35-18) que lhe garantiu a vitória final, pois a reacção do Campo de Ourique surgiu um pouco tarde, para anular a vantagem dos vencedores.

Alinharam e marcaram: CAMPO DE OURIQUE — Vasco, J. Portela, 17; Arnaldo, 9; Osório, 10; Coelho, 2; C. Portela, 5.

NACIONAL — Hugo, 11; Claudino, 8; J. Ferreira, 6; Morais, 9; Domingues, 9; Mesquita, 6; Neves, 6 e Jesus.

O Belenenses mostrando-se mais equipa, principalmente, na coesão verificada entre os seus jogadores, manteve um fio de jogo interessante apesar da réplica do Benfica, especialmente na 1.ª parte (26-20). Em contra-ataques sucessivos e esmagadores, os «azuis» na segunda parte desbarataram a defesa benfiquista, que se viu, de certo modo, em apuros para conter as ofensivas constantes dos «azuis».

O Belenenses, que beneficiou de 50 lances livres, transformou 25 e o Benfica, dos seus 19 lances, só transformou nove. Bem pouco para um conjunto com responsabilidades.

Alinharam e marcaram: BELENENSES — Brito, 8; Fernandes, 6; Franco, 27; Gatinho, 3; Neves, 9 e Pinheiro, 2.

BENFICA — J. Alberto, 19; Galhaz, 1; Campos, 1; Bernardo Leite, 6; Julio, 4; Peixoto, 3; V. Pinto, 4; Boavida, Furtado (ex-Oriental) e Azeitona, 1.

A partida entre o Queluz e o Atlético esteve indecisa quase até o final. O desfecho só se pressentiu a 5 minutos do fim, depois de uma boa reacção do Atlético, terminada com uma boa série de encestamentos. O Queluz perdendo a coesão não pôde contrariar a energia do adversário.

Alinharam e marcaram: ATLÉTICO — Morga, 5; Costa, 30; Edgar, 7; Duarte, 4; Sousa, 7 e Orlando, 6.

QUELUZ — Cunha, 9; Inocência, 12; Pipio, 7; Orlando, 11; Silva, 12 e Deau.

XADREZ

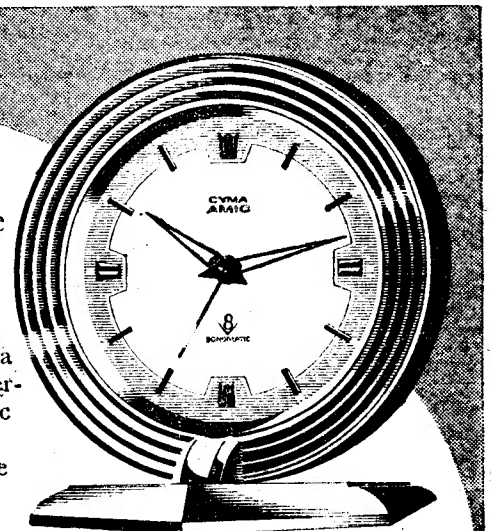
Durão perdeu com Pomar

SARAGOÇA, 1. — O campeão nacional de xadrez, Joaquim Durão, foi vencido pelo espanhol Arturo Pomar, na primeira jornada do Torneio Internacional de Xadrez, que aqui está a disputar-se, integrado nas comemorações do primeiro centenário da fundação do Centro Mercantil. — (ANI).

Ele o despertará
automaticamente
durante 8 dias!

Novidade! Não precisa de dar corda ao despertador Amic-Sonomatic e ele o despertará pontualmente durante 8 dias, dispensando-o desse cuidado. Uma única chave dá corda ao movimento e ao despertador. Movimento de alta precisão-15 rubis-corda para 8 dias—é um produto da mundialmente afamada Cyma.

Ponha de parte o seu velho despertador
Compre um Amic-Sonomatic!



«PARIS» Ref.ª 15101 - 770\$00
CYMA-AMIC desde - 375\$00

Sem cuidados
durante 8 dias!

CYMA AMIC
SONOMATIC

Cyma Watch Co S.A., La Chaux-de-Fonds (Suíça)

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Sporting e F. C. Porto

viajam cheios de preocupações

A 8.ª jornada, começada hoje a disputar-se, completa-se amanhã com os seguintes jogos:

Cuf-Torriense
Guimarães-Sporting
Caldas-Lusitano
Académica-Setubal
Covilhã-F. C. Porto
Benfica-Sp. Braga

A ideia que se tira em primeiro lugar é a de que os dois primeiros classificados, Benfica e Vitória de Guimarães, actuam nos seus campos, e que os 3.º classificados, F. C. Porto, Sp. de Braga e Sporting (este adversário dos Vimaraneses) jogam fora. Naturalmente, a acção defensiva visa não só o favoritismo dos «encarnados» como até, vamos lá, o aumento da sua vantagem pontual em relação aos mais directos perseguidores.

O Benfica tranquilo e o Sporting inquieto...

Considerando o imprevisto, ninguém condicionará a superioridade que o Benfica irá manifestar frente aos Bracarenses. Os «guia» que sabem fabricar golos, sem requinta dos arabescos, e mágicos, sem dó nem piedade, não deverão experimentar dificuldades, salvo se ocorrer uma tarde de má inspiração. Admitimos, portanto, um triunfo nítido do Benfica, embora o Sporting de Braga pense em repetir a desfeita que fez no estádio Alvalade. Mas isto é pouco provável...

O V. de Guimarães, agora em 2.º lugar isolado com menos 2 pontos que o Benfica, recebe os «leões». Os Vimaraneses, pela voz do seu responsável, anunciaram que o em casa é jogar sempre ao ataque. O aviso não terá passado despercebido ao Sporting pelo que é de prever uma resposta condigna. A du-

vida reside na capacidade realizadora dos avançados lisboetas, que foram de uma pasmosa inoperância frente ao Standard. Vaticínio? Inclina-nos por um empate.

Os complexos do F. C. Porto e ansiedade da Académica

O F. C. Porto debate-se com uma terrível crise psicológica, cujos efeitos saem de dentro para fora e de fora para dentro. O empate cedido com a Académica colocou a equipa numa fase delicada que amanhã pode agravar-se ou ser zebelada, consoante a disposição dos Covilhenses que necessitam de pontos. Jogo, por conseguinte, muito sério e de prognóstico reservadíssimo. As contingências são enormes. Tudo depende da velocidade e da capacidade rematadora dos «portistas».

A Académica recebe os Setubalenses. O estímulo das Antas e a presença de Teixeira nas redes sugerem uma jornada vitoriosa para os estudantes, dado que os Sádinos fora do seu ambiente oscilam consideravelmente.

O Lusitano cauteloso e a Cuf animosa

Os Eborenses vão ao campo das Covas de frontat o Caldas. Tarefa difícil para os visitantes e previsão plausível da superioridade que os Caldenses decerto evidenciarão. O sector atacante dos locais parece representar uma força decidida.

A Cuf recebe o Torriense, cuja estabilidade ainda não assentou irraizais. A solidez dos cufistas e o seu engodo pela baliza suscitam um vaticínio que se lhes aponta favorável.



O sr. subsecretário da Educação Nacional no uso da palavra, tendo a seu lado o novo director-geral dos Desportos, sr. dr. Valadão Chagas

TORNEIOS DE FUTEBOL

O Leixões e o Anélco jogam em casa...

mas não podem confiar muito...

Vence-se amanhã a nona jornada do campeonato nacional da 2.ª Divisão e, embora os «guia» da classificação, quer na Zona Norte, quer na Zona Sul, não corram perigo imediato de serem apedoados da sua posição, há vários jogos com bastante interesse, capazes de animar a «ronda».

O programa da Zona Norte reserva-nos para amanhã os seguintes desfechos:

Oliveirense (11)-Chaves (10)
Boavista (12)-Tirsense (6)
Gil Vicente (5)-Peniche (7)
Vianense (7)-Marinhense (8)
Espinho (7)-Portalegrense (2)
Vila Real (7)-Salgueiros (8)
Leixões (14)-Sanjoanense (8)

Entre parentesis indicam-se os pontos de cada clube para a classificação. O Leixões e o Boavista, respectivamente, guia e sub-guia da tabela jogam perante o seu publico, contra adversários, que serão, sem dúvida, animosos e de desfeiteiros os Matosinhenses e os «axadrezados»... se estes não descerem a terceiro demasiadamente confiantes. Ora tal não é de esperar e daí ser natural conceder favoritismo aos visitantes.

Oliveirense (3.º) e Desportivo de Chaves (4.º) disputam um dos encontros de maior expectativa — ambos sentindo a necessidade imperiosa de vencer para não perderem de vista os grupos que os antecedem na tabela. Os Oliveirenses são mais capazes de ganhar.

O despique entre o Vila Real e o Salgueiros enfileira entre os de maior

Novo director-geral

nova orientação no desporto

Finalmente, o nosso desporto parece estar na iminência de conhecer novos rumos, conforme as declarações ontem proferidas pelo sr. subsecretário de Estado da Educação Nacional, e o sr. dr. Orlando Valadão Chagas, o qual foi empossado no lugar de director-geral interino dos Desportos. Sem subterfúgios, encarando bem de frente as duras realidades, anunciou-se um sem numero de iniciativas e de medidas tendentes a banir o que mal está. O problema da educação física foi particularmente distinguido e pelo que se ouviu constata-se que novas directrizes vão ser adoptadas, com determinismo seguro, bom-senso, força moral e coragem.

A este propósito, o sr. dr. Baltazar Rebelo de Sousa acentuou:

«É o desportista de bancada que pontifica de cátedra sobre o desporto, mas não o praticou nem o pra-

tica. O gosto pela cultura física, a grada, como forma de valorização pessoal, como contribuição extremamente valiosa para a educação de si próprio — é, entre nós, limitado a muito poucos. Todavia, estes são desportistas. Dai o co-frangedor panorama que apresenta a estatística dos nossos praticantes em quaisquer modalidades, até nas grandes agremiações».

Nas linhas gerais de orientação que traçou, o sr. subsecretário acentuou que se torna indispensável almentar o amadorismo, regulamentar o profissionalismo e impôr um atmosfera de ordem, de disciplina, de confiança, de serenidade.

As suas palavras, convém frisar, impressionaram o escol de dirigentes que assistiram à cerimónia. Nunca se analisou um problema de ordem desportiva com tão claro discernimento e, digamos, desassombro.

O novo director-geral, antigo praticante e dirigente, homem de mentalidade desportiva, corroborou as afirmações anteriores, em tom cagórico. As suas considerações troxeram uma lufada de modernidade, uma aragem inovadora. Interessante e valiosa a afirmação de que o desporto tem que ter um lugar próprio na escala dos valores nacionais, pelo que o Estado não pode conservar-se indiferente perante as suas virtudes e a sua força, devendo dedicar-lhe o melhor interesse e maior protecção».

Outro passo do seu discurso salienta: «o desporto tem de governar-se a si mesmo e tem capacidade para fazê-lo».

A terminar, o sr. dr. Valadão Chagas reafirmou o desejo que o anima de distinguir, legalmente, o amadorismo do profissionalismo.

Enratern Zapa de sócos lo Pedrouços

Numa reunião...

Rodeouse de especial significação o banquete de confraternização que ontem se realizou no Club Sportivo de Pedrouços. Festa simpática garantindo-nos que o seu prestigio continuará valorizando-se sempre mais através de uma obra onde existe o sabor magnifico do puro amadorismo e o desejo permanente de mais alargar e enobrecer o seu principal objectivo: ensinar a nadar.

A reunião teve a presença agradável de muitas senhoras e valorizou-se pelas homenagens prestadas a pessoas que se têm distinguido pela sua dedicação ao clube. Todavia, uma figura foi o alvo da maior homenagem: Luís Alves Miguel, o actual comandante-geral do clube, cuja dedicação e carinho pelo Pedrouços foram justamente salientados.

O banquete, presidido pelo sr. eng. Manuel Peixoto, presidente da assembleia geral, teve na mesa de honra os srs. dr. Andresen Leão, director do I. N. E. F., João Rocha Borges, presidente do conselho fiscal, dr. Fernandes Duarte Junior, médico do clube, Américo Lapido, presidente da direcção, comandante Joel da Silva Pascoal, presidente da F. P. de Nataçã, Luís Alves Miguel, Alvaro Carvalho, sócio n.º 1, e Alfredo Soares de Oliveira, presidente da A. D. da Brigada Naval.

Os brindes foram outras tantas manifestações de amizade pelo clube e de elogio às pessoas homenageadas.

Dos vários discursos, salientou-se o do director do I. N. E. F., que apreciando os vários problemas da nataçã, preconizou a necessidade de se tornar obrigatório nas escolas o ensino da modalidade.

30 AUTOMÓVEIS embateram na estrada

HAIA, 1 — Trinta automóveis ficaram mais ou menos gravemente danificados numa série de choques e «carambolas», na estrada da Haia a Roterdão. Contudo, não houve vítimas. — (F. P.).

FUTEBOL

O treinador Bela Gutman chega hoje a Lisboa

Vindo de Viena de Austria, chega hoje, às 19 e 45 horas, o treinador húngaro, Bela Gutman, que vem ultimar as negociações com o F. C. do Porto para orientar as equipas de futebol do clube nortenho.

Rocha deve alinhar amanhã na equipa da Académica

Augusto Rocha foi inscrito já na Associação de Futebol de Coimbra, encontrando-se, por conseguinte, em condições de alinhar amanhã pela Académica.

Entretanto, o jogador escreveu ao Sporting, prontificando-se a devolver a importância de 400 mil escudos que recebera quando firmara contracto com o clube leonino...

Pelé

passou a ser designado por «bomba atómica»

SÃO PAULO, 1. — Pelé, que há poucos dias completou 18 anos, passou a ser apelidado pelos desportistas brasileiros com «bomba atómica», visto que no campeonato paulista já marcou 37 golos, batendo o «record» que pertencia a Humberto, do Palmeiras, com 36 golos.

Todavia, o «record» absoluto está adjudicado ao amador «Feitico» que em 1935 obteve 43 tentos. Como faltam ainda 12 jornadas, Pelé vai tentar bater todos os «records» em golos marcados. — (A. N. L.).

Ajudaauto, L. PRONTO SOCORRO

de automóveis de qualquer parte

do País

TODOS OS DIAS E A TODA A HORA

INCLUINDO DOMINGOS

R. Damião de Góis. 18-B a 18-E a Alges — T. 610051

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.

O Centro Especial de Atletismo n.º 1, da Mocidade Portuguesa, para comemorar o inicio das suas actividades na nova época, faz disputar amanhã, às 11 horas, nos terrenos anexos ao Estádio Nacional, um «corta-matos», denominado «Inicição», num percurso de 1.500 metros, sem distincão de categorias (15 anos em diante). Em seguida serão distribuídas as medalhas aos 3 primeiros desta prova e aos premiados nas competições do «Dia Olímpico».

BADMINTON

Está marcado para amanhã o segundo encontro da 1.ª eliminatória do torneio de abertura da nova época, que é dotado com a taça «Ricardo de Ornelas». O despique trava-se entre as equipas do Luso e do Triangulo Vermelho Português, estando marcado para as 17 horas, no Barreiro.

BASQUETEBOL

Prossegue amanhã o campeonato da 3.ª Divisão da A. B. L., disputando-se os encontros correspondentes à 7.ª jornada, cujo programa é o seguinte:

Série A — Paço de Arcos-Combaten-tes, em Paço de Arcos; Pedrouços-Lis-gás, em Pedrouços — ambos em 2.ª (às 10 h.) e 1.ª (às 11 h.).

Série B — Educação Física-Campo-

lide, em Torres Vedras, às 11 h. (1.ª cat.); Alvalade-Arroios, nas Telheiras, às 10 h. (1.ª cat.).

GOLFE

A actividade no campo do Estoril, retoma amanhã o seu ritmo normal, com o cumprimento do vasto e bem elaborado calendário de provas. Desta vez é o torneio da taça «Spalding», ecletico, singulares, senhoras e homens, com abono, que animará as acolhedoras instalações do C. G. E. Serão jogados os ultimos 18 buracos.

HOQUEI EM CAMPO

Prossegue o 35.º Campeonato de Lisboa, estando marcados os seguintes encontros:

Belenenses c. E. Amadora, no Restelo, às 9 horas; Hóquei C. P. c. C. F. Benfica, no campo «Francisco Lázaro», às 9.30 h.; Atlético c. Benfica, na Tanadinha, às 9 (reserva) e às 10.30 (honra).

REMO

A Associação Naval de Lisboa não pára na sua tarefa de «fabricar» remadores, fazendo funcionar, todos os anos, escolas de aprendizagem. As do corrente ano têm a sua inauguração prevista para amanhã, às 10.30 horas, em Santo Amaro.

interesse da jornada, não sendo fácil, na verdade, vaticinar o vencedor. Um empate parece-nos o desfecho mais natural.

Gil Vicente, Vianense e Spt. Espinho deverão aproveitar bem a vantagem de jogarem nos seus campos para aoverarem vitórias que, no entanto, exigem aplicação constante.

A prova da Zona Sul proporciona amanhã os seguintes despiques:

Atlético (13)-Oihanense (11)
Oriental (9)-Sacavenense (7)
Farense (5)-Arroios (6)
Portimonense (10)-Estoril (10)
Coruchense (5)-Almada (8)
Juventude (8)-Montijo (8)
Serpa (6)-Beja (6)

Os dois clubes mais representativos da A. F. L. neste campeonato jogam perante o seu publico, mas isso, principalmente, pelo que respeita ao Atlético, não basta, por si só, para que os torrenmos favoritos. Os alcantarenses sabem que se vencerem consolidarão — e bem — a sua posição de guia e isso levá-los-á a lutar com o maior empenho. Por seu lado, os orientalistas não ignoram que se aoverarem mais três pontos se aproximarão dos da frente. Desta maneira o sentido das necessidades deve ajudar os dois grupos de Lisboa a vencerem.

O Arroios e o Estoril vão deabalada para o Algarve. A ambos espera tarefa tão difícil, até porque o Farense e o Portimonense estão moralizados pelos êxitos de domingo passado, que não é de esperar que regressem vitoriosos.

Os três restantes despiques — todos sem equipas lisboetas — são susceptíveis de fornecer lutas muito equilibradas. Não deve, porém, esquecer-se a vantagem de «jogar em casa», pelo que é de vaticinar êxitos dos visitantes, ainda que pouco expressivos.

Os torneios da A. F. L.

O campeonato da 1.ª Divisão da A. F. L., cujo interesse é, a bem dizer, igual ao do primeiro dia do certame, prossegue amanhã, com os seguintes encontros:

Casa Pia-Operário, no campo «Pina Manique»; Futebol Benfica-Desportivo dos Olivais, no campo «Francisco Lázaro»; Vitória-Vilafraquense, no campo da Picheleira; Sintrense-S. Olivais, em Sintra — todos às 15 horas em categoria de honra, e às 13, em reservas. Alhandra-Alverca, em Alhandra, em Alhandra, às 15.30 e 13.30, respectivamente, em honra e reserva.

O campeonato de juniores da 1.ª Divisão entra amanhã na segunda volta da fase inicial. Eis os encontros marcados:

Série A — Algés-Belenenses, em Algés; Palmense-Sporting, em Palma; Estoril-Atlético, no Estoril; Arroios-Cascaisheira, em Moscavide — todos às 10.30 horas.

Série B — Oriental-Charneca, em Marvila; Povoense-Vialonga, na Póvoa; S. L. Olivais-Torriense, nos Olivais; Benfica-Alhandra, no Campo Grande — todos às 10.30 horas.

De Gaulle manda libertar mil prisioneiros argelinos tentando persuadir os dirigentes da F.N.L. a aceitarem as propostas de negociações

PARIS, 1 — A decisão do general de Gaulle, anunciada, durante a noite, de libertar 1.000 rebeldes que se encontram presos nas cadeias da Argélia, faz parte — segundo declaram círculos autorizados — de uma série de concessões que o Governo se propõe fazer, para persuadir os dirigentes da F. N. L. a aceitarem a proposta de conversações sobre a possibilidade de se pôr termo à rebelião argelina.

Ignora-se, por enquanto, a reacção de Ferhat Abbas, chefe do Governo provisório argelino e não se sabe se os dirigentes da F. N. L. considerarão esta libertação de prisioneiros suficiente para justificar uma mudança de atitude para com a oferta do general de Gaulle. Ainda ontem à noite, antes de ter sido anunciada a decisão de de Gaulle, Abbas repetira que a oferta de negociações, da parte do Governo francês, era um «insulto».

Numa entrevista concedida, hoje, ao «Paris-Journal», o general Raoul Salan, comandante das forças francesas na Argélia, declarou que a guerra, a qual descreveu como fazendo parte de um plano dos comunistas para tentarem «flanquear» a aliança das potências ocidentais, estava a ser ganha, rapidamente, pelo Exército francês.

«Neste momento — afirmou —, os rebeldes estão isolados, no interior, e em situação crítica, no que diz respeito a abastecimentos. Estamos a activar as nossas operações. Os bandos de rebeldes que ainda se encontram em liberdade terão, eventualmente, que aceitar a rendição».

Interrogado se os rebeldes estariam em condições de poder interferir nas próximas eleições, Salan disse: «Não há razão para se esperar que os resultados das eleições sejam diferentes dos do plebiscito nacional de 28 de Setembro». — (A. N. L.).

Declarações do chefe do Governo provisório argelino

CAIRO, 1 — No discurso que pronunciou por motivo do 4.º aniversário da revolução argelina, o chefe do Governo provisório, Ferhat Abbas, declarou que o seu Governo «tinha a consciência dos sofrimentos do povo argelino, depois de quatro anos de revolução» e que estava pronto, por isso, «a negociar com a França, para pôr termo à efusão de sangue».

«Negociações — acrescentou — não são a mesma coisa que uma rendição e os ministros argelinos não iriam a Paris com a corda ao pescoço».

Protestou contra as tentativas da França de apresentar a revolução da Argélia como «uma guerra civil» e de desvirtuar o seu significado actual, que é «o de uma luta entre uma nação pacífica, desarmada, e uma potência imperialista».

Concluiu afirmando que o «Exército de Libertação não está pronto a arvorar a bandeira branca e que, os seus heróicos soldados serão sempre fiéis à memória dos mártires mortos nesta guerra». — (F. P.).



Os subsecretários do Exército e da Educação ladeando o ministro do Exército, na mesa que presidiu à sessão solene

Três membros do Governo assistiram à abertura solene do novo ano lectivo no Lar dos Filhos dos Oficiais

Abriu hoje, solenemente, o ano lectivo no Lar dos Filhos dos Oficiais, da Obra Social do Exército e da Aeronáutica, que entra agora no quinto ano de actividade com 70 alunos do liceu e alguns universitários, que ocupam um anexo do Lar.

A sessão solene, que se efectuou às 11 e 30, foi presidida pelo coronel Almeida Fernandes, ministro do Exército, ladeado pelos subsecretários de Estado do Exército e da Educação Nacional, respectivamente, tenente-coronel Costa Gomes e dr. Baltazar Rebelo de Sousa; e generais José Esquivel e Valente de Carvalho, respectivamente, administrador-geral do Exército e governador militar de Lisboa. Assistiram, além do director do Lar, tenente-coronel Ferreira Braga, e dos alunos e suas famílias, o general D. Miguel Pereira Coutinho, presidente da Obra Social do Exército e da Aeronáutica; eng.º Alvaro Roquete, presidente da Câmara Municipal de Oeiras; dr. Mexia de Brito, reitor do Liceu Nacional de Oeiras; e muitos oficiais do Exército e da Força Aérea.

Usou em primeiro lugar da palavra o sr. general D. Miguel Pereira Coutinho, que saudou as individualidades presentes e fez uma resenha das actividades do Lar, internato onde se cuida da preparação escolar e moral dos alunos que, depois das aulas, no Liceu de Oeiras, encontram naquele o ambiente mais favorável à sua preparação escolar e moral. Referiu-se aos excelentes resultados obtidos no ano escolar transacto, aos métodos adoptados no Lar para educação dos alunos e pôs em relevo o significado dos prémios instituídos para os galardoar, terminando por incitar os rapazes a manter as tradições daquela instituição.

A seguir, o rev. padre Arnaldo Duarte, major capelão do Governo Militar de Lisboa e encarregado da preparação moral dos rapazes do Lar, fez a oração de sapiência, subordinada ao tema: «Vários caminhos e o único caminho em pedagogia».

Depois, procedeu-se à distribuição dos prémios. O aluno António José Serpa Soares recebeu o «Prémio Ministério do Exército» (mérito escolar — distinção); o «Prémio Ministério da Educação Nacional» (mérito escolar) foi atribuído ao aluno António Tomás Basto Machado; o «Prémio Subsecretário de Estado da Aeronáutica» foi distribuído aos alunos José Eduardo Ferrari Roncon, António T. B. Machado, José Sales Grade e António e Manuel Serpa Soares; o «Prémio D. Miguel Pereira Coutinho», a Feliciano Prazeres Graciano e António T. B. Machado; «Quadro de Honra», a este último aluno; e o «Prémio Eng. Simões Margioli» (comportamento exemplar), a João Pereira Coutinho e Sanches Baena.

A sessão solene terminou com a oferta de uma lembrança dos alunos do Lar, ao reitor do Liceu Nacional de Oeiras.

Depois, houve um pequeno acto em que foi lançada a primeira pedra do novo edifício do Lar, onde ficarão instalados o teatro, a sala

das sessões e mais salas de aula. Por último, foi servido um almoço frio a todos os presentes.

LEVANTANDO A As novidades que vamos ver nas mon

Lisboa repovoa-se. Os passeios da Baixa estão peçados de caras morenas e vestidos leves. Vira-se a esquina de Outubro. Penetra-se com decisão no Inverno, na época nova, nas novas (descobre-se depois que são velhas) preocupações.

Encontram coisas diferentes na cidade. O marquês de Pombal, por exemplo, está na mesma, mas já as montras das livrarias apresentam novas capas, novos títulos e novos autores. Para os que seguem a par e passo as edições portuguesas, as compram e com elas constituem as suas bibliotecas queremos responder à pergunta que já se começa a fazer: que teremos este ano?

Pois este ano podemos afirmá-lo, vamos ter coisas várias e interessantes, principalmente no capítulo da tradução (sempre perigoso, dado que não somos tradutores famosos), dado que o livro do autor português contemporâneo é empresa arriscada a que não mete ombros todo o editor.

Assim, a editorial «Publicações Europa-América», continuará a dedicar-se principalmente às coleções «Saber», «Estudos e Documentos», na qual já foram publicadas obras de António Sérgio, João Gaspar Simões, Jules Moch, Mendès France e Jean Ros

Um avião

contra um poste no meio do nevoeiro

ARLINGTON (Colorado), 1 — Esta madrugada, morreram cinco pessoas, quando um avião militar embateu, devido a denso nevoeiro, contra um cabo de alta tensão. O aparelho incendiou-se, despenhando-se em chamas perto desta cidade.

As autoridades informam que o avião, ao chocar com o cabo de alta tensão, se partiu em três, despenhando-se em chamas. — (A. N. L.).

PASTA MEDICINAL
Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca



Com a rolha conta-gotas não se pode estragar SONASOL

3 gotas de Sonasol

EM 5 LITROS DE AGUA, LAVAM A LOIÇA DE UM ALMOÇO!

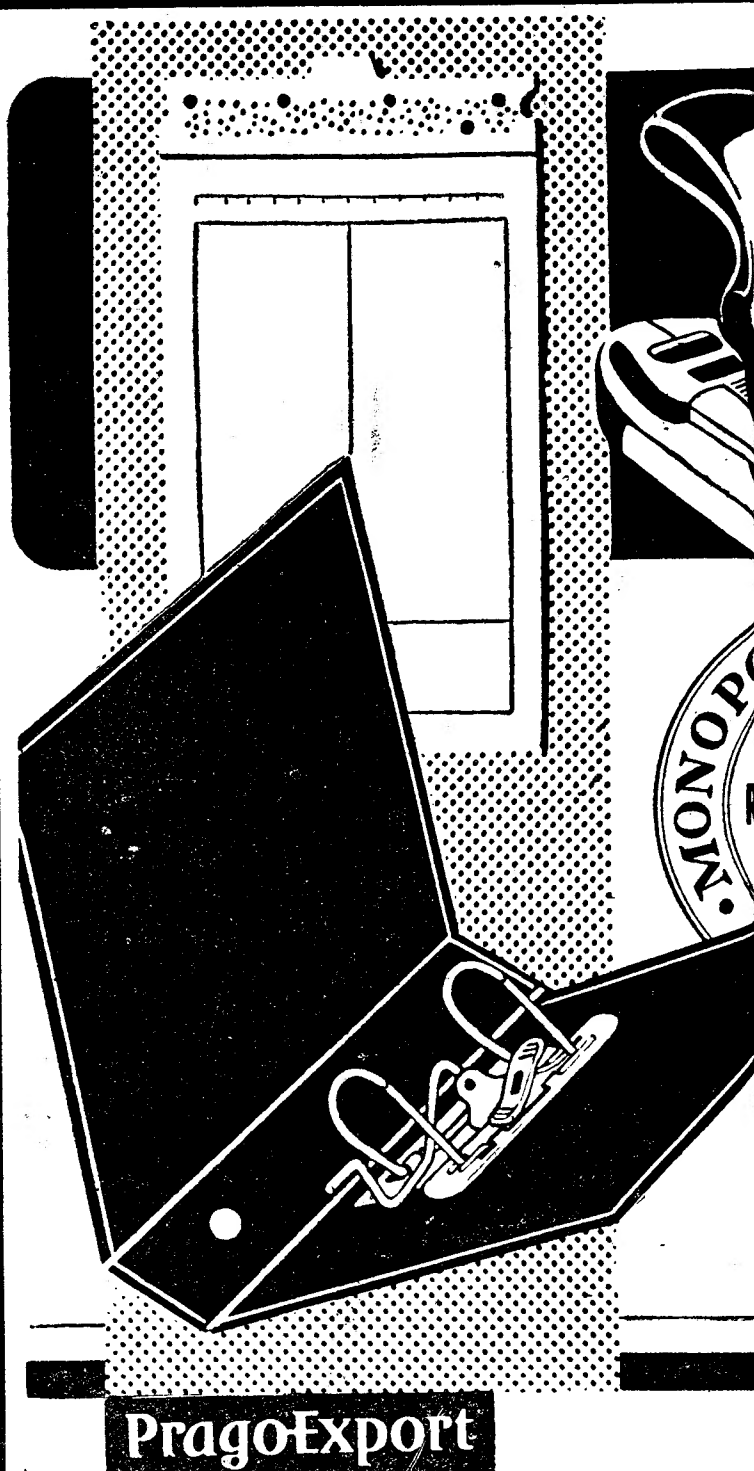
Conseguirá assim a sua loiça espelhada e brilhante, e lavada em metade do tempo.

Entregue confiadamente o Sonasol ao seu pessoal, sem receio de desperdícios, porque a rolha de garrafa é doseadora e impede excessos de consumo.

Consiga um **BRILHO NOVO** lavando tudo com

Sonasol

LAVA LOIÇAS, TALHERES, SUPERFÍCIES PINTADAS, MOSAICOS, ETC., ETC.



PragoExport

PRAGA—CHECOSLOVAQUIA

Representante:

António Jerónimo da Silva

Rua da Misericórdia, 66-2.º — Lisboa

A PONTA DO VÉU...

vidas literárias

ver brevemente

montras das livrarias

sselos da and; «Escalas do Futuro», que
ras more- compreende livros de ficção cien-
se a es- tífica, «Século XX», com romances
se com- modernos, e «As 3 Abelhas», na qual
ca nova, estão integradas novelas de auto-
pois que res nacionais e estrangeiros. Na
«Colecção Sabers», aparecerão agora
os volumes *A Matemática dos Jo-*
os, de Maurice Kraitchik, *A Radio-*
ividade e a Vida, pelo dr. Ger-
representa- no da Fonseca Sacarrão, da Fa-
culdade de Ciências de Lisboa. As
Mãos na Medicina e na Psicologia,
do dr. Joseph Ranald, *Os Proble-*
mas da Vida Mística, de Roger Bas-
tide, *As Geometrias* de Lucien Go-
deaux, *Feudalismo*, de F. L. Gans-
hoff, *Introdução à Arqueologia* de
V. Gordon Childe, *Introdução à Bio-*
química Comparada, de Ernest Bal-
dwin, *A Escrita*, de Marcel Cohen.
Na «Colecção Estudos e Docu-
mentos» será publicado, em primei-
ro lugar, *Os Manuscritos do Mar*
Morto, de John Marco Allegro, e a
seguir *O Mito do Estado*, de Ernest
Cassirer, *A História começou em*
Summer, de Noah Krammer, e *As*
Maravilhas do Cinema, do ce-
lebrado crítico e historiador do cinema
Georges Sadoul.
Na colecção «Os Livros das 3 Abe-
lhas» além de *Despedida Breve*, de
José Augusto França, serão publi-
cados *O Pecado Mortal*, de Mario



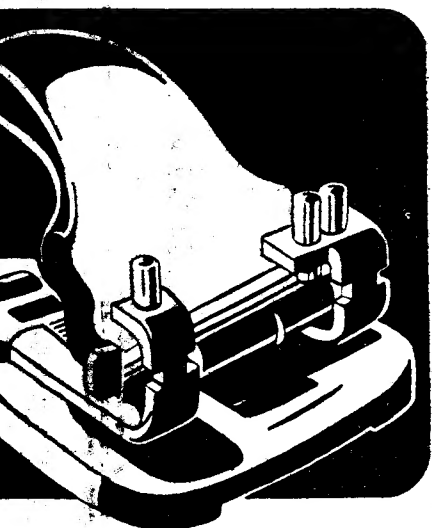
O livreiro Pedro de Andrade preparando uma montra com as últimas novidades literárias

Soldati, *Uma Vida*, de Guy de Mau-
passant, *Desejo sob os ulmeiros*, de
Eugène O'Neill. Na «Colecção Sé-
culo XX», aparecerá um novo livro
da escritora indiana Kamala Mar-
kandaya. Intitula-se *Um Intimo Fu-*
ror. A seguir será publicado o ro-
manço *A Nausea*, de Jean Sartre.
E' o primeiro romance de Sartre
editado em Portugal e os editores
iniciam com ele a publicação de
uma série de obras do escritor
francês. Seguir-se-á *Cell 2455*, *Death*
Row, de Caryl Chessmann que pos-
sivelmente terá na versão portugue-
sa o título: *Cela da Morte*.

A publicação da obra de Mário
Dionísio *A paleta e o Mundo*, pros-
seguirá.

A Portugália editará: *Na mão de*
Deus, antologia da poesia religiosa
portuguesa, organizada e prefacia-
da por José Régio e Alberto de Ser-
pa; *Poemas de Deus e do Diabo*, de
José Régio, com ilustrações pelo
autor; *Prosas Perdidas*, de Manuel
Laranjeira; a terceira série das
Líricas Portuguesas, incluindo os
poetas mais representativos dos úl-
timos movimentos literários; *Tea-*
tro de Gil Vicente, uma antologia
organizada pelo dr. António José
Saraiva; *Agosto Azul*, de Teixeira
Gomes; *O craveiro da janela e Ave-*
na Rustica, de Augusto Gil; *A Ter-*
ra foi-lhe negada, de Maria da Graça
Freire; *Poesias escolhidas*, de Na-
tércia Freire; *Cirano de Bergerac*,
com ilustrações de Figueiredo So-

(Continua na 11.ª página)



«Stencils» MONOPOL
Papel químico MONOPOL
outros artigos de escri-
tório

O Preto no Branco

Apontamento sobre as letras

Alguém me escreve uma carta a propósito de eu ter publicado no meu último «Preto no Branco» a opinião do Malaquias sobre a poesia contemporânea. Ora essa carta é injusta porque me atribuem a mim as opiniões que são do Malaquias. Eu não concordo com o meu amigo. A poesia que se escreve em Portugal já se não usa além fronteiras. Os poetas actuais portugueses é que continuam a tentar atingir o absoluto deitando fogo ao dicionário de Moraes e de acasalar palavras que cortaram as relações umas com outras. Do pouco que leio nas línguas estrangeiras parece-me que essa maneira de fazer poesia com o absurdo e com a negação da gramática e dos significados das palavras, isso foi chão que deu vinha. Eu tenho lido versos em francês, em italiano e em espanhol, línguas irmãs da nossa. Há atrevidos nesses países que fazem versos outra vez e rimam e — não digo muito — mas lá se vai percebendo ou sentindo qualquer coisa do que eles querem exprimir. E mesmo em português. Malaquias exagera. Para mim a poesia está em via de convalescença mesmo em Portugal. E' certo que as páginas literárias me atapalham um tanto ou quanto, mas isso é para me fazer cócegas no nariz e fazer-me espirrar. Não me admirava que nos estejamos aproximando da época em que os poetas se irão deixando de ter «mensagens» e limitar-se-ão, como dantes, a ter talento. A literatura como a História, dizem os entendidos, que se repete. O concurso literário a propósito do centenário do infante D. Henrique, dá-me essa esperança. Vão aparecer poetas. Mesmo porque aquilo não é brincadeira nenhuma, porque sempre são vinte contos! Não se pense que eu queira um «revival» em poesia. De modo algum! E' sempre mau voltar atrás em tudo.

O «Mundo marcha» e não se lhe pode aplicar a tolice que se diz do caranguejo quando se afirma que este crustáceo anda às arrecuas. Espero por isso que as palavras vão voltar a ter sentido e eu, se aparecer nas livrarias um poema sobre o infante de Sagres, que eu entenda, eu compro o livro. Descontando mesmo o facto de eu ser capaz de certas audiências, até mesmo a de ajudar as artes com um pequeno sacrifício monetário. Donde eu quero consignar que se o Malaquias é pessimista é porque sofre do fígado. Eu não sou. Posso ter uma pedra na vesícula biliar mas não a atiro a ninguém, mesmo porque me seria difícil tirá-la do saquinho onde a guardo há muito ano cuidadosamente. Ora se eu penso assim da poesia que não é coisa que se preste a ser pensada o que direi da prosa? Basta considerar que em Portugal nunca houve nem prosadores nem dramaturgos surrealistas. Há quem diga que a literatura, a prosa, é o estilo e que o assunto não tem importância. Pode haver prosadores com estilo e sem as-

sunto e outros com assunto e sem estilo. Ora atento o facto de que nós não somos um grande país, devemos levantar as mãos ao céu por termos escritores com estilo, com assunto e com talento. E' certo que não são muitos mas, para eu estar contente, basta-me que sejam alguns. Mas há uma coisa sobre a qual eu entro em duvida. E' sobre se haverá público, leitores, interessados pela coisa literária.

Literatura vem de «litera» que é palavra latina que significa a letra, na hipótese as letras escritas, contando as histórias que interessam. Tenho a impressão de que em Portugal deve haver poucos. A maior parte das pessoas têm muito que fazer. E há também mais que têm muito que fazer e não sabem ler. E há outras pessoas que vão quando muito ao cinema. E como é público até as salas de cinema não têm hoje a assistência que já tiveram. Não vou dizer, porque também não sei, quais são os assuntos porque o público se interessa. O Mundo e o que nele se passa é um assunto que absorve todo o interesse. E o que se escreve são coisas que se descrevem porque já se passaram, mas o espectáculo que no Mundo se passa é um espectáculo que se está passando, dia a dia, e vem nos documentários da televisão, do cinema, da rádio. Do que toda a gente está sequiosa é de notícias. Sem contar que ainda há muitas outras pessoas que não são curiosas e mesmo só pensam nessas coisas porque sentem que nelas vai o interesse vital pelo seu destino, pela integridade possível do seu espírito e do seu corpo. Uma literatura que tivesse a possibilidade de prever o que se vai passar, de aconselhar o que mais convinha fazer, a pobre humanidade assustada, uma literatura de fantasia, de profecia, de adivinhar o futuro, essa teria público. Um público como tinham os livros do Julio Verne da minha meninice. E recordando-me que estou falando do Malaquias vêm-me naturalmente à ideia as profecias de S. Malaquias, onde Nos-
tradamus que eu nunca li e — veja-se lá o meu desinteresse — acho que não merece a pena também lê-las. E quanto ao teatro, aguardo a próxima época. Disse-me alguém que sabe, que acaba de ler uma peça, intitulada «As focas» que já traduziu e que é escrita por um grande dramaturgo esquimó, chamado Xquimó Fres-Quinho que é toda a tragédia grega numa passagem polar onde é impossível o nudismo por causa da baixa temperatura da região. Se bem que às vezes aparecem grandes livros históricos que interessam como a «Guerra e Paz» do Tolstoi. Isto prova que tanto mais as coisas mudam há sempre coisas oportunas que duram. E enquanto se vive há sempre interesse por qualquer coisa. Quanto mais não seja para continuar a viver sem sofrimentos de maior.

RAMADA CURTO

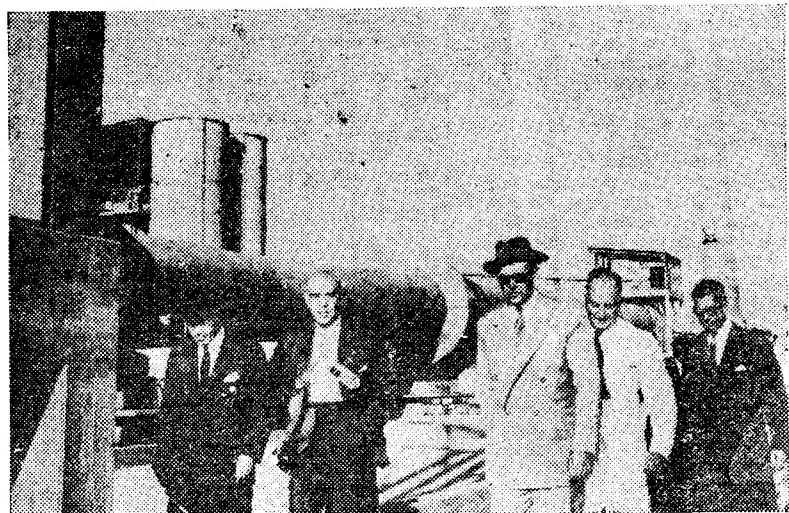
CONFIDENTE
RUA PASSOS MANUEL 14
PORTO 28721
TEL. 28721

PROPRIEDADES

HIPOTECAS
S. PROPRIEDADES
ao Juro da lei
Transacções em 24 horas

DINHEIRO
S/AUTOMOVEIS
em menos de 1 hora
MAXIMO SIGILO

LISBOA 3
R. S. 21351-30257



O ministro do Ultramar visitando uma fábrica de cimentos nos arredores de Luanda

O ministro do Ultramar visitou o colonato da Cela, em Angola

LUANDA, 1 — O ministro do Ultramar iniciou a sua visita oficial ao Sul da província. Partiu do aeroporto «Craveiro Lopes», esta manhã, para o colonato da Cela, acompanhado do governador-geral, pelo vice-presidente da comissão administrativa do Fundo de Fomento da Província, eng. Raimundo Serrão; pelo administrador-delegado da S. O. N. E. F. E., eng. Blanco Nogueira, e outras individualidades.

O contra-almirante Lopes Alves visitará diversas aldeias do colonato e contactará os colonos, analisando os seus principais problemas.

O ministro e a sua comitiva são esperados amanhã, de manhã, em Nova Lisboa, onde lhe está preparada entusiástica recepção. Haverá ali uma sessão de boas-vindas, na Câmara Municipal, seguindo-se

um almoço íntimo na residência do Governo do distrito, seguindo-se, à tarde, a visita à Escola Industrial, ao hospital e ao Laboratório Central de Patologia Veterinária, concedendo o ministro, a partir das 18 horas, várias audiências para estudo da alguns problemas do distrito do Huambo. — (L.).

Ministro da Economia

MARVÃO, 1.—Em visita particular, encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. eng. Ferreira Dias, ministro da Economia.

As suas joias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata, 257

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

Chocou com um automóvel a «scooter», conduzida por Alberto Gomes, de 47 anos, desenhador, residente na Rua Elias Garcia, 324-A, na Amadora. Como ficou muito ferido na cabeça, recolheu à sala de observações do Hospital de S. José.

CONFERÊNCIAS

Na segunda-feira, às 11 horas, no anfiteatro de Anatomia patológica da Faculdade de Medicina de Lisboa, o prof. dr. Benjamin Dias, catedrático de Minas Gerais e director clínico do Hospital Escolar, da mesma cidade, proferiu uma conferência intitulada: «Schistosomiasis Mansonii».

Também, na segunda-feira, às 11 horas, na Faculdade de Direito, o prof. Von der Heydt, director da Faculdade de Direito de Würzburg proferiu, em francês, uma lição sobre «O princípio da boa vizinhança no Direito Internacional».

Na quarta-feira, pelas 18 e 30, no Instituto Britânico, o eng. A. Barbosa de Abreu falará sobre «Imagens da arquitectura urbana inglesa». A conferência será ilustrada com projecções coloridas.

Depois de amanhã, às 21 e 30, na sala de Aula do Instituto Português de Oncologia, o sr. prof. H. Wulstein, da clinica de Otorrinolaringologia de Würzburg, pronunciará uma conferência subordinada ao título «Técnica da timpanoplastia». A conferência será ilustrada com a projecção de dois filmes coloridos e a entrada é livre.

No Instituto de Medicina Tropical, no próximo dia 4, às 18 horas, o prof. Caio Benjamin Dias, da Universidade de Minas Gerais, fará uma conferência sobre «Esquistossomiasis Mansonii».

O escritor vegetariano-naturista dr. J. Estêvão Dulin fará duas conferências na Sociedade de Naturalista, Rua Vitor Cordon, 14, 2.ª, a primeira das quais está marcada para depois de amanhã, às 21 e 30.

QUEM PERDEU?

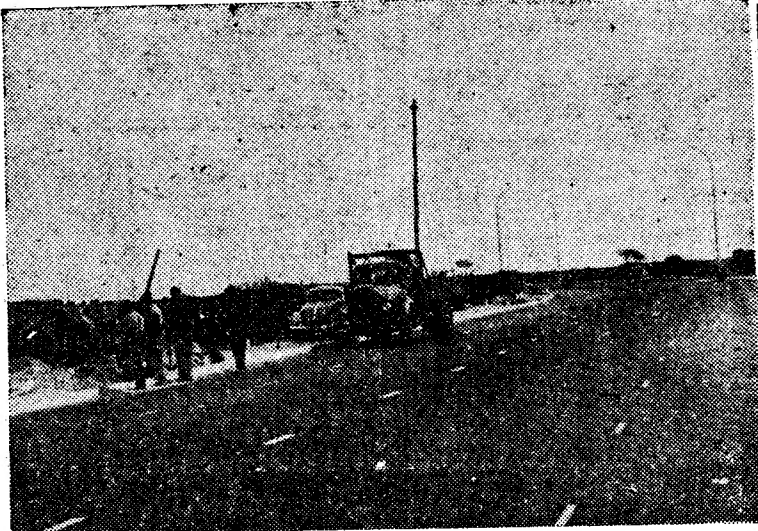
Relação dos objectos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): Uma corveia de porta bagagens de moto; uma galinha; um par de luvas de senhora; um rolo de fio de cobre; uma capa de plástico; dois pares de óculos graduados; um aro de roda de automóvel; um tampão de depósito de gasolina de automóvel; uma carteira com o bilhete de identidade de Idalina Monteiro Cardoso Barbosa e outros documentos; uma carteira com documentos em nome de Maria Pereira; um porta-moedas com linhas e uma chave; um porta-moedas com dinheiro; um casaco de malha; um sapato de senhora; quatro retalhos de riscado; uma caneta de tinta permanente; uma quantia em dinheiro; um lenço de senhora; uma camisa de homem; um casaco de malha; uma bicicleta, com uma chapa com o nome de Americo de Figueiredo; um chapéu de chuva; uma chapa esmaltada própria para fogão de gás; um porta-chaves com 5 chaves e argolas com chaves; um estojo com óculos graduados, e uma pulseira de fantasia.

Também se encontra no Sindicato dos Motoristas, o seguinte: um embrulho com três frascos de perfume; uns documentos de contabilidade; uns óculos graduados; uma caneta de tinta permanente «Monte Rosa»; um chapéu de homem; um estojo com uns binóculos; uns sapatos de senhora; uma cigarreira de prata com um braço em relevo; uma capa de plástico; dois discos microgravados; uma carteira de cabedal com sete chaves; uma pasta com documentos do navio «Girão»; um relógio «Longines», com caixa com capa de aço; uma esferográfica; dois pares de meias de senhora e uma mala de senhora com um lenço.

Reclamações locais

Falta de iluminação pública em Cacilhas e em Almada

Ainda não foi instalada a iluminação pública na Avenida Marginal de Cacilhas à Cova da Piedade e na Avenida Frederico Ulrich, que liga Cacilhas a Almada. Além de outros inconvenientes, regista-se o facto do parque de estacionamento de automóveis em Cacilhas, estar completamente às escuras, circunstância que permite constantes roubos nos carros, a coberto da noite, sem que a policia possa intervir com eficácia. Pede-se, pelo menos, para já, e com a maior urgência, que se montem algumas lampadas em todo o parque, de modo a evitar a intervenção da gatuagem.



Na Estrada Marginal estão a ser instalados postos para iluminação daquela importante via de comunicação. Com o movimento rodoviário que ali se tem intensificado cada vez mais, este melhoramento representa um grande benefício para os automobilistas e contribuirá, sem dúvida, para reduzir o numero de accidentes



Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

XVIII — José Ricardo

O grande actor José Ricardo divertiu mais de uma geração de espectadores. Cultivou todos os géneros de teatro, e as suas criações contam-se pelos papéis que desempenhou.

Conversador disputado, tinha inúmeros ditos de espírito, dos quais a maior parte se perdeu. As suas cavaqueiras de «café» ficaram célebres num tempo em que a boémia se cultivava bastante mais que actualmente.

José Ricardo morava ao alto da Rua da Alegria, no mesmo andar mais tarde habitado pelo empresário Alberto Barbosa, no mesmo edificio onde morou o escritor teatral Almeida Amaral. Um prédio talhado para residência de gente de teatro.

Conta o dr. Oliveira Guimarães que o simpático actor era coleccionador de bengalas. Vulgarmente, os seus amigos, sabendo desta predilecção, apresentavam José Ricardo de forma que a sua colecção já subia a algumas dezenas. Quando em qualquer antiquário aparecia uma bengala de feitio original, logo o actor a adquiria, radiante.

Certa vez, comprou uma, mas quando ela chegou a casa, levada por um empregado, notou que era bastante curta.

E a esposa interrogou-o: — Não notaste isso quando a compraste?

Logo José Ricardo respondeu: — Não, porque estava sentado quando a comprei.

Frequentava o Teatro Avenida, um engenheiro rico e pretencioso, falador incorrigível, com quem o artista nada sympathizava.

Um dia, um deplorável desastre de automóvel teve, como triste con-

VIDA MUNDANA

ENG. CORREIA VICTORINO

A fim de representar a General Electric Portuguesa em vários congressos internacionais, partiu hoje para os Estados Unidos o sr. eng.ª Correia Victorino, director do Departamento Doméstico da referida sociedade. Durante a sua viagem, visitará não só os Estados Unidos, onde apreciará a fabricação de frigoríficos e de outros utensílios domésticos, na fábrica da G. E. em Louisville, como também as cidades de Cuba, Porto Rico e Brasil, tomando parte, na cidade de S. Paulo, na conferência internacional sobre o mercado mundial de aparelhagem electro-doméstica.

O estado do tempo

e as culturas no Alentejo

EVORA, 31. — Depois de uma prolongada estiagem, que secou a maioria dos poços do Alentejo, o tempo mudou e durante a madrugada e o dia de ontem, caíram algumas batedas de água, que, embora não sejam de molde a modificar o estado das culturas, bastante enfezadas, vêm trazer a esperança de que se avizinha uma boa época de chuvas, que possa ainda beneficiar a safra de azeitona.

As razões que levaram a Casa Pia de Évora a renunciar a um legado

EVORA, 1. — Por ter havido quem acusasse a Provedoria da Casa Pia de Évora de negligência e de ter praticado um acto de má administração ao recusar um legado deixado a esse estabelecimento de assistência a crianças órfãs, a Provedoria publicou um comunicado, em que, entre outros períodos, se diz: 1.º — Um despacho de 2 de Janeiro de 1957, do Subsecretário de Estado da Assistência, determinou que a Casa Pia de Évora cessasse do legado que a esse estabelecimento instituiu o falecido dr. Joaquim Manuel dos Santos Garcia, com a obrigação de criar e manter um serviço diário de assistência clínica e de medicamentos a doentes pobres e que, por força do despacho e por vontade expressa do testador, passasse a esse legado para a Misericórdia de Arraiolos; 2.º — Calculou-se que o legado (rendimento de uma propriedade agrícola) daria anualmente 70 contos, sendo estimados 72 para a execução da vontade do testador; 3.º — Que está fora do âmbito da Casa Pia qualquer modalidade de assistência médica a pobres; 4.º — Que este sector de assistência incumbe às Misericórdias; 5.º — Que o próprio testador assim o entendeu também, ao instituir legatária a Misericórdia de Arraiolos, na alternativa da Casa Pia de Évora não poder dar execução à sua vontade, sem que no testamento desse indicação de que esse legado poderia ser empregado com a assistência médica às alunas daquele estabelecimento, que aliás, de há muito está garantida com serviço médico privativo; 6.º — Que com o novo rendimento do legado do dr. Santos Garcia o Hospital de Arraiolos melhorará os seus serviços de consulta externa e do Banco a doentes pobres.

DE LUTO

Coronel José da Conceição Tomás Rodrigues

Faleceu, esta madrugada, o sr. coronel de Artilharia, com o curso do Estado-Maior, João da Conceição Tomás Rodrigues, viúvo, de 70 anos, natural de Castelo Branco. Entre outras funções oficiais que desempenhou conta-se a de chefe do Estado-Maior do Governo Militar de Lisboa. Ultimamente, foi director do Museu Militar. A frente do qual se conservou dezanove anos, cargo que deixou há cerca de dois anos.

O extinto era pai das sr.ªs D. Alice dos Santos Rodrigues Ribeiro Lisboa, casada com o sr. dr. João Ribeiro Lisboa, professor do Liceu de Oeiras, e D. Ema dos Santos Rodrigues Almeida Pereira, casada com o sr. Fernando Pereira, funcionário publico.

O funeral, a hora ainda não fixada, saí amanhã, da residência do extinto, Rua da Cruz de Santa Apolónia, 27, 3.ª, para o cemitério do Alto de S. João.

Major Joaquim Jerónimo Carneiro de Sousa e Meneses

Na sua residência, na Rua Almeida e Sousa, 33, faleceu o sr. major Joaquim Jerónimo Carneiro de Sousa e Meneses. O extinto contava 56 anos, era natural de Pangim, Índia Portuguesa, casado com a sr.ª D. Maria Amália Mourão Garcês Palha de Sousa e Meneses, pai da sr.ª D. Lourdes de Sousa Meneses de Lorenna Birne, e dos srs. 1.º tenente Jorge de Sousa Meneses, Vitor de Sousa Meneses, e Eurico de Sousa Meneses (ausentes), e sogro da sr.ª D. Lourdes Alves Cardoso de Sousa e Meneses, D. Maria Teresa Costa Campos de Sousa Meneses, D. Ana Maria Mendes, Leão de Sousa Meneses e do sr. capitão Luis de Lorenna Birne. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, às 11 horas, da igreja do Santo Condestável para o cemitério da Ajuda.

Eugénio Gonçalves de Figueiredo

VOUZELA, 1. — Faleceu ontem nesta vila, pouco depois de ter chegado, numa ambulancia, da Póvoa de Varzim, onde residia, o sr. Eugénio Gonçalves de Figueiredo, de 92 anos, viúvo, tesoureiro da Fazenda Publica aposentado, cargo que desempenhou durante muitos anos, neste concelho, e depois, até à aposentação, naquela localidade nortenha. Era tio dos srs. brigadeiro Eugénio Magalhães de Figueiredo, major João Correia de Magalhães Figueiredo, major médico Nelson Magalhães Correia de Figueiredo e da sr.ª dr.ª Maria Julia Magalhães de Figueiredo, todos residentes na capital.

L. R.

Vida religiosa

A Festa do Voto em Santa Engrácia

A exemplo dos anos anteriores, a Irmandade do Santíssimo Sacramento da freguesia de Santa Engrácia mandou celebrar hoje, na respectiva igreja paroquial, na Calçada dos Barbadinhos, a sua Festa do Voto. A cerimónia começou às 11 horas, com o pequeno templo completamente cheio de fiéis. Foi celebrada missa cantada pelo rev. José dos Anjos Gaspar Borges, prior da freguesia, acolitado pelos padres Paiva Afonso e Graciano Moraes.

Terminada a missa, efectuou-se a tradicional procissão no adro da igreja, em acção de graças por aquela freguesia ter sido poupada pelo grande terramoto de 1755, que tão gravemente atingiu quase toda a cidade de Lisboa.

O pequeno cortejo, constituído pela cruz com o Senhor crucificado, ladeada por lanternas, andor de Nossa Senhora da Soledade, conduzido pelos componentes da Irmandade do Santíssimo, clero e irmãos foi seguido por muitos fiéis, que entoavam cânticos em louvor à Virgem.

Missa na igreja de S. Luís

Celebrando o dia de hoje, de Todos-os-Santos, foi rezada missa solene na igreja de S. Luís dos Franceses. A cerimónia começou às 10 e 30 e foi oficiada pelo respectivo reitor, padre Jamet, acolitado por dois sacerdotes franceses. Na capela-mor, do lado do Evangelho, sentavam-se, além do embaixador da França, acreditado em Lisboa, os membros da missão diplomática e consular francesa.

Assistiram à cerimónia muitos membros de ambos os sexos da colónia daquele país.

Dia de Finados

Em virtude das leis litúrgicas não permitirem que o Dia de Finados seja celebrado num domingo, as cerimónias deste ano serão transferidas de amanhã para depois de amanhã.

A exemplo dos anos anteriores, o Patriarcado, de colaboração com a Camara Municipal de Lisboa, mandou celebrar, depois de amanhã, missas de sufrágio pelos finados da capital, nos seguintes cemitérios: Prazeres, às 9, 10 e 11 horas; Alto de S. João, às 10 e 11 horas; Benfica, às 11 horas e 11,30; Ajuda, às 10 horas; e Olivais, às 10,30. A missa das 10 horas na capela do cemitério dos Prazeres será celebrada pelo sr. bispo de Febrina.

Exéquias na Covilhã

COVILHÃ, 31. — Na igreja de Nossa Senhora da Conceição celebraram-se ontem exéquias por alma de Pio XII.

Os actos litúrgicos foram presididos pelo bispo da Guarda, sr. D. Domingos da Silva Gonçalves, que foi acolitado pelo prior da freguesia, reverendo José Andrade e pelos restantes 26 das freguesias da cidade e do concelho.

Estiveram presentes os srs. dr. José Ramito Baltasar, presidente do Município; Alfredo dos Santos, reitor do liceu; Fernando Corte Real e Amaral, delegado do I. N. T. P.; eng. Melo e Castro, director da Escola Commercial e Industrial; Teixeira da Silva, director do Colégio Moderno; comandantes da P. S. P., G. N. R. e Batalhão de Caçadores 2 e outras entidades civis e militares.

A abertura do curso Naval de Guerra

Está marcada para depois de amanhã, às 10 e 30, a abertura solene dos cursos de Guerra no Instituto Superior Naval de Guerra.

FEIRAS E ROMARIAS A REALIZAR

NO MÊS DE NOVEMBRO

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Novembro, as feiras e romarias que a seguir se indicam, a C. P. vende em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos.

RÉGUA E BAGAUSTE — Romaria a Santa Eufémia, em Bagauste, no dia 1.º BORBA — Feira Anual, nos dias 1 e 2.

MANGUALDE — Feira Anual dos Santos, nos dias 1 e 2.

PENAFIEL — Feira Anual de São Martinho e Feira das Prendas, nos dias 10, 11 e 16.

PORTIMÃO — Feira de São Martinho, nos dias 11 e 13.

Os cartazes anunciadores destes serviços especiais podem ser consultados nas estações.

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Cádiz — Gibraltar — Tanger

por G. GRACIETTE BRANCO

Adcúscu Sevilha!... Deixámos-te numa manhã maravilhosa de luz e cor! A estrada parecia uma fita de seda, onde o carro rolava sem ruído! Dir-se-ia não termos conduzido por vontade própria mas levados, apressados, pelo impulso do carro, na sua função mecanizada e indiferente... Sevilha apagava-se já, por detrás de nós e, à medida que os telhados se confundiam na distância, a catedral crescia, tomando proporções enormes, magníficas!... Acedendo-nos saudades, adivinamos a figura graciosa da Giralda — no topo da Giralda — semelhante a uma abelha de ouro, em fortes cintilações, mercê dos beijos do Sol...

Quando Sevilha se perde completamente de vista, a nostalgia vai-se esbatendo, substituída pelo interesse da paisagem que surge!

As margens do Guadalquivir têm o aspecto encantador das decantadas plagas andaluzas... Autênticas florestas de laranjeiras e romãs, suas fragrâncias perfumam o ar e portizam as imaginações, excitadas pelo encanto do imprevisível...

Corre a paisagem, num colorido sumptuoso, ardente e cheio de maravilha... Estendem-se agora, de ambos os lados, os intermináveis vinhedos, campos imensos, admiravelmente cultivados e de onde se extraem os famosos vinhos andaluzes, mundialmente conhecidos — uma das maiores riquezas de Espanha: — «Doméc», «Terry», «Gonzalez-Vias», «Lopez Heredia», etc.

Grandes nomes da fidalguia espanhola estão ligados a estas marcas de vinhos e o trabalho não lhes deslustra o brilho dos seculares brasões — antes os eleva — pois concorrem para proclamar o nome de Espanha, espalhando pelo mundo um brado de louvor ao solo fecundo e ao Sol maravilhoso do país que lhes serviu de berço.

Em Jerez encontramos belos palácios, magníficos jardins e as maiores adegas de Espanha, pois é nesta privilegiada região que a indústria vinícola atinge o mais alto grau.

Entramos, em seguida, em S. Fernando — berço da gloriosa Marinha espanhola, onde se encontra a célebre Academia dos Guardas-Marinhas.

O aspecto de S. Fernando é encantador, com as suas casas brancas, fardas brancas cruzando as ruas brancas... Tudo é branco, claro, juvenil, como se uma mocidade, pura, tranquila e confiada palpasse em todos os detalhes e expressões!

Até começam as famosas salinas — também grande riqueza de Espanha — que se prolongam até Cádiz. ... E a Cádiz chegámos, finalmente, depois de uma viagem esplêndida — por volta das duas da madrugada.

Entrar, de noite, numa cidade desconhecida, é uma combinação estranha que mais desperta a curiosidade do viajante... Os olhos tentam penetrar a treva, descobrir motivos de interesse, auscultar o coração da cidade, perscrutar, nas sombras, a configuração das ruas, a forma dos edifícios, a fisionomia das caras das pessoas que passam, descobrir-lhes os mistérios, penetrar-lhes, subitamente, na alma e nos nervos...

Tudo, porém, se cerra em silêncio e enigmas, como alguém que quer dar uma prenda valiosa mas que a esconde, para só a entregar no dia próprio...

Na manhã seguinte, não existia sono, cansaço ou indolência... — e a cidade surgiu-nos subitamente, em todo o seu esplendor, como uma decoração de teatro, mal o pano se ergueu!

Não existe paleta de pintor que possa dar, em toda a sua exactidão, os cambiantes luminosos, as tonalidades ardentes, que se assemblam à excepcional beleza com que Cádiz nos surgiu, naquela fascinante e gloriosa manhã!

Valcu a pena esperar! Todo o encanto da cidade é dado por duas tintas únicas: o azul e o branco! Mas um azul mais rico do que a turquesa, a safira, o cobalto — e um branco mais puro do que a prata, o leite, a neve ou o mármore...

O azul vem do céu e continua no mar! O branco — é a cidade!

Nada poderá imaginar-se de mais radioso, de mais luminoso e claro! O nosso belo Sol — que é das mais puros e resplandecentes — não consegue atingir o fulgor extraordinário deste fecundo e ardente Sol de Cádiz!

Há quem a chame a Cádiz «La taeta de plata», pela sua alianta claridade, a sua beleza, o ar limpo, puro, quase cristalino...

O mar abraçando a cidade por três partes, tornando-a mais adoravelmente fresca! O admirável passeio, chamado «circuito turístico», com belos e ilimitados horizontes! Os magníficos hotéis, confortáveis, elegantes, cosmopolitas! Os seus monumentos! As suas «calles» modernas! As belas praias, animadas pela exuberante mocidade andaluza! — tudo contribui para que Cádiz se torne uma cidade inesquecível!

A sua catedral — construção do século XVI — embora não seja desprovida de nobreza e grandiosidade, nada possui, porém, que deslumbrasse, a quem já conhece as maravilhas de Burgos, Toledo, Córdoba e Sevilha... Lembra, talvez, as catedrais de Granada ou Málaga: uma arquitectura clássica, com proporções mais esguias e esbeltas, ao gosto dos artistas da Renascença, com os seus capitéis coríntios alongados, de uma grande elegância de forma!

Vista do mar, a distância, Cádiz tem um aspecto de sonho, de encantamento! Ao olhá-la, tão cintilante, tão branca, entre o azul do céu e o azul do mar, dá-nos a impressão fantástica de ser uma imensa coroa de filigrana de prata! O zimbório amarelo da catedral, lembra uma tiara de topázios, irradiando estranhos e belíssimos fulgores...

As açoteias repletas de flores, as volutas e as torrinhas que encimam algumas casas, tornam Cádiz — vista a distância — quase suspensa, desafiando o céu!

Byron, numa só frase, deu-nos o perfeito carácter desta maravilhosa impressão:

«...Brilhante Cádiz, qui l'éleva vers le ciel, du milieu du bleu foncé de la mer!»

Deixando o coração em Cádiz, seguimos a caminho de Algeiras, cruzando montanhas lindas, sobre o fundo do oceano incomparavelmente azul, que, visto da altura de dois mil metros, lembra numa imensa e tranquila lagoa! A cor do Cantábrico desdobra-se em cambiantes quase irreais, que vão desde o verde plumbeo ao azul cobalto, divinamente puro!

Passámos por Tarifa — pequena e velha cidade, bastante característica — conservando ainda as suas grandiosas muralhas, a sua feição mourisca e o seu clima ancestral. Tudo é sonho, bela melancolia, aspecto saudoso, nesta cidadezinha adornada e tranquila!

Os vastos campos andaluzes dir-se-ia estarem envolvidos em sonho, afundados em saudades remotas, medida que o pôr do Sol os ia encerrando em sombras e silêncios... Estranha impressão nos dominou... Como se fôssemos ali, na aquela cidadezinha velha e distante, encontrar as nossas próprias saudades, a melancolia de muitas tristezas e desilusões...

E, no entanto, mal o Sol nasce na manhã seguinte, toda a morbida

Livros novos

«Vitrais italianos»
por Marques Gastão

A já vasta bibliografia — ao todo dezanove livros — do nosso prezado camarada na Imprensa, Marques Gastão, foi agora ampliada com a publicação de um novo livro, intitulado «Vitrais italianos». Admirador incondicional da Itália, apaixonado por quanto se relaciona com aquele país, Marques Gastão reuniu neste volume o resultado das suas peregrinações sentimentais e jornalísticas por Florença, Génova, Gêna, Castel Gandolfo, Nápoles, Roma, Tivoli, Gêna e Orvieto.

Em «Vitrais italianos» afirmam-se uma vez mais, as qualidades de prosador de Marques Gastão e a sua ansia desmedida de comunicar ao leitor as belezas materiais e morais que o sensibilizam.

Almoço de confraternização

Aproveitando o feriado de hoje, o pessoal das oficinas e os empregados do balcão das Papelerias Emilio Braga reuniram-se num almoço de confraternização, oferecido pelo proprietário daquele estabelecimento comercial.

Antes, no campo de jogos da P. S. P., houve um jogo de futebol entre dois grupos de empregados das oficinas e de papeleria.

impressão desaparece, se espuma se dilui numa claridade olímpica!

O Sol de Espanha não admite tristezas nem consente que as almas se afundem no doentio prazer de sofrer e recordar...

Canta uma canção em cada boca, nasce uma ilusão em cada alma, vibra uma centelha em cada olhar e um cravo vermelho que se prende nos cabelos é uma legenda admirável de confiança e optimismo nas promessas da Vida!

Algeiras é uma pequena cidade, sem grande importância histórica, embora de intenso movimento turístico e comercial, visto ser de lá que partem, constantemente, barcos para Gibraltar, Tanger e Ceuta.

Situada precisamente em frente de Gibraltar, as suas casas brancas refletem no azul do mar, como corpos prateados de graciosos vezeis, brincando à tona da água...

L. Algeiras, num barco confortável, partimos para Gibraltar, onde chegámos em menos de uma hora.

O efeito produzido pela fisionomia da bela cidade, é dos mais bizarros! A cada momento nos sentimos na Andaluzia e na Inglaterra!

Perto de casas mouriscas, no género de Granada e de Murcia, surgem subitamente, as construções em tijolo, com as suas antigas janelas de guilhotina, tanto ao gosto de Richmond!

Os passeios e alguns jardins, são adornados com fraxinos, almôcegos, videiros e a verde vegetação do Norte, tão diferente da dos países meridionais! Os ingleses têm uma individualidade tão pronunciada, que são sempre os mesmos, em qualquer parte onde se instalem.

Não chega a compreender-se o motivo por que viajam, visto que levam consigo todos os seus hábitos e costumes! Em qualquer paisagem se encontra um inglês, vice, precisamente, como se estivesse habitando a Inglaterra...

Todos estes pormenores representam um interessante atractivo, prendem a atenção fortemente e encantam o espírito! De resto, tudo encanta, nesta linda cidade edificada na base de um enorme rochedo, no meio do mar, apenas ligada por uma ponte, a Linea — pequena e insignificante ilha espanhola.

Gibraltar é uma maravilha! Belos hotéis, grande comércio, ruas estreitas mas bem tratadas e panoramas de sonho!

Não perdemos o passeio turístico à montanha, visitando os seus habitantes: os célebres macacos, que nos recebem amáveis, civilizados, joviais, reclamando as bananas que todos os turistas lhes levam.

A montanha onde vivem, for, em tempos, fortaleza dos mouros — primeiros senhores de Gibraltar. Do local onde está colocada a lápida comemorativa da visita de S. M. a rainha Elizabeth de Inglaterra, efectuada no ano 54, avista-se um panorama belíssimo, inesquecível!

O mar, de tonalidades irreais! O horizonte, de linhas ilimitadas! A entrada do Estreito! Espanha, em frente e, ao longe, a costa africana!

O hotel era uma residência magnífica, de instalações moderníssimas e luxuosas, onde se aliava o conforto britânico ao espanhol, podendo igualar-se aos mais elegantes e cosmopolitas hotéis! Quartos esplêndidos, refeições servidas em belos terraços que dominam a cidade e um precioso serviço de mesa capaz de satisfazer todas as aspirações dos mais exigentes turistas.

O passeio à Caleta — lindíssima praia semeada de pitorescos rochedos — é uma das diversões, sempre

REGRESSARAM
do Brasil

dirigentes de aeroclubes

De avião, regressaram a Lisboa os srs. major Oliva Teles e Carlos Lopes Pinto, respectivamente, presidente e director-secrário do Aero Clube do Porto, que visitaram, oficialmente, o Aero Clube do Brasil, no Rio de Janeiro, durante a Semana da Asa, o Aero Clube de São Paulo e a Fundação Santos Dumont, em São Paulo.

Durante a sua presença no Brasil, aquelas duas individualidades portuguesas foram carinhosamente recebidas nos aeroclubes brasileiros, tendo-lhes sido prestadas significativas homenagens.

escolhida pelos turistas de bom-tom...

At, num restaurante elegante, ao som de belas e categorizadas orquestras, dança um mundo variado de raças diferentes, cruzando-se os mais estranhos idiomas e sentindo-se, na própria atmosfera, qualquer coisa de maravilhosamente novo e impressionante, mercê de um internacionalismo bizarro...

O passeio a esta bela praia, e, ceitu-se por debaixo do sol, numa magnífica obra de engenharia, que fura a cidade de um extremo a outro. Um alto e potente farol ilumina já o Estreito, marcando o limite de Gibraltar.

Quando a tarde cai, eleva-se do mar um nevoeiro denso, que oprime e esmaga — o célebre acvoeiro tradicional de Gibraltar que envolve, numa cortina de sonho, o precioso e secular rochedo...

De Gibraltar, em barcos luxuosos e confortáveis, parte-se para Tanger. São quatro horas de travessia — delicioso oásis de tranquilidade — na trepidante vertigem da viagem e na sucessiva cadeia de fortes e entusiasmáticas emoções...

Logo à primeira vista, ainda a distância, Tanger tem o mesmo aspecto deslumbrante de Cádiz, pois é semelhante o seu carácter mourisco, a brancura das suas casas baixinhas, dos seus terraços e açoteias.

No cais, há um autêntico assalto de Marroquinos, envolvidos nos seus típicos albornozes, apregoando, na sua linguagem ininteligível, as supremacias de um hotel sobre o outro, entre estranha confusão e burburinho...

Ao acaso escolhemos o «Ville de France», esplêndido, com os seus belos jardins e óptima instalação.

É bela a cidade de Tanger, com largas avenidas, magníficos cafés e uma variedade incrível de hotéis, para todos os preços, luxuosos e modestos! Nasceram os hotéis por todos os lados, confirmando assim a intensa vida de Tanger — vida de constante turismo — que aliás se justifica plenamente, pelo seu excepcional encanto, pelo ineditismo da sua beleza, pelos contrastes flagrantes que oferece! Mulheres brancas, em reduzidíssimos trajes de praia, deixando escurecer a pele, sob a intensidade do Sol ardente...

A seu lado mulheres de pele escura, completamente cobertas, ocultando o rosto debaixo dos seus típicos veus e deixando, apenas, ver os olhos — magníficos, na sua maior! Nos casinos e «boites», surgem as «toilettes» mais modernas e ousadas, um mundo de alta elegância, estranho e perturbante...

No Kasbah, os hábitos mais primitivos, mulheres recatadas, o espírito mussulmano na sua máxima expressão, na sua forma ancestral! As mulheres absolutamente cobertas, espreitadas pelo cume vigilante do seu adono e senhor...

Os mercados, com seus exóticos vendedores, fisionomias estranhas, de olhos penetrantes e enigmáticos que, quando nos fixam profundamente, nos causam arrepios e terror!

Pelas ruas, encostados a muros velhos, há homens miseráveis, estendidos ao Sol, envolvidos nas suas roupagens sujas, como gatos famintos e tristes...

Tanger desdobra-se, revela-se, em seus múltiplos aspectos, palpantes de imprevisível e surpresa! Aqui, a elegância, a vida moderna, o luxo, o dinheiro, a alegria de viver...

Além — nos bairros pobres — a sombra tristeza, o silêncio pesado, com aspecto de emboscada, ódio e ameaça...

Oprime-nos uma sensação estranha de vida nova, de vida que não nos fora revelada e apenas imaginada, e cuja realidade nos deixa o coração palpitando em louca perturbação...

É sob o domínio de uma comoção intensa que, na manhã seguinte nos despedimos desta bela cidade branca, desta Tanger de sonho e de lenda, onde uma subtil poesia grava a mensagem eterna da Beleza.

A distância ainda se divisavam os terraços e as açoteias brancas, semelhante lenços brancos, acenando-nos adeuses de despedida!

A novidade da viagem acabara aí! Agora, era o retorno, a saudade risonha e imóvel e aquele recordar maravilhoso que se grava, para sempre, dentro de nós e nos faz preencher as escuridões das longas noites de insónia, com imagens palpitantes e sempre vivas, dos dias maravilhosos de viagem...

GRACIETTE BRANCO

Levantando

a ponta do veu...

(Continuação da página central)

bral; A Abadia do Pesadelo, de Peacock; Leonardo da Vinci e o seu tempo, de Jaime Brasil.

A Clássica Editora continuará a publicar as suas colecções «Deza», de Américo Faria, «Os melhores romances policiais», «Os melhores romances de aventuras», «Branca», «Viagens», aventuras, epopeias e editará a tradução do livro de Kipling «Desenvolvimento económico» e a do dr. Peixoto da Fonseca «Noções de História da Língua Portuguesa». Além destas obras a Clássica Editora conta ainda editar vários originais portugueses.

A Editorial Gleba planeia para o ano editorial de 1958-59 concluir a publicação das «Novelas exemplares», de Cervantes; publicar o «Grande Fabulário de Portugal e do Brasil», organizado pelos profs. Vieira de Almeida e Luis da Camara Cascudo, com estudos de António Sérgio e Alvaro Lins. Ilustrações de Portinari, Poty Lazzarotto, Julio Pomar e Sá Nogueira; iniciar uma colecção de teatro que vai abrir com a publicação de «Requiem por uma freira», de Faulkner, traduzido por Luis de Sousa Rebelo, segundo «Esperando por Godot», de Beckett, tradução de António Nogueira Santos e «O Percevejo», de Malakowski, tradução de Alexandre O'Neill.

A Livraria Bertrand editará, na colecção «Antologia da Terra Portuguesa», um volume dedicado ao Alto-Alentejo, organizado por Urbano Tavares Rodrigues, o romance de Steinbeck «A Leste do Paraíso», «O destino chama-se Clotilde», de Nino Gresserich, «Dr. Jivago», de Boris Pasternak, «Greta», de Caldwell. Iniciar também uma nova colecção «Obras-Primas da Língua Portuguesa», orientada por Vitorino Nemésio, que começará com «As pupilas do sr. reitor», de Julio Dinis prefaciada por aquele professor universitário, e terá como outros títulos «Eurico o presbítero» e «Resemeas».

Desta resenha podemos concluir que os originais portugueses não conhecerão muito melhor sorte que nos anos anteriores. A verdade é que a crise se podemos aplicar esta palavra em sentido tão particular considerando que habitamos uma teoria de crises, a crise do livro português se encaminha para qualquer situação.

O problema é complexo e a sua discussão seria aqui descabida. Os editores enfrentam inúmeros problemas, sabemos-lo, e estas edições, mesmo de traduções de obras que foram ou ainda são um êxito mundial constituem ainda assim, um risco. No entanto não é evidente que se torna necessário arriscar ainda mais lançar livros portugueses, combater a indiferença?

FEIRAS INTERNACIONAIS

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem reduções em todas as classes aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas:

ITALIA — Torino (de 5 a 16 de Novembro de 1958).

Pedir esclarecimentos:

—na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio);

—no Serviço Comercial e do Tráfego em Lisboa (Santa Apolónia).



Sabel dos Santos

Reformada da Fábrica de Armas

FALECEU

Sua família participa que o funeral se realiza amanhã, domingo, às 10 horas, saindo da sua residência, Rua Cima de Chelas, Quinta do Paló, n.º 4 J. A., para o cemitério do Alto de S. João.

FABRICA PORTUGAL

STUDIO TOM



FOGÕES
DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS
A GÁS DA COMPANHIA, GAZCIDLA
E PROPACIDLA

EFICIENCIA E QUALIDADE
Muitas dezenas de milhares
dos seus fogões em funcionamento

TÉCNICA
adquirida em quase um século
de experiência

GARANTIA



A nossa marca

A VENDA NAS DUAS BARRAS DA ESPECIALIDADE

Do mais simples fogareiro ao mais complexo fogão

AUTOMOBILISTAS

REPRESENTADAS:

SPICA
RABOTTI
CARELLO
CONDOR

SPICA

ATÉ ÀS 0 HORAS

DISPONHA DE REPARAÇÕES
DE URGÊNCIA EM

MECÂNICA
ELECTRICIDADE

DIESEL (bombas
e injectores)

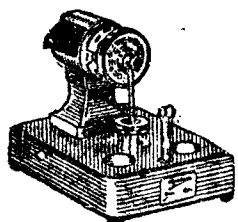
TELEVISÃO e RÁDIO

ELECTRO-SERVIÇO

S. A. R. L.

AV. DA REPUBLICA, 99
(JUNTO AO CORREIO)

Se adquirir uma acção da SPICA, terá as reparações a preço do custo, com modesto aumento, o seu dividendo normal e ainda no fim do ano, um BÓNUS ESPECIAL DE CONSUMO. Informe-se na nossa SEDE



MAQUINAS DE APANHAR MALHAS NAS MEIAS
«VAPEDRONE»

COM FACILIDADES
CASA VAPEDRONE
Rua da Vitória, 54-56 — T. 25632
ou MEIA DE VIDRO — Rua Augusta, 158
— LISBOA;
no PORTO — MOREIRA & LEITE, LDA.
— Rua Firmeza, 403

EVORA
Pensão-Giraldo

o estabelecimento que serve bem
por bem servir

Voltou á modalidade de
PENSÃO-RESTAURANTE

PELES HELEN

ULTIMOS MODELOS
VISIONS E ASIRAKANS
AOS MAIS BAIXOS PREÇOS
Av. António Augusto Aguiar, 3, 2.º. Dt.
Telef. 53735



Major

Joaquim Jerónimo Carneiro
de Sousa e Meneses
FALECEU

Sua família participa que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, avô, irmão, cunhado, tio e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Igreja do Santo Condestável para o cemitério da Ajuda.

AGÊNCIA BARATA

VIDA MUSICAL

Sociedade de Concertos

A muito anunciada estreia da nova temporada da quase histórica Sociedade de Concertos de Lisboa, com o insigne violinista Yehudi Menuhin, deu-se no dia desde há muito marcado. Uma interminável bicha de carros nas imediações do S. Luís era já o sintoma do aspecto mundano do acontecimento, e o mau tempo, dificultando o trânsito, obrigou a um sensível atraso a hora de começar o concerto, o que toda a gente compreendeu e desculpou.

Pelo que conhecíamos da arte e

O PORTO pelo telefone

Abertura do Sanatório de Monte Alto

PORTO, 1. — Conforme temos noticiado, é hoje que abre o Sanatório de Monte Alto, com uma lotação de 300 camas, dando assim início á sua humanitária missão de socorrer os tuberculosos pobres. Os primeiros doentes a serem ali atendidos são todos eles combatentes da Grande Guerra de 1914-18. As cerimónias pré-inaugurais efectuam-se esta tarde e constarão do içamento da bandeira nacional, admissão e alojamento dos primeiros doentes, instituição do serviço religioso na capela de Nossa Senhora dos Enfermos, descerramento de uma lápida comemorativa, homenagem á Liga dos Combatentes da Grande Guerra, e por ultimo, um porto-de-honra oferecido pela direcção aos seus convidados.

Criança atropelada

Na Rua Oliveira Gaio, em São Mamede de Infesta onde reside, foi colhido por um automóvel, conduzido por Angelo Tavares da Silva, o menino Manuel Peixoto de Magalhães, de 7 anos, que sofreu ferimentos na cabeça e choque traumático, pelo que teve de ser internado ao Hospital de Santo António.

MISSÃO DE ESTUDO
à Itália

De avião, partiu para Roma, em missão oficial, o sr. eng. António de Sousa Coutinho, investigador do laboratório Nacional de Engenharia Civil, que ali vai proceder ao estudo e reconhecimento da exploração de pozolanas. Durante a sua permanência em Itália, visitará também diversos portos e principais centros de estudo do cimento e pozolanas, designadamente o Instituto de Química Aplicada, em Roma, e o Laboratório de Italcement, em Bergamo. De Itália, seguirá depois para a Alemanha, a fim de participar no colóquio sobre a fluência do betão.

Concurso de fotografias

Organizado pelo jornal «Ribamar», de Alges, vai realizar-se um Concurso de Fotografias, como propaganda turística da região marginal.

A este certame podem concorrer os fotógrafos amadores de nacionalidade portuguesa ou estrangeira, residentes em Portugal, com fotografias do formato mínimo de 18x24. São admitidos todos os temas considerados artísticos, devendo contudo prevalecer os de carácter regional, que visem aspectos turísticos da zona marginal (costa do Sol e margem oposta).

As fotografias devem ser entregues na redacção de «Ribamar», Rua Damião de Gois, 7-A, em Alges, até ao dia 30 de Novembro, acompanhadas do respectivo boletim de inscrição.

da personalidade de Menuhin, era difícil que nos reservassem surpresas obras ultra-conhecidas como os Concertos, de Beethoven e de Mendelssohn. Descontadas as pequenas trações causadas pela humidade, podemos chamar inalteráveis a grande e impecável escola de Yehudi Menuhin, o seu profundo e sério sentido expressivo, o seu perfeito equilíbrio formal. Menuhin, de traços acentuadamente judaicos, é contudo uma complexão apolínea, — ou apolíneos são os seus conceitos de plasticidade e de sobriedade. Como nos sangrou o coração de não ouvir Menuhin numas obras menos sempiternamente tocadas! Mas ainda bem que pelo menos, a Orquestra estava subjugada pelo solista e que o director, maestro António de Almeida, se mantinha no máximo da atenção, procurando sempre e conseguindo muitas vezes casar a orquestra com as subtilidades de pormenor e a qualidade sonora do solista, que se distingue entre outras pela invulgar densidade do som e pela pormenorização da interpretação, que valoriza em vez de diminuir a grandeza e a pureza com que o intérprete reconstrói a obra.

O programa, a abrir, tinha dado a abertura das «Bodas de Figaro», de Mozart, e fechou com dois fragmentos do «Galo de ouro», de Rimsky Korsakoff, em que António de Almeida se mostrou capacitado para uma interpretação arrojada e rica de colorido.

FRANCINE BENOIT

Prémio Sassetti

Está aberto concurso de provas publicas para a atribuição do Prémio Sassetti (disciplina de composição).

A este concurso são admitidos todos os alunos do Conservatório Nacional que tenham concluído o respectivo curso no ano lectivo de 1956-1957, com a classificação não inferior a 17 valores.

O prazo para a entrega do requerimento solicitando a admissão ao concurso deve dar entrada na secretaria do Conservatório até ao dia 12 do corrente.

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — T. 45587

Dr. Abel Alves—Ouv. nariz e garganta 14 h.

Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos, 18 h.

Dr. Armando Valle—Anál. clín. e vacinas, 11 h.

Dr. Armando Luzes—Rins e vias urinárias, 14 h.

Dr. Benard Guedes—Raios X, 6 h.

Dr. Camara Leme—Boca e dentes, 10 às 13 e 17 às 19 h.

Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nerv mentais (2.º, 4.º e 6.º), 16 h.

Dr. Fernando Castro Amaro—Med. geral, 14 h.

Dr. Formigal Luzes—Ag. Físicos, 15 h.

Dr. João Marques Pinto—D. das crianças, 18 h.

Dr. Juvenal Esteves—Doenças da pele e sífilis (2.º, 4.º e 6.º), 14 h.

Dr. Mário Rosa—Cl. méd. est. e intest. 15 h.

Dr. Souto Soares—Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.

Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras (3.º, 5.º e sáb.), 15 h.

Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd., coração e pulmões, 18 horas.

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS

OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS

RAPIDEZ E SIGILO

A FINANCIADORA

EM LISBOA—AV. DA LIBERDADE, 3

NO PORTO—P. DA LIBERDADE, 12

A TABAQUEIRA

Comunica aos seus clientes e ao público em geral que, a partir da próxima segunda-feira, dia 3 de Novembro, os seus escritórios estão instalados na Rua dos Fanqueiros, 156-4.º andar. (O edifício tem elevador) — Telefones: 27128-31789.

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

EM Oldford falara-se muito no quarto onde o velho Silas Ming tinha o seu tesouro, e toda a gente sabia do caso. Ele vivia em Hall, nos arredores da cidade, e não gostava que o visitassem. Sabia-se do tal quarto com o tesouro pela tagarelice dos criados nas tabernas locais, mas as informações eram mínimas. Os próprios servidores de Silas nunca penetravam na sala misteriosa, defendida por uma porta chapeada de ferro, e nem sequer lhes era permitido espreitar pelo vidro colorido da única janela, resguardada por uma fina rede de arame. Não iam, pois, além de meras suposições o que as pessoas da cidade diziam, com ar de conhecedoras, que o velho Silas tinha no quarto uma fortuna em ouro e joias. Verdadeiramente, ninguém sabia a certeza o que ali haveria, nem o motivo que levava o velho a fechar-se lá dentro, horas a fio, todos os dias, com ordem terminante para não incomodarem sob qualquer pretexto.

Tudo quanto se sabia a respeito do velho Silas é que andava pelos oitenta anos, viajara, durante a sua longa vida, pelas sete partidas do Mundo e pagara cinco anos antes, mais de vinte mil libras pela casa e as suas doze feiras de parque. Visitava a cidade uma vez por semana, e sempre no dia da feira, que era às terças, demorando-se uma hora a escabichar nos velhos livros dos alfarrabistas e nas bugangas das barracas de antiquários. Às vezes lá comprava qualquer coisa, mas nada que fosse além de dois xelins. Tinha um único parente um sobrinho, que residia em Londres, e só de longe em longe ia a Oldford. Era um rapaz simpático, de vinte e cinco anos, mais ou menos, trajando sempre no rigor da moda, os fatos muito bem passados e camisas e gravatas de fino gosto. Quando estavam juntos, o contraste era extraordinário, pois Silas nunca vestia senão um casaco preto, todo coçado, umas calças amareladas, com chapéu de feltro, desbotado, a cobrir-lhe a cabeça. Parecia que se davam muito bem, e as visitas de William eram o único sinal de vida naquela casa sombria. Silas encomendava, então, sempre nesses dias, azeitonas, anchovas e queijo «Camenbert». Quando o merceiro Higgs recebia essa encomenda, já sabia que William andava por ali. O velho Silas limitava, geralmente, as suas compras ao que o racionamento lhe concedia.

Foi durante uma dessas visitas do sobrinho que o inspector da Polícia, John Porter, recebeu uma chamada telefónica de casa de Silas, conhecida pelo «Hall». Reconheceu logo a voz de William, e preparava-se para cumprimentá-lo efusivamente, pois, enquanto Silas era quase desconhecido na cidade, toda a gente conhecia o sobrinho.

— Bom-dia, inspector! — disse William, notando-lhe o inspector a excitação na voz. — Poderia vir aqui imediatamente? O tio esteve, durante toda a noite, no quarto do tesouro, e receio que lhe tenha acontecido alguma coisa terrível! —

— Não pode lá entrar, Bill? — Não! A porta está fechada e não tenho chave! Levarei o dia inteiro para arrombá-la. Talvez não fosse mau trazer uma gazuia, ou lá como se chama! Já esfolei os nós dos dedos a bater à porta, mas não há resposta. Deve ter sucedido qualquer coisa ao velho!

— Vou aí num instante! — respondeu Porter, desligando o telefone, e, minutos depois, seguia para o «Hall», no carro da Polícia, a toda a velocidade.

Quando lá chegou, foi conduzido por uma criada que lhe abriu o portão até à porta do quarto do tesouro, junto da qual estava Bill Ming. Com ele encontravam-se outros criados, que abriram passagem ao investigador e seu ajudante.

Poter cumprimentou Bill e começou a examinar a fechadura, que era vulgar, mas de boa marca. Endireitou-se, sorrindo-se satisfeito, fez um sinal ao seu ajudante, e pegou de um instrumento metálico e meteu-o na fechadura, começando a rodá-lo.

Durante alguns momentos, ouviu-se apenas o som duro e cortante do aço contra o aço e, pouco depois, um pequeno estalo. O polícia abriu a porta e deteve-se. Porter e Bill inclinaram-se para a frente e o sobrinho de Silas teve um grito de horror. No meio do quarto, estava o velho, caído de costas, com um buraco em plena testa e os olhos

muito abertos. Porter estendeu o braço para segurar Bill: — Espere um bocado! — avisou-o. — Deixe-me primeiro dar uma vista de olhos. E' só um minuto! Os outros observavam da porta. Peter ajoelhou-se junto de Silas, mas tornava-se já inútil qualquer das experiências habituais para ver

Uma chave e um novelo de fio

se o velho ainda estava vivo. Era evidente que morrera muitas horas antes.

— Vá chamar o médico, Barney! — disse Porter ao seu ajudante, erguendo-se e sacudindo o joelho. Depois, relanceou o quarto, fixando todos os pormenores. Era uma grande sala quadrada, com ampla janela em frente da porta. A um canto, uma secretária moderna; a outro, em diagonal com a porta, uma escrivaninha antiga, cuja última gaveta estava aberta. Ao longo da outra parede havia seis armários, todos com as gavetas fechadas. — Agora, se quiser, pode entrar Bill! — disse Porter ao sobrinho do velho Silas. Mas não toque no corpo. E' evidente que foi assassi-

nado, e nada se lhe pode fazer! — E' horrível! — gaguejou Bill Ming, inclinado para o cadáver. — Mas quem o teria assassinado e como? — Isso é que temos de descobrir! Agora como foi está bem claro: derramou um tiro! — O que eu quero dizer é... é como o assassino conseguiu entrar no quarto? Pois se a porta estava fechada! — Talvez pela janela... mas não sei! Está fechada por dentro e aliém disso, não era possível passar pela rede. E' um mistério, Bill! — Este assentiu com a cabeça e deu uns passos lentos pelo quarto, evitando cuidadosamente tocar no cadáver. Quando chegou ao pé da escrivaninha, empurrou a gaveta aberta para dentro. Porter avançou para junto dele.

— Não devia ter feito isso, Bill! — disse-lhe, tornando a abrir a gaveta.

— Desculpe, inspector: foi a força do hábito, suponho! O tio era sempre muito cuidadoso e emburrava com gavetas abertas os papéis nos cestos.

— Era? — voltou o inspector, olhando atentamente para a gaveta.

Via-se uma chave em cima de uns papéis. Porter pegou-lhe com o lenço e encaminhou-se para a porta. Introduzindo-a na fechadura, verificou que servia perfeitamente.

— Quantas chaves tinha este quarto? — Só essa! E o tio andava sempre com ela.

Porter abriu as gavetas de todos os armários. Era certo que tinham guardado joias, pois viam-se ainda as etiquetas nos estojos de veludo: *Pingente Holbein, do século XVI; Pingente inglês, de cerca de 1400; Broche em filigrana, século do século IX* — leu o inspector, que se voltou para o sobrinho de Silas:

— Tem alguma ideia onde estará aquilo que falta aqui?

Com um leve sorriso, Bill acenou a cabeça negativamente e comentou:

— Vim agora a saber pela primeira vez, que ele tinha essas coisas, pois nunca entrei antes neste quarto!

Porter, abanando a cabeça:

— Parece que o tipo que deu o tiro limpou os estojos, a seguir. Acho que o melhor é deixar, por hoje, as coisas como estão. Não vemos tardar o fotógrafo e o perito das impressões digitais. Vamos até à sala de visitas, que quero perguntar umas coisas a essa gente.

Uma vez reunidos na sala, Porter voltou-se ainda, para Bill:

— Quando foi o velho Silas visto pela última vez, ainda com vida?

— A senhora Wall, que é a governante, foi ao quarto do tesouro, buscar o chá, ontem, pelas seis horas!

— E depois disso ele não saiu?

— Parece que não!

— E isso era coisa normal? — Em regra, passava toda a tarde nesse quarto! Porter interrogou, sucessivamente, todos os criados, mas nada de novo conseguiu apurar. — E não podia tratar-se de suicídio? — inquiriu Bill? — Um morto não faz desaparecer

a pistola—retorquiu o inspector—. E isso é a parte mais complicada da questão. Por que levou o assassino a arma com ele? Cá na minha ideia, era uma pistola que podia ser facilmente identificada. Sabe de alguém que tenha uma pistola, Bill? Deve ser de pequeno calibre, a avalar pelo ferimento!

— Dantes tinha uma, de calibre vinte e dois, mas já não sei, há anos, o que é feito dela!

— Alguém mais?

Os criados acenaram negativamente com a cabeça.

— Agora, o que é preciso saber é como o autor do crime saiu do quarto, uma vez que só havia uma chave! — exclamou o inspector, como quem interroga.

Ninguém lhe respondeu e, durante algum tempo, ele manteve-se em silêncio, a olhar, pensativo, para o tecto. Subitamente, cravou os olhos em Bill Ming, que acabava de tirar um lenço do bolso e com ele limpava a testa.

— Deixou cair um bocado de fio, Bill! — notou Porter, e logo aquele se voltou.

Junto da sua cadeira via-se um pouco do novelo de fio. O inspector não disse nada, enquanto Bill metia o novelo do bolso, mas depois perguntou-lhe:

— Para que serve esse fio, Bill?

— Estive, ontem, a atar um embrulho e devo ter metido o resto do fio na algebeira.

— Compreendo! Mas, agora, está a intrigar-me uma coisa que disse naquele quarto. Quando fechou a gaveta disse que era por força do hábito, pois seu tio nunca deixava as gavetas abertas. Se fosse assim, penso eu, não teria deixado de fechá-la depois de lá ter metido a chave. E, seja como for, dificilmente a teria lá posto. O natural é que a guardasse no bolso, onde sempre a trazia. E perguntava a mim mesmo porque se encontrava a chave naquela gaveta?

— E que resposta obteve a essa pergunta?

— Nenhuma, até ver esse fio. Agora já sei como o assassino, na noite passada, fechou a porta atrás dele. Serviu-se de um bocado de fio! Depois de ter morto Silas, fez um laço duplo num bocado de fio, com a chave nesse laço, que passou, depois, pelo puxador da segunda gaveta e abriu a de baixo. Levou os dois extremos do fio, com a chave no laço, para fora da porta, e fechou-a com a chave. Depois deixou-a cair e começou a puxar pelas duas pontas do fio, de modo que a chave passou sob a porta, em direcção à escrivaninha. Quando a chave encaixou no puxador, o assassino largou uma ponta do fio e puxou pela outra. A chave caiu na gaveta aberta em baixo. Quando era garoto divertia-me a fazer isso mesmo com uma chave. E a minha conclusão, Bill, é que o assassino meteu o fio na algebeira!

Havia um pesado silêncio na sala, e todos os olhares se fixavam em Bill Ming, muito pálido e que parecia ter dificuldade em engolir. Acabou, por fim, por perguntar em voz rouca:

— Onde está a pistola?

— Cá por mim, penso que foi escondida, pois podia comprometer o assassino. Quem o matou não tinha a intenção de dar um tiro no Silas, mas disparou com a cabeça perdida... Lamento, Bill, mas tenho de prendê-lo! E agora gostava de saber por que o matou?

Em ALCACER DO SAL o «Diário de Lisboa» é vendido por José Maria da Silva.

Diz o médico...

(Continuação da 1.ª página)

defende-se deles quando pode. Rara é a pessoa que, ao ingeri-los a primeira vez, não sinta justificada repulsa. Os nervos gustativos defendem-se e só os aceitam quando o homem, destrambelhadamente, os impõe.

Além de serem prejudiciais, tiram o paladar aos alimentos e o sabor aos elementos naturais.

A natureza, em seu misterioso laboratório (a terra-mãe), encarrega-se de fornecer a cada vegetal, a cada fruto o seu sabor, e bem assim o perfume que os caracterizam. O prazer da mesa consiste, em grande parte, na descoberta dos produtos naturais.

Não existem alimentos insípidos. Todos eles, separados ou juntos, possuem o seu paladar.

Os condimentos não estimulam o apetite. Todo o estímulo artificial é nocivo. Com o tempo, abolidos os condimentos, o homem habituou-se a satisfazer, com peso e medida, as necessidades fisiológicas do próprio organismo.

Não estimulam as secreções gástricas e não auxiliam a digestão. Desde 1825 que se apurou (experiências de Saint Martin) que os alimentos condimentados levam mais tempo a digerir que os manipulados com naturalidade.

Se o sabor e o perfume de cada alimento determinam o tipo de secreção gástrica e intestinal, digestiva, mascarar-lhes o mesmo é que impedir a adaptação adequada dos respectivos sucos (Pavlov).

A pimenta é, de todos os condimentos conhecidos e utilizados, o mais nocivo entre os nocivos, o que ataca com maior prejuízo e intensidade as mucosas digestivas, em especial a mucosa gástrica. Tal irritação é provocada pelo óleo contido na especiaria.

Quando os óleos são separados dos condimentos (existem processos especiais para o efeito) e lançados sobre a pele, provocam o aparecimento de dermatites, muitas delas (existem vários tipos) de difícil tratamento e cura.

Os principais órgãos afectados pelo uso e abuso dos óleos das especiarias são: o estômago, o fígado, os intestinos, os rins, os vasos sanguíneos e o coração. Podem provocar as seguintes doenças: inflamações crónicas, gastrites, duodenites, úlceras gástricas e do duodeno, colites e cancelação do estômago e do intestino, além das enfermidades ano-rectais.

São ainda a causa de indigestões e de diarreias, seguidas de penosa sensação de queimadura. São igualmente responsáveis por muitas doenças alérgicas.

Segundo um autor francês muito conhecido (Boix de Paris), produzem a arteriosclerose, e Tissot, por sua vez, sustentou sempre que o uso da pimenta entra a secreção da pepsina.

Os insectos — mais inteligentes do que o homem em matéria de alimentação — sabem escolher os alimentos, a farinha integral com vitaminas e sais minerais, deixando, sem lhe tocar, a farinha branca desprovida de vitaminas e de sais. O Homem, julgando-se civilizado, prefere o pão alvo ao pão inteiro. Foi o branco pão que fez subir, em todos os países, o valor das acções da Moagem...

As opiniões dividem-se quando se discute o valor da presença do sal na alimentação. Sabe-se que a raça branca consome muito, a raça amarela muito pouco e os pretos raramente.

EM TRÊS LINHAS

No próximo dia 7, principia em Braga um Colóquio de Direito Corporativo e do Trabalho.

///

Chegou a Lisboa, com demora de dois dias, o sr. Gerhardus Petrus Jooste, secretário geral do Ministério dos Estrangeiros da União Sul Africana.

///

Regressou a Roma o sr. prof. dr. Leo Magnino, que se deslocara ao nosso País para receber o Prémio António Ferro, do S. N. I.).

mente o usam. Sabe-se ainda que povos e tribos primitivas nunca o utilizaram na alimentação, apesar de robustos e fortes, uns entregues à agricultura, outros à caça.

Existem muitos sais minerais indispensáveis à vida animal e vegetal. São os diferentes sais orgânicos, sintetizados pelas plantas em seus processos de crescimento.

O sal de cozinha não substitui o orgânico. O corpo humano utiliza-o em pequenas quantidades. Não sofre transformações metabólicas, ao contrário do que sucede com os sais orgânicos, naturais, imprescindíveis à vida.

Escassamente os animais necessitam dele. Não o procuram. Não existem rochas salinas à superfície da Terra (Shelton).

O emprego do sal de cozinha na culinária é muito recente. Durante séculos, os homens e os animais domésticos viveram sem o utilizar.

Em contraposição foi empregado para afastar os demónios, em complicadas artes de magia, nas cerimónias lúmbres e nos exorcismos. O exorcista tinha sempre em sua bolsa oculta o sal com que afastava os espíritos maus. Servia, ainda, para demarcar a fronteira entre o homem e o demónio.

Pombal mandou salgar o local em que impedidamente fez executar os Távoras, e as namoradas desiludidas tinham por hábito mandar salgar os lajedos das casas em que viviam os derriços insaciáveis.

Tribos da América, da Colômbia, das Ilhas do Pacífico, da África Central, dos desertos e das montanhas continuam a ignorar a existência do sal. E vivem, e são felizes, gozando perfeita saúde!

Na própria Europa, durante tempos esquecidos, o sal de cozinha só era usado entre os ricos, apesar do comércio do sal ser muito antigo.

Há várias doenças que impõem o seu condicionamento, e até, em determinados casos, a abolição completa no regime dietético («Diets in use at St. Thomas's Hospital», Londres, 1957).

Vem a propósito referir que a indústria do sal de cozinha pouco mais tem de século e meio de existência, e ainda há relativamente pouco tempo era empregado pelos fazendeiros e agricultores como um excelente insecticida, precursor do D. D. T.

Combate-se o uso do sal nas afecções renais, na epilepsia, na doença de Bright, nas tuberculosas renal e pulmonar (o ião sódico desloca o ião cálcio), e ainda noutras doenças que seria longo e fastidioso enumerar, não esquecendo, porém, as doenças dos vasos.

Agrava os síndromes reumatismais, torna crónicos os eczemas, aumenta a pressão arterial e é incompatível com o emprego da cortisona e outras drogas.

Sabe-se que os tecidos suportam uma determinada pressão osmótica: sempre que ela sobe, devido à presença de uma substância estranha, os rins encarregam-se de eliminá-la.

Quando essa mesma pressão se eleva devido ao sal, a excreção não se verifica, visto que a substância em referência paralisa a função renal, sobretudo a acção selectiva excretora.

E quanto à carne? A crua é mais facilmente digerida e absorvida. Admite-se hoje que é necessária ao homem, excepto a de porco, que contém mais gordura do que as outras. A proteína da carne possui todos os nove ácidos aminados necessários ao organismo. A proteína aumenta a imunidade do indivíduo às doenças infecciosas («L'Hygiène des Vian-des», O. M. S. Genève, 1958).

Cuidado, pois, com a boca! Refere um velho provérbio árabe que um jantar copioso é inimigo da vida e da inteligência, isto é, adversário do homem. «La santé des riches laisse à désirer...» Os alimentos? Já um célebre dr. Rodrigues (recorda Anatole France), preferia aqueles aos fabricados nos laboratórios... E Portugal é um país de vitaminas baratas, as quais estão quase todas à mão de semear, tanto no quintal como na horta, graças a Deus!

A. d'E.

A tarde desportiva

Os encontros da 5.ª jornada

foram ganhos pelo Belenenses, Atlético, Benfica e Torriense

Prosseguiu, esta tarde, o torneio de reservas da A. F. L., com os quatro encontros, dos quais damos a seguir breves apontamentos. Ao concluir-se a primeira volta, a pontuação das equipas é a seguinte:

SÉRIE A — Benfica A, 11 pontos; Sporting, 9; Torriense e Oriental, 8; Arroios, 4.

SÉRIE B — Benfica B, 11 pontos; Atlético, 10; Belenenses, 9; Estoril e Sacavenense, 5.

Belenenses, 7-Sacavenense, 1

Jogo no Restelo, dirigido por José Vitorino Santos.

As equipas: **Belenenses** — Fernandes; Leonel e Rozendo; Amandio, Paz (Castro e Marçal; Adelino (Rogério); Mendes, Cunha Velho, Guilherme e Miguel.

SACAVENSE — Lino; Alvaro e Abreu; Campos, Pinto e Rui; Martins (Célio), Cardoso, Serra, Belo e Fernandes.

A primeira parte foi de absoluto domínio do Belenenses e terminou com 5-0, a favor dos azuis. Mendes, aos 6 minutos, abriu o activo; e depois, o mesmo jogador aos 20 minutos; Cunha Velho, aos 28; Guilherme, aos 31; e, novamente, Cunha Velho, aos 40, fizeram os tentos.

Na segunda parte, a feição do encontro não se modificou mas fizeram-se apenas três golos. Aos 8 minutos, Rogério pôs a marca em 6-0; Serra, aos 11 minutos, obteve o ponto de honra do Sacavenense, e, finalmente, aos 21 minutos, de «penalty», Cunha Velho fixou o resultado em 7-1.

Torriense, 3-Aroios, 0

TORRES VEDRAS, 1 (Pelo telefone) — Jogo no Campo das Covas, dirigido por Alípio Louro.

As equipas: **TORRIENSE** — Pinheiro; Gilberto e Belchior; Mergulho, Manuel Carlos e António Manuel; Jerónimo; C. António, Aníbal, Saldanha e Vítor.

ARROIOS — Borrego; Costa e Artur; David Pais, Carvalho e Farajota; Armando (depois Adelino) Chitas, Paz, Orlando e Tomé.

Os locais formaram sempre a melhor equipa sobre o terreno, merecendo amplamente a vantagem de 2-0 com que atingiram o intervalo. Aníbal e Carlos António, repetidamente, aos 3 e 15 minutos foram os autores dos golos.

Depois do recomeço e até aos 10 minutos o jogo decorreu com equilíbrio. Depois o jogo animou um tanto com as duas equipas a procurarem afanosamente o golo. Mas, o marcador só funcionou por mais uma vez — aos 18 minutos, quando Vítor fixou o resultado em 3-0 a favor dos locais, que tiveram vantagem até ao fim.

Atletismo no Barreiro

BARREIRO, 1 (Pelo telefone) — O Luso F. C., do Barreiro organizou, hoje, um festival desportivo, no seu campo atlético, consoante o programa de provas de atletismo e ciclismo para populares, cujas secções voltaram a efectividade naquele clube.

Resultou, a todos os títulos interessante este festival que reuniu numeroso publico, dada a participação de alguns atletas do Sporting, entre os quais Manuel Faria, que foi alvo de significativa homenagem.

Ao microfone, o capitão da secção de atletismo dos «leões», Romeu Branco disse, porquê do Sporting visitar o Barreiro, tendo chamado os atletas um por um, após o que o presidente do Luso, Egidio Vilar, apresentou os cumprimentos do seu clube e realçou a personalidade do atleta Manuel Faria, que recebeu das mãos do vice-presidente da Camara, Vitor Adragão, interessante taça comemorativa da sua visita, momento muito aplaudido pelo publico.

A exibição de atletismo do Sporting deu os seguintes vencedores: 88 metros barreiras — Pedro Almeida, 11,2 s. (o melhor tempo em Portugal).

800 metros — Joaquim Ferreira, 1 m. 59,1 s.

3.000 metros — Dias Santos, 8 m. 44 s.

Peso — António Mendes, 11,90 metros.

Comprimento — Pedro de Almeida, 6,47 metros.

Para a prova ciclista de 56 kms. com partida e chegada ao campo de jogos alinharam 35 corredores em representação do Luso, Ginásio da Baixa da Banheira, Silveirense, Botafogo de Alhos Vedros, G. D. do Barreiro e Sport Grandolense.

Cortaram a meta com o mesmo tempo dez ciclistas (1 h., 47 m. e 15 s.): António Aíveca (B. Banheira), M. R. Moreira, Manuel Joaquim (Sp. Grandolense), Idalino Brito Mendes (Luso), Arménio Augusto (B. Banheira), João de Matos (Luso), José Casimiro, Ricardo Palhota, Emídio Cabrita e Joaquim José.

Por equipas classificou-se em primeiro lugar, o Sport Grandolense, com 12 pontos seguida do conjunto da Baixa da Banheira, com 15 pontos.

nica e, aos 8 minutos, Galinho passou o resultado para 3-0.

Aos 35 minutos, Manuel II fixou o resultado em 3-1, no aproveitamento de uma grande penalidade.

Oriental, 0-Benfica-A, 4

Jogo no campo «Eng. Carlos Salama», arbitrado por Aníbal Oliveira e disputado pelos seguintes jogadores:

ORIENTAL — Edmundo; Mendes 2.º e Carapinha; Martinho, Vasco e Jerónimo; Adamastor, Mário, Postigo, Silva e Lourenço.

BENFICA A — Barroca; Salvado e Barbosa; Salazar, Ferreira e Hilário; Vieira Dias, Santana, Carda, Peres e Palmeiro Antunes.

Ao intervalo, o Benfica venceu por 2-0 — justa recompensa para o seu melhor labor, que lhe permitiu impor domínio. O Oriental em dois ou três contra-ataques não chegou a ser perigoso. Aos 18 minutos, por intermédio de Carda, e aos 42, por Peres, na sequência de um «canto», o Benfica marcou os seus dois golos da 1.ª parte.

Na segunda parte, o Benfica prosseguiu ao ataque e obteve mais dois tentos, aos 2 e aos 41 minutos, respectivamente, por Santana e Carda. No final, portanto, Oriental, 0-Benfica A, 4.

O jogo desta tarde no campo do Restelo

(Continuação da 1.ª página)

Dimas, isolado em frente do guarda-redes, rematou, duas vezes, a figura, e um terceiro remate, agora de Tonho, a bola foi detida sobre o risco da baliza pelo defensor barrense Faisca.

Contudo, o domínio do Belenenses tornou-se impressionante, devendo dizer-se que, até à meia hora, os visitantes apenas conseguiram uma vez pôr em sobressalto a defesa de Belém. José Augusto desceu pela direita, centrou para Faia, que ficou isolado em frente do guarda-redes, mas José Pereira, mais lesto, salvou a situação.

O jogo prosseguiu com o Barrense muito bem organizado na defesa, a anular bem todas as tentativas dos «azuis», das quais há a registar um «falhanço» espectacular de Dimas, ao pretender finalizar um centro de Tito; um forte remate de Matateu, que fez passar a bola por cima da barra; e outro de Yauca, que Bráulio desviou para «canto».

Os visitantes, só a espaços, no ultimo quarto de hora, conseguiram algumas avançadas, mas em nenhuma delas lograram estabelecer perigo para José Pereira.

E, assim, apesar do forte domínio do Belenenses, o intervalo chegou com as equipas empatadas a zero golos.

Na segunda parte, o Belenenses apresentou-se com uma pequena alteração no seu xadrez — Dimas permitiu de lugar com Yauca.

A partida recomeçou com feição idêntica à da primeira parte. Isto é: o Belenenses lançado na ofensiva. O seu domínio incessante continuava, porém, sem resultados práticos.

O Belenenses teve também um remate de Matateu que passou em frente da baliza e pouco depois foi assinalado o fim do jogo com a vitória do Belenenses por 1-0.

tos, por os seus dianteiros complicarem a trama do jogo dentro da grande área barrense.

E depois de várias oportunidades de golo desperdiçadas por Matateu, Yauca e Tonho, surgiu finalmente, aos 14 minutos, o primeiro tento dos Lisboetas, apontado por Tito, num lance aparentemente inofensivo: Matateu desferiu remate torto, mas quando a bola ia a sair ao lado do poste surgiram Tito e o guarda-redes do Barrense, a bola bateu na cabeça do extremo de Belém e entrou na baliza.

Depois do golo, o Belenenses teve mais duas oportunidades para aumentar a vantagem — uma de Tonho, aos 15 minutos, que isolado, em frente das balizas adversárias, atirou contra as pernas do guarda-redes; e outra de Matateu, num remate de longe, que Bráulio defendeu para «canto».

Por sua vez, o Barrense, aos 23 minutos, ia conquistando o empate. O Belenenses foi castigado com um «olive» por José Augusto ter sido rastreado à entrada da grande área azul. Madeira, ao apontar o castigo, endossou o esférico a Faia, que atirou forte «tiro», defendido por José Pereira, de forma a largar a bola. Correia correu a recarga, mas o guarda-redes belenense emendou, a tempo, a defesa e o perigo passou.

No ultimo quarto de hora, o jogo decorreu em toada mais equilibrada. Isto é: os visitantes actuaram mais ao ataque, na intenção de igualarem no marcador. Beneficiaram da marcação de mais um «olive», à entrada da grande área dos «azuis», a castigar falta assinalada em benefício do infractor, mas, desta feita, o remate de Faia saiu muito por alto.

O Belenenses teve também um remate de Matateu que passou em frente da baliza e pouco depois foi assinalado o fim do jogo com a vitória do Belenenses por 1-0.

Os delegados no Congresso Nacional de Pesca efectuaram visitas em Luanda

LUANDA, 1. — Os delegados ao V Congresso Nacional de Pesca visitaram esta manhã a zona turística de Luanda.

Cerca das 11 horas, o sr. comandante Henrique Tenreiro, acompanhado pelo sr. comodoro Duarte Silva e pelos outros membros do Congresso visitaram algumas das instalações locais da industria pesqueira, que percorreram demoradamente.

Oferecido pelo Grémio dos Industriais de Pesca de Luanda, realizou-se depois um almoço regional, no cenário da linda praia de Belas, que decorreu num ambiente de franca cordialidade.

O «Quazá», embandeirado em arco, aguarda os congressistas que nele embarcam às 15 horas, com rumo ao Lobito, onde são esperados amanhã, às 10 horas. — (L.).

A suspensão das experiências atómicas

Os cheles das delegações à conferência tripartida de Genebra tiveram hoje uma reunião

(Continuação da 1.ª página)

ção dos créditos assim disponíveis ao auxílio aos países insuficientemente desenvolvidos.

Só resta, agora, a Comissão Política pronunciar-se sobre uma série de moções que dizem respeito ao recomeço dos trabalhos da Comissão Permanente da O. N. U. para o Desarmamento, que não se reúne há mais de um ano, em virtude das divergências quanto à sua composição. Deverá examinar uma proposta jugoslava, a qual a delegação francesa submeteu emendas, e uma proposta mexicana. Estatuirá sobre estes textos na sessão de segunda-feira à tarde. Depois, a Assembleia Geral deverá aprovar, em sessão plenária, pela maioria dos 2/3, as moções votadas pela Comissão Política. — (F. P.).

A Conferência de Genebra

GENEVA, 1. — Tsarapkin, Ormsby-Gore e Wadsworth, respectivamente, chefes das delegações soviética, britânica e americana à conferência sobre a cessação das experiências nucleares, reuniram-se, esta manhã, na sede da delegação americana, assistidos por especialistas científicos.

De origem americana, declara-se que a finalidade desta reunião é discutir questões de processo que podem ter influência decisiva nos trabalhos da conferência propriamente dita. A delegação soviética apresentou, ontem, as duas outras um projecto de acordo sobre a suspensão dos ensaios das armas atómicas e de hidrogénio. Servirá este documento de base de trabalho, ou dará a Conferência, que deve resolver um certo numero de questões de princípio, a prioridade ao exame destas questões? Sendo assim, haverá que assentar numa ordem de prioridade.

Um daqueles pontos refere-se à adesão de terceiros países a um acordo eventual. Os delegados an-

glo-americanos parece que encaram a possibilidade de que alguns países, a França ou a China, por exemplo, se recusem a associar-se. Não é idêntica a maneira de pensar da delegação soviética que tem essa eventualidade por extremamente improvável. — (F. P.).

Novos incidentes em Aden de carácter violento

LONDRES, 1. — A B. B. C. anuncia novos incidentes em Aden onde os sindicatos convidaram os seus membros para uma greve geral.

Manifestantes invadiram o centro comercial da cidade, onde se entrincheiraram e atacaram uma estação dos correios e os escritórios de uma firma comercial britânica. A Polícia fez prisões e foi imposta a hora de recolher.

Nos tumultos de ontem, houve alguns mortos e elevado numero de feridos. Começaram, ao saber-se da condenação de dois jornalistas árabes, que acusaram de corrupção os magistrados do Supremo Tribunal do Protectorado de Aden.

Hoje, as autoridades locais pediram aos subditos britânicos que não andem pelas ruas. A actividade portuária está completamente paralisada. — (F. P.).

TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até às 15 horas: máxima, 20,1; mínima, 14,5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 19; mínima, 12,5.

— Temperaturas registadas na Costa do Sol (Estoril), às 9 horas (T. M. G.), de hoje: na atmosfera, 19,1; e na água do mar, 15,9.

O acordo comercial entre a Rússia e o Brasil e as perspectivas das relações económicas entre os dois países

RIO DE JANEIRO, 1. — A conclusão do primeiro acordo de trocas de 60.000 toneladas de petróleo russo contra 20.000 sacos de cacau brasileiro — podendo aumentar, em 1959, para 450.000 toneladas de petróleo — e a notícia de que o antigo chanceler do Brasil, Oswaldo Aranha, foi convidado a visitar a U. R. S. S., chefiando uma delegação de negociantes brasileiros, são as duas grandes notícias do dia que suscitam, desde já, comentários.

Em 1957, uma tentativa da ida de uma missão de comerciantes para além da «cortina de ferro», por parte da Associação de Exportadores, não foi por diante, por não ter a anuência necessária dos círculos oficiais, sendo, pelo contrário, mal recebida.

A atitude vinculada no princípio deste ano pelo antigo chanceler Oswaldo Aranha, em prol do reatamento das relações diplomáticas e comerciais com a U. R. S. S., suscitou grandes polémicas.

Agora, os dois factos novos acima apontados mostram que o Brasil, lutando com falta de divisas e asseverado pela superprodução de café, empenha-se em desenvolver o seu comércio com a U. R. S. S., se for possível em proporções maiores que as dos acordos de «clearing» que o Brasil concluiu com a Polónia, a Alemanha de Leste e a Checoslováquia.

Desde já, não é possível prever as consequências ultteriores destes dois acontecimentos. Se é exacto que o Brasil continua a transaccionar com o mundo ocidental, não deixa de ser menos certo que procura ter outras iniciativas, quanto mais não seja no plano comercial. Por outro lado, não deixa de ser curiosa a verificação de que os dois factos em causa são anunciados na mesma altura em que, apesar do optimismo alardeado oficialmente, subsiste a impressão de que a operação pan-americana lançada pelo presidente Kubitschek de Oliveira, em prol da elevação do nível de vida dos habitantes da América Latina, marca passo, emaranhada na complexidade das formalidades internacionais. É de notar ainda que estes dois factos se tornaram conhecidos pouco depois da notícia de um empréstimo de 100 milhões de dólares da U. R. S. S. à Argentina. — (F. P.).

O IV Encontro dos Cine Clubes Portugueses

SANTARÉM, 1. (Pelo telefone). — Prosseguiu hoje, nesta cidade, o IV Encontro dos Cine Clubes Portugueses, ontem iniciado com a exibição, em ante-estreia, do filme «Noites brancas», com a presença do governador civil do distrito.

De manhã, na Junta de Província do Ribatejo, reuniram-se 150 cineclubes, representando 30 colectividades, os quais apreciaram várias comunicações. À noite, no salão de festas do Circulo Cultural Scalabiano, haverá uma sessão experimental, em que se exibem filmes de amadores.

O Encontro termina amanhã com um almoço de confraternização.

DIÁRIO DE LISBOA

SEMANA DO CONTRIBUINTE PROGRAMAS DE RADIO

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — Estão a pagamento, até ao fim do corrente mês, as seguintes:

Contribuição Predial — A terceira e quarta prestações trimestrais, tendo a terceira juros da mora.

Contribuição Industrial — A terceira e quarta prestações trimestrais tendo a terceira juros da mora.

Imposto Profissional — Profissões Liberais e Assalariados — A terceira e quarta prestações trimestrais, tendo a terceira juros da mora.

Imposto Complementar — A primeira e segunda prestações das colectas iguais ou superiores a Esc. 2.000\$00, tendo a primeira prestação juros da mora.

Taxa Militar — A anuidade do corrente ano, que não foi paga com taxa simples, isto é, 60\$00, até ao fim do mês de Maio, pode ser paga este mês e até ao fim do corrente ano, com taxa elevada a dobro, posto o que relaxará, sendo, então, paga com custas e selos do processo.

Fundo do Desemprego — Serão pagas até ao dia 10 de Novembro as cotizações referentes ao mês de Outubro, por todas as entidades que empreguem, normalmente, um ou mais empregados e operários em indústria ou comércio.

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL — Grupo B. — As sociedades coloniais ou as que tenham de aguardar do estrangeiro elementos essenciais à sua escrita, poderão fazer, ainda até 30 de Novembro, a apresentação de: a) Um exemplar dos estatutos sempre que houver qualquer alteração nos mesmos;

b) Decretação do modelo oficial;

c) Certidão passada pela respectiva câmara de correctores, com a cotação média das suas acções no ultimo ano civil; e

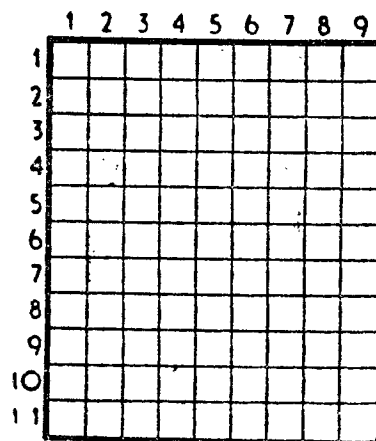
d) Um exemplar do ultimo relatório, aprovado pela assembleia geral.

— Decreto n.º 16.731, de 13 de Abril de 1929, art.º 37.º e 38.º e seus parágrafos.

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3492



HORIZONTAIS: 1 — Filósofo grego que ria constantemente da loucura humana. 2 — Terceiro. Chefe etíope. 3 — Preposição e artigo. Muito. Artigo definido. 4 — Livro das contas correntes. 5 — Divisão do tempo. Dá mios. 6 — Progenitor. O flanco de um exército. 7 — O mais. Preposição, língua antigamente falada ao S. do Liger. 8 — Enganos. 9 — Príncipe mongol ou persa. Nome de mulher. Senhor. 10 — Pregue. Escarnecer. 11 — Cidade de Espanha.

VERTICAIS: 1 — A fundadora de Cartago Cenaz. 2 — Enal Assim que. Pedra de altar. 3 — Nota semanal. Scerano. Artigo definido (ant.). 4 — Imperfeitas. Salário de soldado. 5 — O cristianismo. Gerem. 6 — Dirigiam-se. Rate. 7 — Comparecer. Freguesia do cencelho de Oliveira do Bairro. Símbolo químico do rado. 8 — Tanco. Para barlavento. Textualmente. 9 — Serra de Portugal. Socorria.

Solução do problema n.º 3491

HORIZONTAIS: 1 — Eva. Ela. 2 — Alamo. 3 — Ar. Tia. In. 4 — Uivo. Sara. 5 — Caf. Lot. 6 — As. Tua. Se. 7 — Arimo. 8 — Ode. Erma. 9 — Romãnce. 10 — Morão. 11 — Agar. Sula.

VERTICAIS: 1 — Caucaso. Pá. 2 — Rias. Dr. 3 — Vá. Vi. Arom. 4 — Alto. Tremor. 5 — Af. Tui. Ar. 6 — Amas. Amenas. 7 — Ló. Al. Orçou. 8 — Irós. Me. 9 — Anátoma. Cá.

EMISSORA — As 21, noticiário, 21 e 15, desdobramento; 23 e 15, noticiário boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — As 17, musica portuguesa, 17 e 30, concerto ligeiro; 18, noticiário e danças; 18 e 19, trechos de operetas; 19, emissão infantil; 19 e 30, trechos em piano; 19 e 45, aquarela brasileira; 20, jornal sonoro; 20 e 15, musica ligera sinfonica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, junção dos emissores; 21 e 15, trechos em viola espanhola; 21 e 30, comentário político; 21 e 15, rádio para trabalhadores. No intervalo: vozes do Mundo; 23 e 30, lanca; 23 e 45, junção dos emissores.

Programa «B» — As 17, a ópera em 1 acto «Amelia Al Ballo», de Menotti pelo coro e orquestra de Scala de Milão, sob a direcção de Sanzogni; 17 e 55, obras de Ravel pelo pianista Theo Bruins; «Jogos de Agua»; «Pássaros Tristes»; «A borada del Grazioso»; 18, 15, transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos, do 3.º concerto da symphonie organizada pela E. N., em que colabora a Orq. Sinf. Nacional, dirigida por Van Otterloo. No intervalo: o noticiário regional e canções pelo soprano Schwarzkopf; 20 e 15, «Preludios», de Chopin; 20 e 40, trechos de operas, de Richard Strauss; 21, junção dos emissores; 21 e 15, parte do 3.º acto da ópera «Os Meisters Cantores de Nuremberg», de Wagner, coro e Orq. Fil. de Berlim, sob a direcção do maestro Knappertz busch; 22 e 45, que quer ouvir? «A consagração da casa», abertura em do maior, de Beethoven, pela Orq. Fil. de Haia dirigida por Van Otterloo; «Concerto n.º 4» de Beethoven, para piano e orquestra, por Backhaus e a Orq. Fil. de Viena, sob a direcção de Clemens Krauss; «1812», de Tchaikowsky, pela Orq. Sinf. da Rádio de Berlim sob a direcção de Freesay; 23 e 15, junção dos emissores.

RADIO CLUBE — As 18, ritmos de baile; 18 e 30, fados e guitarradas; 19, quer um conselho?; 19 e 15, Jean Sablon; 20 e 15, apontamento do dia; 20 e 20, solistas; 21 e 30, onda desportiva; 21, imagens por musica; 21 e 30, lingua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, mistério desvendado; 22 e 30, trechos re-creativos; 22 e 35, cultura espanhola; 22 e 45, Canconetas; 23, concerto; 23 e 30, ritmos de baile, do Casino Estoril; 23 e 45, agenda; 23 e 50, conjuntos; 0 e 30, noticiário; 0 e 40, ritmos de baile.

Estações de Miramar — As 18, noticiário infantil; 18 e 30, canconetas; 19, palestra de lingua portuguesa, 19 e 15, motivos portugueses; 19 e 30, isto é Portugal; 20, boletim informativo; 20 e 10, conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, vida desportiva; 21, noticiário; 21 e 15, Giuseppe Di Stefano; 21 e 30, orquestras ligeiras; 22, programa para a mulher; 22 e 5, Brasil; 22 e 30, conjuntos instrumentais; 22 e 45, melodias; 23, trechos de operetas; 23 e 30, artistas portugueses; 0, baile, da Canoa; 0 e 15, ritmos de baile.

RADIO RENASCENÇA — As 18 e 30, terço e bênção; 19, missa vespertina; 19 e 50, boletim do S. C. R.; 20, musica para o seu jantar; 20 e 15, França, horizonte do Mundo; 20 e 30, noticiário; 20 e 55, meditando; 21 e 5, as ultimas novidades; 21 e 30, musica portuguesa; 21 e 50, valsas; 22, no reino das musas; 22 e 20, aberturas célebres; 22 e 45, noticiário; 22 e 57, boletim religioso; 23, serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 às 19 e 30, Rádio Peninsular; 19 e 30 às 21, Voz de Lisboa; 22 a 1, Clube Radiofónico de Portugal.

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» de 1 de Novembro de 1928 publicava uma página de Félix Correia acerca da Exposição do Livro Português em Madrid, durante a qual fizeram conferencias, iniciadas pelo Sr. Camara Reis, o dr. Faria de Vasconcelos, acerca do seu Instituto de Orientação Profissional; dr. Ernani Cidade, sobre Camões; António Ferro falando do jornalismo, e Armando Cortezão acerca de Portugal colonial. Acentuava o caminho do embaixador Melo Barreto pelas coisas de Portugal em Espanha.

EFEMERIDES

No dia 1 de Novembro de 1755 o terrível terramoto de Lisboa destruiu grande parte da cidade e causou 50.000 vítimas.

TELEVISÃO

Hoje, às 21, abertura da emissão; 21 e 2: noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10: «O agente rádioactivo»; 22: jornal de actualidade internacional; 22 e 10: «Os contos maravilhosos da Arte»; 22 e 25: «Tele-Desporto»; 22 e 50: aca Latina de hoquei em patins; 23: actualidades nacionais e ultimas noticias; 23 e 10: «Na rua e na estrada»; 23 e 30: fecho da emissão.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era moderado de Norte e o céu estava pouco nublado por acção de uma massa de ar seco transportada na circulação de uma depressão centrada sobre Marrocos.

Temperaturas às 9 horas — Porto, 12; Coimbra, 14; Lisboa, 16; Faro, 17; Funchal, 18.

PREVISÃO GERAL ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Um pouco nublado, vento moderado do Norte. Possibilidade de nevoeiros matinaes na região costeira, ao Norte do Cabo Carvoeiro.

FARMACIAS DE SERVIÇO

PURNO C — União — Estrada de Benfica, 592-594 Tel. 740092. Vitec — Estrada de Benfica 373-4 Tel. 786518. Curie — Avenida J. da Silva 15-A Tel. 778139. Leal — Matos — Rua Neves Costa 43-45. J. Almeida Tel. 780181. Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata, 169 162 Tel. 751035. Central do Luimar 77 Tel. 779480. Brasil — Avenida Rio de Janeiro 66-68 A Tel. 722368. Sanex — Avenida da Igreja 31-4 Tel. 776905. Belmar — Avenida de Roma 53-A Tel. 776314. Alzarve — Avenida de Roma 1-H Tel. 777473. Garantia — Avenida Padre Manuel da Nobrega 3-A B 2 Praça do Areeiro Tel. 727391. Unida — Avenida João XXI, 13-A Tel. 726448. Campo Pequeno (Do) — Avenida da Republica 58-D-E Tel. 771661. Vale — Avenida Marques de Pombal 45-49 Tel. 773043. Universal — Rua Actor Laborda 5-7 Tel. 41458-A. Novais — Avenida Luis Hilar 11-13 Tel. 44324. Ascenso — Rua 27 41. Bairro da Encarnação Tel. 389216. Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia 19 Tel. 389237. Conceição — Calçada D. Gastão 10 32 Tel. 381279. Pereira. Suc. R. do Paraíso 98-100 Tel. 863224. Silva — Calçada de Santo André 16 Tel. 862074. Branquinho — Rua dos Sapadores 57 Tel. 842725. Luzmar — Rua 2, 16. Bairro de Santa Engrácia Tel. 728395. Iberia — Rua Barão de Sabrosa 23-A. Alameda Tel. 728277. Bastos — R. Moraes Soares 91-D Tel. 844359. Castro — Avenida Almirante Reis 76-A B Tel. 44373. Peninsular — Campo dos Martires da Pátria 117-118 Tel. 53308. Vicente de Jesus — Largo do Rato 3-C-D Tel. 841947. Salutar — Rua B 75-A B Bairro da Liberdade Tel. 683694. J. de Oliveira — Rua de Camphide 54-A Tel. 684424. Pinheiro — Rua de Campo de Ourique 131 133 Tel. 663640. Janeiro — Avenida da Alvariz Cabral 100 ao lado de Lopo Pedro Nunes Tel. 661453. Pague — Praça Possidónio da Silva lote 3 Tel. 669185. Oriental — Rua D. Jeronimo Osório JPM 3 Tel. 610256. Gomes. Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira 326 Tel. 638193. Costa — Rua dos Lustados 32 Tel. 636704. A César — Rua Prior do Crato 74 Tel. 680187. Guerreiro da Costa — Rua das Flores Verdes 91 Tel. 662327. Maria Capitão — Rua de S. Felix 45-A B Tel. 669720. Fentix — Rua da Cruz dos Poiais 52 Tel. 21031. Santos — Praça Luis de Camões, 24 Tel. 22794. A — Liberal — Avenida da Liberdade 217-219 Telef. 6341. Ferrão — Rua da Mouraria 12 Tel. 634161. Portugal — Rua Augusta 216-218 Tel. 22073. A — Farmácia Remisio — Rua dos Jerónimos 144. Telefone 631699.

Festas associativas

Hoje, á noite, haverá baile na Casa de Lafões, Casa da Comarca de Arganil, Academia 1.ª de Setembro de 1867 e Associação de Beneficência «Luís Braille». Nestas três ultimas sociedades haverá amanhã, «soirées» dançantes. No Sporting Clube da Penha, também se efectua, amanhã, uma «soirée» dançante. Na Sociedade Guilherme Cosgoul realiza-se amanhã, ás 16 horas, uma «matinee» dançante.

ELE & ELA

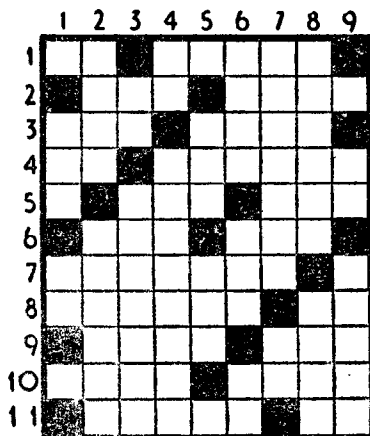


Guardado está o bocado...

PALAVRAS CRUZADA

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1407



HORIZONTAIS: 1 — Preposição. Põe aqum 2 — Escudeiro. Bosque. 3 — Preposição. Qualquer. 4 — Artigo definido. De ouro (pl.). 5 — Artigo definido. Rio da Sibéria. Nome de homem. 6 — Altar. Cólere. 7 — Antes queira. 8 — Nuncio pontificio. Medida chinesa. 9 — Nome de mulher. Ocas. 10 — Leva á sirga. Terreno inculto com plantas agrestes. 11 — Tostai. Artigo definido.

VERTICAIS: 1 — Tempo do verbo ser. Recusa. Símbolo químico do chumbo. 2 — Origens. Esquina. 3 — Prefixo de negação. Planta labiada usada como tempero (pl.). 4 — Preposição e artigo. Cubriras. 5 — Cidade da Galiza. Passada. 6 — Patrão. Peixe de água doce. Nota musical. 7 — Ilha portuguesa no Atlantico. Siga. 8 — Levava á toa. Amplo. 9 — Isolado. Vistumbres.

Resolva completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inserido.

Solução do problema n.º 1406

HORIZONTAIS: 1 — QUEM. Meda. 2 — Um. O. Ala. 3 — Arcio. 4 — AAA. Ar. 5 — Ain. Are. 6 — Graciosa. 7 — Aro. Aio. 8 — Vá. Mil. 9 — Deões 10 — MLXIV. Ré. 11 — OUVÉ. Anal.

VERTICAIS: 1 — Que. Agave. 2 — Um. Birra. Mu. 3 — NÃO. 555. 4 — Mora. Mexe. 5 — Caricai. 6 — Maia O. LEVA. 7 — Elo. Asa. 8 — Da. Arais. Rã 9 — PRESO. Mel. (Provérbio: QUEM O OUVÉ NÃO O LEVA PRESO).

AKTAZ DO DIA

TEATRO

MONUMENTAL — As 21 e 45 — «A rainha do ferro-velho».

MARIA VITÓRIA — As 20 e 30 e às 22 e 45 — «Por causa delas...»

AVENIDA — As 21 e 45 — «O Men-troso».

COLISEU — As 21 e 30 — Companhia Internacional de Circo.

CINEMA

FIVOLI — «Um rapaz encantador».

SÃO LUIZ — «Indiscreto».

SÃO JORGE — «A tragédia do Ticiano».

IMPERIO — «Os dez mandamentos».

EDISON — «Jacobowsky e o coronel».

TEAMA — «O baile dos mil tons».

ALVALADE — «Indiscreto».

MONUMENTAL — «Os miseráveis».

ROMA — «Nathalie».

ORFON — «O pinga amor».

CONDES — «Os miseráveis».

AVIS — «A rapariga das violetas».

OLIMPIA — «Império dos matos».

RESTELO — «O homem que não queria matar».

IDEAL — «O monte do desespero».

PROMOTORA — «A condessa das calças».

Arre ras aéreas

As linhas da T. A. P.

A fim de dotar os seus aviões Super Constellation com radar de tempo, a T. A. P. suspenderá, durante o Inverno, a terceira frequência da linha de África.

A partir de Abril de 1959 será ela restabelecida — então já prolongada até Lourenço Marques — dando-se assim satisfação aos desejos das provincias ultramarinas.

O horário de Inverno da linha de África, que amanhã começa a vigorar inda-nos que as partidas de Lisboa para Kano, Leopoldville, Luanda e Lourenço Marques estão marcadas para as 2.ª e 5.ª às 15 horas, e as chegadas á capital, na rota de regresso previstas para 5.ª e domingos ás 5 horas e 25.

Em relação ás restantes carreiras da T. A. P., os horários de Inverno que igualmente principiam amanhã a vigorar, são os seguintes: Lisboa-Porto e volta; de segunda a sexta-feira, três serviços por dia com partidas de Lisboa ás 8 horas, 12 e 30 e 19 e 30, e do Porto, ás 9, 14 e 30 e 21 e 15; aos sábados, dois serviços, com partidas de Lisboa ás 8 e ás 14 horas, e do Porto, ás 9 e 15 e 55; Lisboa-Madrid e volta; ás terças, quintas e sábados, partidas de Lisboa ás 9 horas e de Madrid ás 12 e 35; aos domingos, partidas de Lisboa ás 11 horas e de Madrid ás 19 horas; Lisboa-Paris-Bruxelas e volta; ás segundas e sextas-feiras, partidas de Lisboa ás 9 horas, e de Paris, ás segundas e sextas-feiras, ás 18 e 30 e ás quartas ás 14 e 30; Lisboa-Londres e volta; ás terças, quintas-feiras e sábados, partidas de Lisboa ás 10 horas; partidas de Londres ás 15 horas; Lisboa-Tanger-Casablanca e volta; ás segundas e sextas-feiras, partidas de Lisboa ás 9 e 30, e de Casablanca ás 14 horas; e Lisboa-Funchal e volta; (ARTOP) ás quartas, sextas-feiras e domingos, partidas de Lisboa (Cabo Ruivo) ás 7 horas e do Funchal ás 12 horas.

Representação da Air France

O representante da Air France em Lisboa, sr. Jacques Mauries, que vai deixar o seu cargo entre nós, regressando ao seu país, oferece esta tarde, no Hotel Avis, um «cocktail» de despedida durante o qual fará a apresentação do seu sucessor, sr. Louis Gravette.

Reunião de curso

Os componentes do curso jurídico que concluiu a sua formatura na Faculdade de Direito de Lisboa em 1933 vão comemorar as suas «bodas de prata» nos próximos dias 8 e 9 de Novembro.

Deste curso fizeram parte, entre outros, os drs. Abílio Pinto de Lemos, Acácio de Gouveia, José Gonçalves, Francisco Maia de Loureiro, Domingos Mascarenhas. Serão fim da Silva-Garcia, Francisco Castro Caldas, Ulisses Pardal e Gil de Castro (Nova Goa).

Já foi superiormente solicitada a necessária autorização para que os componentes do curso que sejam funcionários possam deslocar-se a Lisboa nos dias 7 a 10. As inscrições podem ser feitas para os escriptórios dos colegas José Jaime Neves, na Rua Nova do Almada, 36, 1.ª, e Nuno Rodrigues dos Santos, na Rua Augusta, 123, 2.ª.

SINTRA ESPERA O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

O Japão

**não considera
o Governo de Pequim
como agressor
no caso das ilhas costeiras**

TOQUIO, 1 — O presidente do Conselho, Nobusuke Kishi, repetiu a sua afirmação, de que não considera a China continental como agressora, na crise da Formosa Desmente, portanto, as declarações que lhe foram atribuídas pelo correspondente da N. B. C., Cecil Brown, segundo as quais lhe teria dito que Pequim agira como agressor.

«As Quemoy e as Matsu estão situadas próximo do Japão», salientou o chefe do Governo, falando na Comissão dos Negócios Estrangeiros da Câmara dos Representantes — «O agravamento dos acontecimentos até ao ponto do recurso à força, é um perigo. O Governo tem adoptado, consistentemente, uma atitude a favor da solução do problema por negociações pacíficas. Não considero como agressora a China continental».

O presidente do Conselho recusa-se a tomar partido no litígio, demonstrando que também não seria exacto apodar os Estados Unidos de agressores, visto que a sua intervenção no conflito se justifica pelo tratado de auxílio mútuo firmado com a China insular. O problema — simultaneamente interno e internacional — prosseguiu. O facto de estarem os Estados Unidos e a China continental a discutir em Varsóvia é já prova convincente da sua natureza internacional — acrescentou — (A. N. I.).

Relações diplomáticas entre Marrocos e a China

RABAT, 1 — Anuncia-se, de fonte oficial, que o Marrocos e a República Popular da China decidiram estabelecer relações diplomáticas. Um comunicado dos Serviços de Imprensa da Presidência do Marrocos esclarece que «os dois países procederão à troca de representações diplomáticas em data que será marcada de comum acordo». — (F. P.).

A tragédia na mina do Canadá

(Continuação da 1.ª página)

didade, em consequência do desprendimento de terras, ocorrido em 23 de Outubro, na mina de carvão — segundo informaram as autoridades mineiras.

Foram logo avisadas todas as brigadas de salvamento, assim que surgiu a notícia de que havia mais sobreviventes no interior das galerias bloqueadas. Intensificaram-se febrilmente as operações de socorro e grupos de médicos acorreram ao local, reparando-se para ministrar os primeiros tratamentos aos sobreviventes.

Segundo as primeiras notícias, teriam sido descobertos alguns homens ainda vivos, presos nas galerias obstruídas pela derrocada, a cerca de dois quilómetros de profundidade.

Soubese, depois, que mais sete mineiros foram esta manhã, encontrados e estão a ser trazidos para a superfície, pelas brigadas de salvamento.

Os sobreviventes estiveram soterrados durante oito dias e meio. — (A. N. I.).

Os trabalhos de salvamento

SPRINGHILL, 1. — A's 11 e 20 (T. M. G.) foi trazido à superfície o primeiro dos sete mineiros soterrados, Byron Barney Martin, deitado numa maca. Poucos minutos antes, dois médicos desceram à mina, a fim de dispensarem os primeiros socorros aos sobreviventes, que não comiam nem bebiam desde há oito dias e meio. Deram-lhes água e, mais tarde, café e caldo. Faltam ainda 40 mineiros. — (A. N. I. e F. P.).

O duque de Edimburgo visitou os sobreviventes da catástrofe

LONDRES, 1. — O príncipe Filipe que esteve no Canadá para assistir ao Congresso da União dos Países de Língua Inglesa, regressou, esta manhã, num «Comet» especial.

No Canadá, o marido da rainha Isabel visitou os sobreviventes da catástrofe mineira de Springhill. — (F. P.).

UM CICLONE

ameaça o Japão

TOQUIO, 1. — Dirige-se para o Japão o ciclone «Lorna», com ventos a 400 quilómetros por hora. — (A. N. I.).

Importantes forças rebeldes

**que pretendem opor-se às eleições
estão em marcha na ilha de Cuba
onde a luta assume grande violência**

HAVANA, 1 — O chefe rebelde, Fidel de Castro, anunciou pela Rádio clandestina que seis colunas de forças rebeldes saíram das montanhas da província de Oriente para invadir a de Camaguey e prosseguir até o extremo da ilha, para servirem de obstáculo às eleições gerais marcadas para depois de amanhã. Estas seis colunas vêm juntar-se às oito cuja partida foi anunciada há tempos, mas cujos efeitos não se fizeram ainda sentir.

Foram tomadas disposições especiais para o dia das eleições. Assim, qualquer eleitor que esteja empregado terá direito a abandonar o seu lugar durante três horas para exercer o direito de voto.

As empresas de transporte concedem uma redução de 50 por cento e das 5 às 18 horas não poderão ser servidas bebidas alcoólicas. — (F. P.).

Violentos combates em vários pontos do País

HAVANA, 1 — O Estado-Maior do Exército anuncia que morreram 29 rebeldes, num encontro em El Cristo, perto de Santiago de Cuba. As forças governamentais tiveram 4 mortos e 3 feridos.

Por seu lado, a emissora dos rebeldes anunciou, hoje, que foram mortos oitenta soldados governamentais e vinte e oito ficaram feridos, quando as forças dos insurrectos, comandadas pelo tenente Camillo Cienfuegos, ocuparam, na quinta-feira, a cidade costeira de Yaguajay, na província de Las Villas. Mantiveram-se seis horas naquela cidade, apoderando-se de grandes quantidades de armas, munições e abastecimentos e retirando, depois, para as vertentes das montanhas da serra Menezes.

No ataque à cidade de Santa Clara, capital da província de Las Villas, os rebeldes causaram às tropas governamentais numerosas baixas e destruíram mais de trinta camiões e automóveis. Foram, também, incendiados muitos edifícios e repartições públicas — afirmou ainda a emissora rebelde.

Anuncia-se, na capital, que foram mortos e feridos muitos rebeldes, em várias escaramuças travadas com as tropas governamentais na província do Oriente.

Num ataque contra a cidade de Embarradero de Cauto, morreram 12 insurrectos e muitos outros ficaram feridos. Outros 22 rebeldes perderam a vida em recontros travados, na estrada entre Buey Arriba e Bayamo, na área de Hoguín. As tropas governamentais recolheram muitas armas e munições nas mediações de Aguacate, tendo sido abatidos cinco insurrectos e aprisionados seis.

Em Manzanillo, os rebeldes dinamitaram a central eléctrica. No San Jaquela cidade travou-se luta violenta, com grandes baixas. Outro grupo de insurrectos penetrou na pequena cidade de Moa, matando dez soldados que ali encontraram.

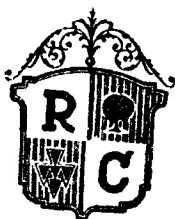
Os rebeldes assaltaram, durante a noite, a estação telegráfica da cidade de Cauto, e levaram parte do equipamento ali existente.

As últimas notícias recebidas em Havana, esta madrugada, dizem que os insurrectos dominam os montes que rodeiam Santiago de Cuba e que as comunicações com esta cidade são interrompidas.

DAVID KIT

ASTRAKANS EXTRA LEVES

Av. Sidónio Pais, 24



RESTAURANTE CASTANHEIRA
LUMIAR
Telefone 779168

Todos os dias menus variados
Salas para banquetes e lanches
de casamento

SALA DE CHA • CAFÉ BAR
Serviço diário das 12 às 24 horas

lade se encontram virtualmente cortadas.

Foram abatidos quinze insurrectos e feridos sete, quando patrulhas do Exército os surpreenderam a incendiar estabelecimentos comerciais, em Mabay, e autocarros e três automóveis, na cidade de Blasquiza.

As autoridades militares informam que foi repellido um ataque efectuado pelos insurrectos contra a Universidade da cidade de Santa Clara, capital da província de Las Villas, durante a qual foram mortos o tenente da Polícia, Rodolfo Díaz e outros três policiais. Os rebeldes tinham a intenção de se apoderar do moderno edifício da Universidade para o transformar numa «fortaleza» contra as forças de segurança. O ataque foi realizado por insurrectos transportados em dois

A tensão entre Israel e a República Árabe Unida por causa da Jordânia ameaça a paz no Médio Oriente

BEIRUTE, 1 — Com a retirada das tropas britânicas da Jordânia, a tranquilidade não voltou ao Médio Oriente. Pelo contrário, surgiu nova tensão entre a República Árabe Unida e Israel, por causa da Jordânia.

A imprensa do Cairo já aludira a «um plano de agressão sionista», no princípio de Outubro. Alguns jornais afirmaram, então, que o comando militar egípcio tivera conhecimento de um plano israelita para ser executado de surpresa, no momento da partida dos últimos soldados britânicos da Jordânia. Israel teria colocado tropas ao longo da fronteira do Jordão, para uma operação fulminante preparada com minúcia. Em consequência da intervenção das grandes potências, Israel teria aceite, em seguida, retirar essas tropas, com a condição de que toda a margem ocidental do Jordão fosse neutralizada sob fiscalização das Nações Unidas.

Esta campanha, que diminuiu de intensidade por causa do ruído feito nos jornais egípcios, a propósito do empréstimo russo para o começo da barragem de Assuan, retoma vigor em consequência de uma declaração do presidente do Conselho de Israel, Ben Gurion, a um jornalista britânico. O chefe do Governo israelita disse que o seu país seria obrigado a tomar medidas de segurança na margem direita do Jordão, se houvesse modificações importantes na Jordânia. O jornal egípcio «Al Chaab» (comunizante) escreveu que esta declaração constituía intervenção nos assuntos internos da Jordânia e era uma ameaça declarada a esse país. O «Al Ahrâm» fala de fornecimentos de armas francesas, inglesas e americanas a Israel, que ameaçam a paz no Médio Oriente. No Cairo em Beirute, em Damasco e em Bagdad, todos os jornais falam de «mobilização das tropas israelitas». Nos países vizinhos de Israel não dão crédito ao desmentido imediato de Tel-Aviv. O tom dos comentários tornou-se até

camións blindados e três automóveis particulares. — (F. P. e A. N. I.).

Armamento para os rebeldes apreendido

HAVANA, 1 — Um grande carregamento de armas e munições destinadas aos rebeldes, foi apreendido pela Polícia, mas os catorze insurrectos que estavam de guarda ao armamento, conseguiram fugir a coberto da escuridão da noite. — (A. N. I.).

MIAMI (Flórida), 1. — Foram presos, em Key West, oito Cubanos, que, ontem à noite, se preparavam para abandonar as águas territoriais norte-americanas, numa lancha a motor, carregada de armas e munições, destinadas aos rebeldes de Fidel Castro. — (A. N. I.).

mais áspero. Um ministro egípcio foi ao ponto de escrever no «Al Massa»: «Qualquer nova agressão significaria o extermínio de Israel».

Que fará Israel?

Até agora não houve qualquer incidente a agravar este estado de tensão. Mas esta sobrevém no momento em que a delegação especial da O. N. U. toma efectivamente responsabilidades na Jordânia. Para proteger este país de qualquer ataque, o secretário-geral da O. N. U. não tem agora quaisquer forças armadas. Os 600 oficiais neutrais que permaneceram no Líbano vão dispersar-se nos próximos dias. Os poucos oficiais das comissões de armistício na Palestina há muito que são testemunhas impotentes de incidentes fronteiriços. Resta, e certo, a força de urgência da O. N. U. Mas é de duvidar que esta possa garantir com rapidez a protecção da Jordânia. De qualquer modo, todos notam a fraqueza do rei Hussein, agora só em frente dos seus adversários do interior e do estrangeiro. O futuro da Jordânia causa preocupações em Israel como nos países árabes. A provável está a acusações de conspiração que um e outros trocam.

Entretanto, a Emissora de Israel, comentando a situação, afirmou, durante a noite que o país «não pode ficar indiferente ao que se passa do outro lado da fronteira», e acrescentava: «Se qualquer acontecimento perturbasse o «status quo» no lado jordano da linha de armistício, Israel seria obrigado a estar de prevenção e a agir. O que Israel faria ou não, é outro problema». — (F. P.).



Continental

A chegar nova remessa

SIMEL

R. Rodrigo da Fonseca, 103
TELEFONE 681 224

EXIJA ÓLEOS

PENN CREST

Ultimas notícias

Haverá conferência sobre Chipre?

PARIS, 1 — O delegado turco à N. A. T. O., Selim Sarper, declarou que, tendo-se chegado a uma base de acordo sobre a exigência da Grécia, relativamente a uma conferência de mesa redonda, para tratar da questão cipriota, a delegação da Turquia «ainda alimenta esperanças» de que essa conferência venha a ser convocada. — (A. N. I.).

NICOSIA, 1 — Extremista da E. O. K. A. fizeram explodir uma estação elevadora de água de um dos quartéis desta cidade. Não houve vítimas, apesar da violência da explosão. Um armazém reservado aos membros do Exército britânico, foi incendiado, esta manhã, em Famagusta. Desconhecidos quebraram uma vidraça e regaram as mercadorias com gasolina. Os prejuízos são grandes. — (A. N. I. e F. P.).

Dois aviões americanos caíram em Itália

GÉNOVA, 1. — Dois aparelhos do porta-aviões americano «Forrestal» despenharam-se, esta manhã. Ignoram-se, por enquanto, as circunstâncias em que se deram os dois acidentes, que causaram 3 mortos e 1 ferido, de um dos aparelhos. Os três tripulantes do outro ficaram feridos.

É possível — indica-se — que os dois aviões, que faziam um treino tenham embatido no ar. — (F. P.).

O terrorismo na Argélia

ORAN, 1. — Os rebeldes argelinos colocaram uma mina sob a via férrea, entre Argel e Blida, fazendo descarrilar um comboio de mercadorias e destruindo algumas dezenas de metros de linha.

O maquinista da composição ficou ligeiramente ferido. — (A. N. I.).

Pasternak

foi autorizado a receber
o Prémio Nobel

MOSCOVO, 1 — O escritor Boris Pasternak escreveu uma carta a Kruchchev confessando os seus erros e as suas faltas e comunicando que rejeitou o Prémio Nobel — informou a agência «Tass». — (A. N. I.).

MOSCOVO, 1. — A agência «Tass» comunicou o seguinte: «Em conexão com a carta que Pasternak enviou ao chefe do Governo, Kruchchev, a «Tass» está autorizada a declarar que nenhuns obstáculos serão levantados pelas autoridades soviéticas no caso de o escritor manifestar o seu desejo de ir ao estrangeiro receber o Prémio Nobel, que lhe foi atribuído». — (A. N. I.).

GABARDINES

as melhores marcas

NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

DESDE 360\$00

CAMISARIA CISNE

166 - Rua Augusta - 168

RIBATEJANO

Salvaterra de Magos — Tel. 14

• TODOS OS DIAS •

Aos Almoços — Chás e Jantares

Exibições: Ranchos Folclóricos

Cozinha Portuguesa

(6 anos)

Subsidiado pelo Fundo do Turismo



magazine

CHEGAREMOS À LUA no próximo dia 7 de Novembro?

OS Russos seguiram com apaixonada atenção as diferentes fases da tentativa americana da viagem Terra-Lua, efectuada pelo foguetão «Pioneiro I».

Isto não somente nos meios científicos, mas também no público soviético, cuja admiração pelo feito ianque em nada foi diminuído pelo fracasso do mesmo.

O lado espectacular do acontecimento impressionou vivamente um público ao par de tudo quanto diga respeito às viagens interplanetárias. Especialmente depois do lançamento dos «Sputniks» a vulgarização astronáutica conheceu um desenvolvimento extraordinário.

A Lua, na verdade, ainda não foi atingida desta vez, mas, no plano técnico, todos os precedentes «records» de uma ciência em constante evolução ficaram nitidamente para trás. Até aqui, os projectos arremessados pela mão do homem não passavam da vizinhança da Terra. A data de 11 de Outubro marca uma etapa decisiva na conquista dos espaços. Pela primeira vez, um foguetão atingiu altura superior a 100.000 quilómetros.

Na meia-hora inicial chegou aos 15.000 quilómetros. Se imaginarmos que Paris representa a Terra, e as trajectórias dos satélites artificiais

PELO SÁBIO FRANCÊS ALBERT DUCROCQ

são representadas pelos arrabaldes de Paris, o «Pioneiro», teria ultrapassado a fronteira belga...

Eis finalmente o homem nos espaços interplanetários...

Os aparelhos instalados a bordo do «Pioneiro» não repousaram um só instante no labor de enviar informações para a Terra. Informações preciosas, que vão ajudar-nos sobremaneira na aventura da conquista do céu.

Assim, sabe-se agora, graças às informações transmitidas pelo «Pioneiro», que a temperatura média reinante numa cabina, em viagens do foguetão para a Lua, seria de 5 graus centígrados, perfeitamente suportável pelo organismo humano.

Mas, para além destes resultados importantes, uma pergunta é legítima: teria o «Pioneiro» alguma probabilidade de chegar à Lua?

Não. Porque os seus criadores não comunicaram ao foguetão nem a velocidade necessária, nem a direcção indispensável.

O problema da energia encontrase teoricamente resolvido. E' pois o problema da direcção que exige maior estudo por parte dos técnicos. Com efeito, visar a Lua a partir da Terra é o mesmo que preten-

der tocar numa bola de bilhar com um berlinde á distancia de 60 metros, num solo perfeitamente liso. Um erro de meio grau na direcção, á partida, é o fracasso é garantido... Ainda mais se nos lembrarmos de que as atracções dos astros reduzem a menos de um décimo de grau o erro angular permitido...

Além disto, um projectil que se liberta da atracção terrestre (velocidade mínima: 11,18 quilómetros por segundo) vai pouco a pouco perdendo velocidade. Ao fim de 10.000 quilómetros, ela já é de 8,91 quilómetros-segundo; aos 50.000, 6,31 quilómetros-segundo; aos 150 mil, 2,82 quilómetros-segundo!

Mas justamente pela razão de que a velocidade de libertação é uma velocidade crítica, a menor alteração transtornará o programa da viagem — e o engenho será recuperado pela Terra.

Foi esta a sorte do «Pioneiro»... Acontece ainda que a Lua, com o seu diametro de 3.400 quilómetros e a velocidade na sua órbita de 1 quilómetro-segundo avança uma distancia igual ao seu contorno aparente em menos de 1 hora. Verifica-

(Continua na 7.ª página)

SUMÁRIO

«O Finezas»
ALEXANDRE CABRAL
Bilhetes Paulistanos
MIGUEL URBANO RODRIGUES
Elogio de D. Quixote
ALFREDO BRAS
Chegamos á Lua?
ALBERT DUCROCQ
Crónica de Londres
LUIS DE SOUSA REBELO
Fim-de-semana feliz
CICERONE
Novos e Velhos
Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES
Ganhe 100\$00 com um sorriso nos lábios
A presença do povo
AUGUSTO DA COSTA DIAS
Saiba com...
Ouvindo bater o coração do Mando
WILLIAM SIMPSON
M. CAROLINA FREITAS
Eduquemos o nosso filho
M. LÚCIA DA SILVA ROSA
Comentário humorístico ilustrado
VILHENA
Página da Mulher

FIM DE SEMANA FELIZ Para onde vai amanhã

Razão tinha o da moda ao cantar que o Abril em Portugal não é mais do que uma cantiga. Que o Outubro, sim, esse é que leva a palma...

Vejam como pavoneia ele por aí seu manto calmo, como nos apresenta seus olhos quentes e suaves, levemente melancólicos, é certo, como de alguém que aceita as boas, por sabê-la irremediável, a despedida da amante — e a beija ainda nos olhos, longamente...

Perdoem. Já de meu natural propenso ao romantismo, o Outono encandeia-me ainda mais. Se não ponho travão demora pouco que estejamos todos para aí de olhos em alto, resplandecentes de êxtase, saboreando a musica do elogio outonal. Com o perigo evidente de nos acontecer a nós o mesmo que ao Damião.

Este meu amigo agarrou no bacamarte lustroso da muita pomada que lhe deu na véspera, e saiu a monte. Por nada deste mundo deixava o Damião que se escapasse o dia da abertura da caça sem a presença dele. Ilusão esta de que tudo fica incompleto se não estivermos nós lá! Lá foi, o bom do Damião. Quanto andou que o digam as botas, perdida a sola ao fim da tarde. De caça, nicles. Eis senão quando de moiteira encoberta irrompe o lebrão. Majestoso, o pelo brilhante.

(Continua na página seguinte)

CRÓNICA DE LONDRES

Os ingleses e o racismo (2)

SOB o sol tropical das Antilhas, em Kingston, na Jamaica, a vida é uma grande festa. E, assim, arrebanhado o dinheiro para a passagem, ou pedido por empréstimo, os que podem embarcam no primeiro vapor e vêm engrossar a corrente humana, que todos os dias se oferece á porta das agências de colocações ou das repartições oficiais do Ministério do Trabalho.

O Jamaicano em busca de emprego entra em concorrência com o tra-

balhador inglês, mas está quase sempre numa situação desfavorável. Saído de uma sociedade primitiva e colonizada, é geralmente analfabeto e não tem a preparação técnica necessária para participar na actividade complexa de uma grande civilização industrial. Aqueles mesmos que se intitulam «especializados» estão longe de poderem satisfazer as exigências de uma empresa metropolitana, devido á grande diferença de nível que os separa do operário inglês.

De sorte que ao emigrante recém-chegado deparam-se quase sempre

(Continua na página seguinte)

A presença do povo (2)

Por AUGUSTO DA COSTA DIAS

O que Febo Monis recordava era o lugubre arrastar do cortejo da «Quebra dos Escudos». Partira da Camara. Montado num morcelo enguadrado, enca-

beçado de luto e arvorando uma negra bandeira de canhamo que ia de rojos pelo chão — o alferes municipal, André Rebelo, abria a via-sacra. Escortavam-no os vereadores, os procuradores da cidade, os procuradores dos oficiais mecanicos — gente dura do povo que continha a custo a dor e a revolta sob a mortalha dos longos capuzes. Martelavam o passo com o ruído das vras negras que brandiam. Depois gotejava a massa negra do povo, a Pátria anónima que, em altos gritos, expandia o seu sofrimento e o receio que a acabrunhava. Este desespero acendia novos focos nas janelas, nos debruns dos passeios, nos portais encovados das lojas.

Atingida a Sé, o licenciado Lourenço Marques correu ao adro e mostrando o escudo, erguido até onde os braços alcançavam — urlou: — Choral, senhores, choral cidadãos, choral povo, a morte do vosso bom rei D. Sebastião!

O mar de povo tremulou e, de cabeça baixa, todos viram Lourenço Marques quebrar o escudo nos degraus, quebrá-lo cruelmente em pedaços em sinal da Pátria arruinada. A multidão reagiu com um tremendo ecoar de queixas. Onde começaria a cólera a desferir-se? Recolhidos aos seus lares, fazendo nas ruas estreitas de janela para ja-

nela, o povo procurava um caminho no negrume da noite. Era preciso um chefe como aquele D. João I que em Aljubarrota sepultara numa só campá os traidores e os estrangeiros. Mas quem? Mas quem? D. António está preso em Marrocos; D. Henrique é um velho inquisidor. O desespero encaroça na garganta e nos punhos cerrados. Vem a cega vontade de investir contra quem possa apontar-se responsável pelas misérias da Pátria. Denunciam-se nomes. E espalha-se pela cidade um murmúrio de revolta.

Ao outro dia, a 28 de Agosto, é aclamado rei p. cardeal D. Henrique. O cortejo, escorreu do Palácio dos Braganças, lento e solene. Impotentes para varrerem tristezas os três atabaleiros e os três trombeiros montados em cavalos ajacizados de vermelho e branco — encabeçam o préstito, silenciosamente. Rodeado, não de povo mas de áulicos, lá vai D. Henrique trajado de vermelho. Trá-lo uma negra mula a cujas rédeas puxam dois nobres.

A porta da Igreja do Hospital de Todos os Santos é recebido pela alta clerezia — bispos e arcebispos. Depois da oração no altar-mor, o Rei Henrique assenta-se num dosel. E então o Desembargador do Paço ergue a voz:

— Houve Nosso Senhor, por seu serviço, de levar da vida presente El-Rei D. Sebastião, rei dos reinos

(Continua na página central)

Diário de Lisboa



(Continuação da página anterior)

trabalhos braçais e duros, empregos que a maioria dos Ingleses rejeita.

Empresas houve, porém, que resolveram aceitar um homem de cor e que, ao reconhecerem uma certa lentidão no trabalho, submeteram treina-lo e auxiliá-lo com plena compreensão das suas dificuldades iniciais.

Mas esta atitude não foi geralmente seguida. Se é certo que muitas empresas acolheram o trabalhador de cor, que, pela sua inexperiência e imperícia, representava uma mão-de-obra mais barata, outras houve que se retrairam e o recusaram, receando a acção sindical e o descontentamento dos seus empregados.

Os sindicatos temem o afluxo de mais braços numa altura em que a «redundância», o desemprego, tende cada vez mais a alastrar, e, no interesse dos seus filiados, recusam ao emigrante a carta sindical que lhe dá direito ao trabalho, argumentando que só lhe poderão conceder desde que ele esteja empregado. Por seu turno a fábrica não o aceita sem que traga a carta sindical. Uma tal manobra tem impedido alguns Jamaicanos de obter colocação. No entanto os sindicatos da grande indústria procederam com mais simpatia e têm auxiliado grande numero deles a encontrar uma situação do seu agrado.

Por outro lado, em certas oficinas, o trabalho está organizado em equipas, cuja produção «por peças» é remunerada de acordo com os resultados do labor comum. Estes grupos de trabalho mantêm, natural-

mente, um ritmo determinado de laboração, que foi adquirido com tempo e experiência. A inclusão de um Jamaicano que tenta o serviço pela primeira vez vai afrouxar o rendimento de produção da unidade, o que se reflecte no salário a receber ao fim da semana. Daí a relutância do operário inglês em trabalhar conjuntamente com o seu colega de cor nos sectores da indústria em que vigora tal sistema.

Estas dificuldades de adaptação e conhecimento técnico não se apresentam de uma maneira clara ao espírito do trabalhador britânico. Ao mesmo tempo ele não compreende a causa do descalabro económico das Antilhas, uma destas possessões perdidas no mapa, ninguém sabe bem aonde. Vendo que o trabalho começa a escassear na Inglaterra e

OS INGLESES E O RACISMO

que há sinais evidentes de um aumento de desemprego, ele ressentido a presença do homem de cor, que além de não ser capaz de tratar da vida na sua própria terra, lhe é inferior em habilitações e ainda lhe vem aqui tirar o pão. Entre os mais confusos de ideias há já quem afirme que a falta de trabalho é motivada pelo afluxo de emigrantes, dispostos a aceitar por menos dinheiro as ocupações mais servis.

Para uma consciência prejudica-

da nada é mais fácil do que lançar-se num fio de especulações desca-beladas sobre costumes e hábitos do vizinho que não entende. O Jamaicano, como colonial forçado a um baixo nível de vida, aperta mais as suas despesas, priva-se de alimentação e cómodos. Muitos deles têm famílias na pátria a quem enviam uma mesada. Tudo isto o leva a viver com menos conforto e agasalho do que o Inglês.

Diferentes são, também, as suas relações familiares, ainda presas a ávidas tradições tribais, e que, julgadas pelos canones da moral britânica, não deixam de chocar, ou, pelo menos, de surpreender.

Entre os Jamaicanos é norma um homem e uma mulher fazerem vida comum, só se efectuando o casamento, quando a mulher está grávida, pois um filho é uma graça de Deus e um dom do céu. Dado o seu carácter expansivo, inclinado à animação e à grande festa comunal, não é preciso muito para que uma imaginação exaltada tente descobrir nas celebrações que antecederam e acompanham a boda uma sensualidade desbrilhada de sátiras mordidos de cio, espolinhando-se em orgias inconfessáveis.

Os primeiros incidentes de segregação ocorreram num «dancing» popular, fora de Londres, em que a gerência, no desejo expresso de preservar as filhas dos brancos do «perigo» negro, proibiu a entrada na sala a homens de cor. Alguns chefes de orquestra, que são de cor, reagiram prontamente, recusando-

se a actuar no «dancing», enquanto a proibição se mantivesse, e pediram o apoio do Sindicato dos Músicos e Concertistas para a sua atitude.

Depois foram os tumultos mais graves de Notting Hill em que a violência se mostrou com nitidos lavores racistas durante três noites seguidas. Grupos armados de matraca e cassetetes saltavam de automóveis, quando envergavam qualquer negro e surravam o infeliz descuidado.

Nestes «atras» repentinos participaram também bandos de «Teddy-boys», jovens em quem o culto da força, Elvis Presley e James Dean vão de par com a extravagância ridícula do vestuário. As pacatas garrafas de leite, pacato símbolo inglês de uma fofa existência burguesa, que nos acostumámos a ver ordeiramente perfiladas sobre o degrau da porta, foram utilizadas como armas de arremesso pelos «Teddy-boys».

Está hoje esclarecido que o espírito que provocou estas cenas lamentáveis foi fomentado pelas «brigadas de choque» de sir Osvaldo Mosley, que voltou à ribalta política e se faz ouvir de novo perante os seus adeptos nos «halls» e salas do país. Recentemente, e já depois dos tumultos, sir Osvaldo falou em Birmingham, e a maneira como dois dos seus prosélitos silenciaram, aos olhos da polícia, um opositor recalcitrante, não deixa quaisquer dúvidas sobre a natureza dos métodos empregados.

Explorando a confusão e a incerteza que reina em certas camadas da população quanto aos problemas actuais da Grã-Bretanha, os partidários de sir Osvaldo, de momento, só conseguiram arrastar na sua surtida para depurar a nação da «mancha negra» os «Teddy-boys», que são uma massa acéfala e inclinada a apoiar qualquer movimento de força.

Todavia a condenação exemplar imposta aos culpados por um juiz humanitário e decidido, o sr. Salmon, pôs termo por ora a tais aventuras. O Governo e os demais partidos políticos da nação reprovaram o acto e a Igreja julgou severamente os cabecilhas responsáveis. Mas, como faz notar o rev. Clifford S. Hill, autor de um livrinho luminoso que tem sido o nosso guia, o problema não está resolvido, e, no caso de uma crise económica que estabeleça concorrência entre trabalhadores ingleses e de cor, o conflito racial poderá ressuscitar sob uma forma particularmente odiosa.

Aviso cheio de bom-senso e que não deve ser esquecido, pois até agora pouco ou nada se tem feito para eliminar o chauvinismo sazónico, que continua a ser carinhosamente alimentado por grupinhos de vaga denominação, como os «Britons», com o seu órgão próprio de propaganda, o «Black and White News».

Outubro, 38.

LUIS DE SOUSA REBELO

10 LIVRO DA SEMANA

«CATIRA»

de CAMILO JOSE CELA

A gente dos dois «ranchos» defrontou-se, com ardor do sangue mestiço, com o ódio tremendo do coração mestiço. Ódio igual unia o pai da filha raptada e o raptor que acabava de casar com ela. Ódio de morte correu pelo palmar; a terra foi regada com o sangue dos dois inimigos; a terra os recebeu. Catira meteu cinco tiros no corpo do pai, quando este lhe arrebatou o marido, o que acabava de ser marido. Catira tinha nas veias fogo e não sangue — o sangue fervia quando enterrou o marido, o sangue fervia quando o visitava, sob aquela terra, a sua terra, dali em diante. Ficou sua a gente, os «ranchos» ficaram seus. E um coração duro, a mandar em pulso de ferro.

Os anos rolaram... Catira esqueceu o passado. Tudo esquece com o tempo e Catira só não conseguia esquecer que o sangue corria, quente, nas suas veias. Catira voltou a casar; mas a vida não a favorecia. O marido morreu, quando ela esperava o filho. Enterrou o marido ao lado do primeiro. Desta vez sentiu-se fraca, mulher. Mas esperava o filho e fez, das fraquezas, forças...

O pequeno João nasceu naquela terra que seria dele; trazia no sangue, o sangue ardente de Catira, as esperanças e os sonhos dela. Joãozinho cresceu; aprendeu a montar, como qualquer senhor da região. Mas que senhor! Os «ranchos» reunidos da mãe e do avô e o mais que o pai acrescentara. Joãozinho ia ser alguém, se o destino o permitisse! Precisamente no dia em que partia para a estação, a esperar a «missa» que a mãe destinara para o educar, o carro voltou-se; no momento mesmo em que Joãozinho olhava para o Céu, foi cuspidor e ficou de costas, os olhos abertos para o Céu... mas já não mais viu aquele pássaro que o atrainha...

Catira Sanchez, a mulher que nunca conheceu o que era medo, a mulher que tinha fogo nas veias, ao ver o seu menino — as suas esperanças — morto, desmaiou. O menino foi a enterrar junto do pai e de Filiberto. A terra, aquela terra mesma em que Catira pusera tantas esperanças de grandeza para o seu menino, o recebeu nos

(Continua na 7.ª página)

disco da semana

UMA NOITE NO MESQUITA — Fernando Farinha, Nafalina Bizarro, Mário Rocha, Eduarda Maria acomp. por Fontes Rocha e Alberto Correia

disco Parlophone 33 1/3 GPMC 11

Lisboa tem duas vidas. Uma, que é toda sol, bulício, e dinamismo febril de grande cidade. Outra feita de sombras românticas, silêncio e quietudes bucólicas de velho burgo. O dia da realidade; a noite da nostalgia. Quando esta surge chega com ela a ronda do fado.

Desta vez a Parlophone transporta-nos a uma das mais típicas casas de fado para nos dar com uma impressionante verdade — nem sequer faltam os aplausos e a colaboração do público nos «refrains» mais conhecidos — uma noite de fado na Adega Mesquita.

Sempre fomos adeptos das gravações executadas «in loco». Apoiados pelo calor do ambiente em que normalmente actua, os artistas dão o máximo do seu rendimento. Não os intimidam as protecções acústicas e as complexas «grifas» dos microfones, dos estúdios. No caso presente é, bem notável o á-vontade dos artistas intervenientes neste

disco e todos merecem uma palavra de simpatia pelo sentido verdadeiramente fadista posto nas suas interpretações sendo porém obrigatória uma referência especial a

Fernando Farinha esse brilhante poeta-cantor que nasceu no fado e para o fado.

Um disco de interesse especial.

Disco publicado pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, R. Nova do Almada, 97.

FIM DE SEMANA FELIZ

(Continuação da página anterior)

do ao Sol... O Damião não desprende os olhos do bicho. Que beleza! As cores dele... E que graça de meninos! Damião fica assombrado como a ele, guarda-livros modesto, possa assim tão de subito surgir o milagre! Quando se resolve a pôr a arma á cara, já a lebre, com uma velocidade diabólica, se perde no «maquis»...

Acabe-se portanto a loa outonal. E toca a sair de casa, meus amigos, enquanto o Sol é Sol e nos requer a vida e o prazer de viver! Como dizia o outro, o prazer de viver é o melhor que a vida tem...

Isso é. Aqui estou eu, portanto, a ensinar-lhes o caminho para amanhã. Esse caminho chama-se

CASCAIS

Acabava ali a terra nos derradeiros rochedos a deserta, árida serra por entre os negros penedos só deixa viver mesquinho triste pinheiro maninho...

Assim fala Almeida Garrett, de Cascais, devemos declarar que com dureza excessiva mesmo atendendo à época do nascimento destes versos. Ou, melhor dizendo, Cascais é algo mais do que os negros penedos medonhamente debruçados para o mar. Embora, é evidente, fossem eles só por si motivo bastante para justificar o passeio.

A célebre «Boca do Inferno», por exemplo, merece uma paragem e uma citação. Merece, principalmente, que tomem cuidado os que se aproximam dela. O perigo de ser apanhado por uma onda «cow-boy»

— destes que atiram laços na perfeição — está hoje muito diminuído. Mas até com os gatos — já minha avó dizia... — todo o cuidado é pouco...

Mas a vila é mais do que a temerosa Boca do Inferno. É o famoso Parque da Gandarinha, tão amável, inextinguível em bem receber o forasteiro, com as suas belas sombras, sua calma beleza... É a praia pitoresca, a dos pescadores, e a praia «bema», frequentada pela burguesia de cá e da estranha. É a sua baía, de águas tranquilas e azuis, espectáculo que de minuto a minuto se repete e de minuto a minuto se renova... É o seu «Mercado saloio», que se efectua ás quintas e domingos, cheio de cor, de vida, de surpresa. Nele se juntam lado a lado, a camisola de xadrez do pescador e o barrete característico do saloio terra dentro. Nele se podem admirar: porta com porta, os mais variados produtos da arte e da actividade do nosso povo. Hortaliças monumentais, ovos, criação, fruta, aves, de mistura com a louça de barro onde peixes azuis voam á beira de pássaros munidos de longas barbatanas cor-de-rosa...

Para demonstrar o interesse que tem para o estudo do nosso folclore o mercado saloio, basta este por menor: é lá o local, de todo o País, onde se concentra maior numero de carros do corpo diplomático...

Parece-me ser o que aí fica suficiente para uma tentação de qualquer Santo Antão desprevendo. Por isso te espero, caro leitor, amanhã em Cascais a «vila dos milionários e dos nobres», como afirmava um articulista francês, a «vila dos pescadores» como eu, orgulhosamente prefiro dizer. CICERONE

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

Como se ganha o pão

A luta acabou impossível — continuá-la. Estava exausto... O grande Humez conheceu, enfim, o travo da derrota. Mas não era isso o que mais o preocupava...

Em volta do «ring» a multidão aplaude, discute, grita. Incita os dois «boxeurs» entre-lhes, com a maior veemência, ao desporto de se socarem o melhor possível.

Humez e Scholtz. O francês e o alemão. A glória que fenece — e a glória que desponta. Centenas de combates sem conhecer o amargo da derrota, de um lado; a vontade indomável de substituir o gigante no pedestal, do outro.

Mas isso não será fácil. Humez, o leão, bate-se com uma ciência verdadeiramente demoníaca. É certo que alguma coisa falha, algo o desorienta. Procura tornar-se lucido, assentar ideias, busca uma solução para entrar na muralha defensiva do jovem huno.

Tudo diferente da última ocasião, em Paris, quando Humez enviou o seu antagonista de agora ao tapete. Ao socar o flanco de Scholtz, o gaulês viu que o rosto do adversário se contraiu. «O fígado! Ataca-lhe o fígado!», disse com as suas luvas. O «manager» confirmou. Notara o mesmo. O ponto fraco de Scholtz era o fígado...

... E um golpe certo levou-o ao tapete... Agora, não. Scholtz coloca, nos flancos, a muralha dos seus punhos, dos braços. Deixa ostensivamente a descoberto o queixo. «Meu lho!» — pensa Humez. Acerta um golpe capaz de fazer cair redondo o animal mais possante.

O adversário, porém, mal deu por isso... Ai foi que Humez vislumbrou o fantasma da derrota.

— Não penses nisso — aconselhava o orientador — Tu agora aises-vence-lo...

— Engana-se — murmurou Humez — Chegou a minha vez...

— Repara como ele está fatigado...

— Não se iluda — nem me iluda.

— Garanto. Vais pô-lo K. O.

No seu canto Scholtz esfregava os sapatos em resina. Fazia-o impetuosamente — o que não era lá muito sinal de cansaço... Humez, bom observador, não deixou de atentar no facto — um golpe mais nas suas esperanças. Porque, em contrapartida, as suas pernas fraquejavam, tinha dificuldade em arrastá-las. Dois trambolhos... Ah, mas ia vencer cara a derrota...

Novo «round» que começa. O som do «gong» empasta-se na cabeça de Humez. A placa protectora dos dentes, incomoda-o. Arranca-a, num gesto brusco, arre-meca-a longe. Foi a sentença...

Scholtz começou a alvejar-lhe a boca. Logo ao primeiro soco, o «piro» de um dente ofendido, enterrou-se nas gengivas. O «boxeur» empalideceu, com a cor. O sangue jorrou da boca...

... E o «gong» piedosamente veio atrair-lhe uma boia de salvação. Evidentemente, Humez não podia continuar a luta. Encontra-

va-se exausto e, além disso, aquela dor fincada nos queixos, semelhante à dentada de um lobo...

O seu orientador explicava aos jornalistas que a derrota de Humez nada significava quanto ao prestígio e valor dele.

— Uma derrota accidental...

— Não — atalhou o «boxeur» voltando-se para a imprensa e para a Rádio — Ganhou o melhor, e é tudo...

Só então reparou nos operadores da Televisão. Pareceu inquieto. Algo o preocupava mais do que a própria derrota. Algo lhe punha na testa uma ruga profunda, dolorosa...

— Diga-me — exclamou, voltando-se para o «manager» — a Televisão transmitiu «a coisa»?

— Transmitiu tudo.

— Para a França, também?

— Também.

O lutador de centenas de combates, deixou cair os braços. Lembrou-se da filha, diante do aparelho de televisão.

— Pobre Momma! E depois de alguns segundos de reflexão:

— Está certo. E para ela saber como o pai ganha o pão que lhe mata a fome...

E dirigiu-se para o vestiário.

Em Paris, nos dias agitados que por lá correram (e correm, ao que parece...) havia uma parte da população que era «Sim», outra era «Não» e outra era «Humez...»

Novos e velhos



Arthur Rimbaud

Cedo, ao primeiro anúncio de alvorada, começou a arrastar a fabricar a tela. E o andar com que trabalhava! Não repousava — instantaneamente como se aprendesse a guém lhe viesse dizer que a vida



Pascal

é breve e precisamos caminhar depressa...

Passava pouco do amanhecer. Sol era ainda uma surpresa. Gradualmente, de flor em flor, via com os nós dos dedos: «Abre, eu! Eu, a vida!» E a vida, com um rastilho de boa nova, alastrava...



Minou Drouet

E foi precisamente nesse instante. Nesse instante em que falava de vida e de promessa — que a aranha partiu para o resto do esquecimento, para a morte...

...Inúmeros são os artistas morreram jovens, que morreram antes do amanhecer. Que morreram



Toulouse-Lautrec

As cinco da manhã afirma o poeta. Apesar disso, não deixou de fazer uma obra valiosa. E tempo não consome. Por outro lado, não inúmeros também os casos de artistas que, em proveita idade, continuam enriquecendo o cabedal da humanidade, tão abundante e perfeitamente que parecem ter inventado uma segunda juventude...

Faremos hoje dos primeiros, recordando alguns nomes célebres, desses que dia a dia trazemos no ouvido. Jovens que eram, donos de pouca vida, ensinaram-nos a viver...

Comecemos por Blaise Pascal. Aos 16 anos compôs um Tratado das Secções Cónicas; aos 18, inventou uma máquina de calcular. Filósofo, pensador, artista, cientista, preencheu activamente os poucos anos que viveu: 39.

Lazare Hoche, que foi general aos 23 anos, por obra e graça da Revolução Francesa, morreu aos 29 no seu improvisado leito de campanha.

Shelley, um dos maiores poetas líricos ingleses, faleceu com 30 anos. Certamente os jornais disseram: «Quando ainda havia a esperar do seu talento...»



Emily Brontë

A morte de Arthur Rimbaud, como poeta, deu-se aos 20 anos. A sua morte oficial, porém, data de 17 anos de idade.

Toulouse-Lautrec, esse que venceu e ultrapassou a desgraça com o poder da sua arte, morreu com 37 anos.

Chopin. Aos 39 anos, com 39 obras, todas em piano, ou piano, renovaram o pensamento a forma musical. Morreu aos 39 anos. O mais triste dos poetas alemães, Goethe, escreveu: «as lágrimas do futuro levam-nos a crer na vida, a incarnar pensamentos e a assimilar. Toda a saudade é melancólica.



Chopin

todo o pressentimento (o alarido), não sobreviveu mais do que a morte da sua noiva e morreu aos 30 anos.

Emily Brontë, a mais célebre das três irmãs Brontë. A autora de «O monte dos Farolais» morreu solitária, aos 30 anos.



Novalis



Françoise Sagan

Pintor, escultor, arquitecto, Rafael Sanzio ficou como um dos mais extraordinários representantes do Renascimento. Um resfriamento quando visitava as ruínas de Roma, levou-o deste mundo aos 37 anos.



Hoche

Aos 18 anos, Françoise Sagan escreve «Bonjour tristesse!». Segue-se uma série de romances que colocam a sua autora da primeira ala das figuras mundanas... «Bonjour tristesse!» deu a Françoise Sagan alguns milhões de francos. «É difícil — escreveu alguém — descortinar no livro outra vantagem...»

Não acabaremos sem falar de Mozart. Viveu apenas 35 anos e legou ao Mundo inúmeras produções que fazem dele um dos maiores músicos de todos os tempos.

A literatura portuguesa é um alarido de jovens que morreram antes de amanhecer. Recordemos apenas: António Nobre, Soares de Passos, Júlio Dinis, Sebastião da Gama, Polibio Gomes, Florbela Espanca, Rodrigo Paganino, Alvaro Felício...

POSTAL ILUSTRADO

por
Manuel Agra

As meninas vão para a escola. Para a escola oficial. Descem em grupo a ladeira pedregosa, chegando-se à beirinha, por causa dos automóveis. Arranjadinhas, algumas com um lenço branco — ou uma pomba? — pousado nos cabelos. A sala deixa ver os joelhos esfolhados. Calçam sapatinhas de pano, algumas. Outras vão de chinela a dar a dar. Desajeitadas, pois as chinelas são demasiado grandes...

E não recalcam. Os automóveis, os pregões, as carroças, o diabo! A cidade enfim. A vertigem maluca. Tudo a querer mandar, tudo a querer o primeiro posto. Este «claxon» a gritar mais do, que aquele, o automóvel a querer passar adiante...

Mas as meninas não se calam.

«As pombinhas da Catrina andaram de mão em mão...»

Não se calam, não. Depois, ninguém quer saber delas para nada. Cada qual leva o seu destino — e nesse destino desataram as pombinhas da Catrina. Entraram, como se diz agora muito, na «engrenagem».

«As pombinhas da Catrina andaram de mão em mão...»

Na engrenagem, mas acredito que sem muita vontade. Se eu falasse a cada um destes pobres diabos com bom lugar em Khorsabad, teria a prova de que os vencedores se sentem também vencidos de rotados até à alma...

(Em verdade vos digo que na Selva não há vencedores nem vencidos).

Mentira. Vencedores, sim, os que na Selva se opõem à Selva. Os que depois de a compreenderem lhe arrancam os dentes e a virulência. E ainda as vozes miúdas mal degoladas por mil Herodes do trânsito alfacinha:

«As pombinhas da Catrina andaram de mão em mão...»

* * *

De vez em quando, á hora de maior tumulto. A grande máquina rolando nos carris com um fragor de enlouquecer. No meio do ruído infernal uma trégua insignificante durante a qual me chega aos ouvidos uma canção infantil que a máquina, recomeçando a marcha, acaba por arrastar ao abismo.

Uma das minhas melhores recordações é o Largo das Janelas Verdes. Eu morava lá defronte. Ao crepusculo era certo. Uma roda, mãos dadas:

«Rosa branca ao peito...»

E a noite a cair sem pesadelos, nos ombros do Mundo...

Desde aí, por onde quer que Lisboa avance seus tentáculos de mistura com destroços e maldições, lá está a vozinha infantil tão certa do seu poder, tão invencivelmente frágil...

Tão insubornável:

«As pombinhas da Catrina andaram de mão em mão...»

A cidade, presa aos varais, não dá conta. Infeliz que não sabe que daquele lado virá a redenção.

OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO

Extraordinária descoberta arqueológica



A gruta descoberta por Mohamed

MOHAMED Adh-Dhib perdeu uma das cabras. O pastor pertencia à tribo dos sembeduinos de Ta'amirah que acampa no coração do deserto, a meio caminho entre Belém e o Mar Morto. Chamando pelo animal enquanto trepava a custo as rochas, Mohamed acabou por dizer de si para si que ninguém aguentaria aquele sol em brasa. Deitou-se, pois, à sombra e passeando pachorrenta a vista à sua volta viu uma fenda na rocha, aí com o tamanho da cabeça dum homem. Seria funda? Para não jurar falso lançou para dentro uma pedra e inclinou a cabeça, à escuta. Som de louca partida! Repetiu a experiência. E o mesmo som. Então Mohamed penetrou na gruta, deixou-se escorregar. Havia pelo chão vários cilindros grandes, todos de pé. Apavorou-se com o que viu e amarrando até à superfície, mal se viu ao ar livre desbarvou escarpas abaixo, como um doidinho.

No dia seguinte, a pedido dum amigo, voltou. Trouxeram então como «souvenir» uns pergaminhos que encontraram dentro dos tais cilindros. Cosa sem valor, supunham. E como tal os venderam àquele traficante de Jerusalém — o Kando.

Na loja de Kando andaram os pergaminhos aos pontapés até que o mercador se lembrou de os levar ao convento sirio de São Marcos de Jerusalém. Nessa ocasião é que o homem suspeitou que tais «papeis» deviam valer um bom par de libras. Logo organizou uma batida à gruta, juntamente com um velho cumplice de negócios duvidosos, e voltou com restos de sete pergaminhos; os sacerdotes de São Marcos knitaram-nos: e desta forma se desencadeou a voraz caça aos manuscritos. As tribos beduínas, óptimas conhecedoras do local, fizeram verdadeiras batidas por conta própria; surgiram à luz novas grutas, novos achados de incalculável valor: que grande negócio para os traficantes!

Acontece, todavia, que as leis jordanas consideram que os achados arqueológicos são propriedade do país onde se descobriram. Alto lá! A venda é um negócio difícil! Quem nos diz que o comprador não é um agente do Governo? Mas o deus dos ladrões velava pelo seu povo. Os investigadores sabiam que nada se ganhava em prender os possuidores de preciosidades. E a sorte dos pergaminhos? Melhor seria comprá-los às boas, juntar todos os pedaços dispersos...

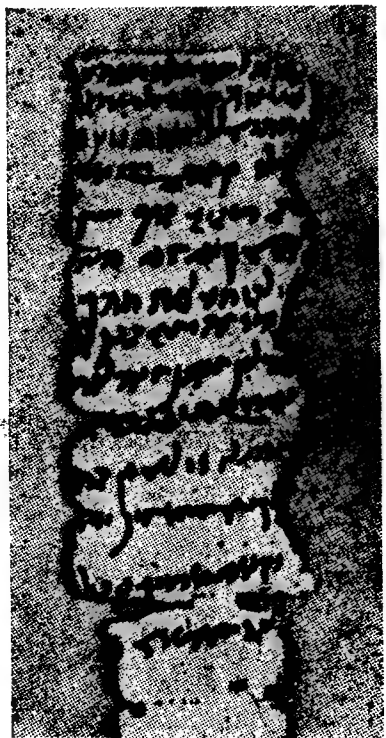
E assim se fez: com o auxílio económico de vários beneméritos, os pergaminhos foram-se reunindo nas mãos dos cientistas.

De que tratavam, afinal? Qual a sua importância?

Primeiro espanto: entre os manuscritos contavam-se os mais antigos documentos bíblicos até hoje descobertos! Desta sorte se oferecia o ensejo de os confrontar com traduções posteriores dos mesmos textos. Mas, sendo muito, isto não era tudo. Daquelas semi-subterrâneas grupas de Qumran vinham-nos perturbadoras notícias sobre uma curiosa sociedade de crentes com muitas semelhanças com o cristianismo, mas pelo menos cem anos anterior ao nascimento de Jesus.

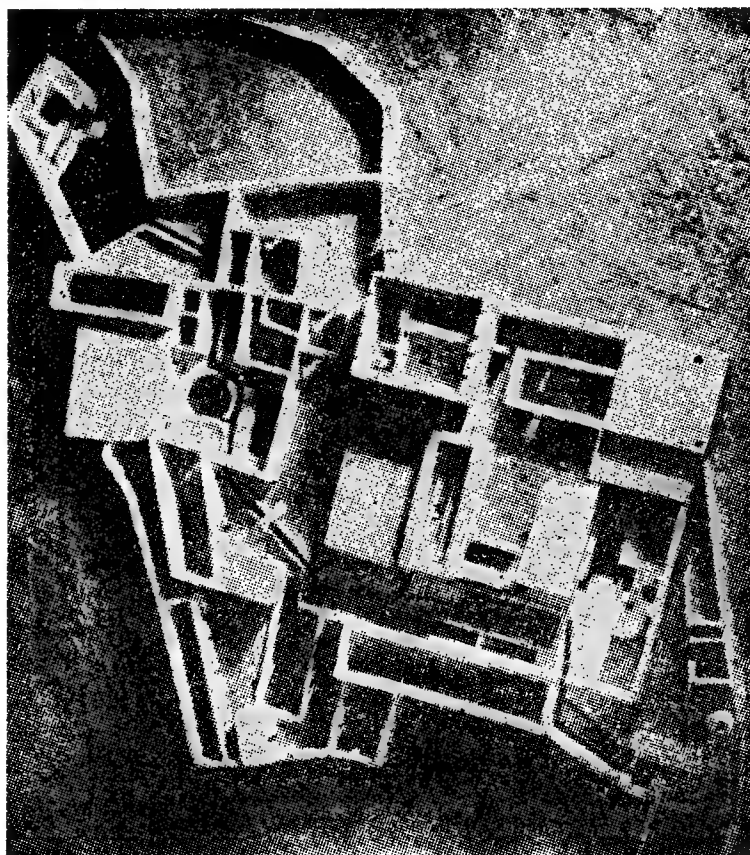
Deveria ter surgido no reino de João Hircano (135-104 A. C.) e desaparecido sob feroz ataque de inimigos que incendiaram o mosteiro-sede, aí por volta de 70 D. C. Seus adeptos pertenciam ao numero dos que, fugindo aos apetites temporais do sacerdote-rei de Jeru-

salm, Alexandre Janeu, se instalaram no deserto, aguardando a vinda do res-



...reunir bocados de manuscritos...

surreição do Messias. Ainda hoje restam vestígios do mosteiro de Qumran. Ergia-se numa elevação de terreno. Seu



Maqueta da planta do convento de Qumran

chefe, lembrando estranhamente as designações cristãs, chamava-se «Mestre da Justiça»; seus adeptos viviam em regime comunitário; a si mesmo «apelidavam os «Muitos» e a virtude porque velavam era a «Pureza dos Muitos». Também aqui estranhamente aparentados com os cristãos, uma das cerimónias mais importantes do «eu ritual era o «Banquete Messianico» (A Ceia). E acreditavam igualmente que o Universo se reparte por dois espíritos — o Bem, simbolizado pela Luz, e o Mal simbolizado pelas Trevas:

«E Ele atribuiu ao Homem dois Espíritos, com os quais devia ficar até ao tempo da sua visita. São os Espíritos da Verdade e da Perversidade: a Verdade nasce da Primavera e da Luz; a Perversidade, do manancial das Trevas. O domínio de todos os Filhos da Justiça está nas mãos do Príncipe da Luz, para que vão pelo caminho da Luz, enquanto o governo dos filhos da Perversidade está nas mãos do Anjo das Trevas para as que vão pelos caminhos das Trevas... O propósito do Anjo das Trevas é fazer errar todos os Filhos da Justiça, e todos os seus pecados, as suas iniquidades, a sua culpa e as suas rebeliões são o resultado do seu domínio, de acordo com os mistérios de Deus, até ao seu marcado tempo, e todos os seus momentos de aflição são uma consequência da hostilidade de Satã».

Depois dirá S. João:

«Deus é Luz e não há nele trevas nenhuma. Se dissermos que temos comunhão com Ele e andarmos em trevas, mentimos (...) mas se andarmos na Luz (uma frase predilecta de Qumran), como Ele na Luz está, temos comunhão uns com os outros».

Muitas e profundas são as semelhanças da doutrina dos sectários de Qumran com o cristianismo. Que conclusões tirar desde já de tal facto?

«Desde já», é cedo. Decerto que muitas hipóteses se podem formular — umas mais simples, outras mais complexas: o estado actual do aproveitamento de todos os materiais descobertos ainda não aconselha porém o optimismo das soluções definitivas.

Não ficam, no entanto, por aqui os achados do Mosteiro de Qumran e das grutas circunvizinhas: riquíssimos documentos aí se encontraram, relativos a diversos períodos da vida dos Judeus. Dois dos mais empolgantes são as cartas de Simão ben Kohebah, o chefe da Segunda e Infeliz Revolta judaica contra os Romanos (132-135 D. C.).

Da interessantíssima obra de John Marco Allegro «Os Manuscritos do Mar Morto» — livro de profundo alcance e impecável seriedade científica, cuja rápida condensação oferecemos aos nossos leitores por amável deferência de Publicações Europa-América, que acaba de o editar entre nós.



Na pardez sombria do Escorial começava a erguer-se como um fantasma...

(Continuação da 1.ª página)

de Portugal; e aqui vem, D. Henrique, seu tio, filho de D. Manuel, e sucessor do reino, para ser alevantado rei e o governar e amparar.

Ajoelhando junto da mesa onde jazem o missal e a cruz — D. Henrique repete a fórmula de juramento que lhe lê o secretário de Estado. Fimda a ladainha volta a sentar-se. E' tempo de os altos senhores e funcionários lhe beijarem a mão. Tudo isto se cumpre. Agora só falta que o rei de armas grite:

— Ouvi! Ouvi!

E assim prefaciado, o alferes-mor D. João Telo, com a bandeira aberta, enche a arca do peito para melhor erguer o longo brado:

— Real, Real, Real, pelo Serenís-

NA PERDA

simo Príncipe D. Henrique, rei de Portugal!

De novo o repetiu. Então o cortejo volta a caminho do Paço. Já ecoam trombetas e atabales; os reis de armas animam a rua com as aclamações habituais: mas ada

APONTAMENTOS PARA RESIDÊNCIA

Volto a eles, na realidade. Proclamo-os como minha Musa inspiradora. Quero enfeitá-los de louros e de mirto. Incensá-los com perfumes rituais. Enternece-los com doces melodias. Senhorios da minha alma! Sublime casta de beneméritos que nos abriga da chuva e das intempéries! Ontem quis alugar uma casa que a nasçença, na pia baptismal da Camara, recebeu o esperançoso nome de «Renda Condicionada».

Subindo o elevador, bati na virtuosa Tebaida do querido Senhorio. E disse: «E' aqui que mora por acaso uma «Renda Condicionada»? — E Ele «Os olhos em mim com grande pejo» — como ideou Camões, muito a propósito — murmurou: «Que Deus haja, meu senhorio!». — Que Deus haja! — admirei-me eu. — Que Deus haja, quem?

«A Renda Condicionada» — explicou o util cidadão. E logo, porque era ilustrado se pôs a disreitar sobre o carácter provisorio das coisas deste Mundo: «Memento, Renda Condicionada, quia pulvis est et in pulvis reverteris!» — «Lembra-te, Renda Condicionada, que és pó e em pó te hás-de tornar».

Mas, eu fiz resistência passiva. Não aluguei a casa. Frequentei muitos outros andares com escritos, que é o mesmo que correr Mundo. E assim fui aumentando a minha cultura. Porque eu, na realidade, não sabia como é que os pobres ordenados lisboetas tinham arcabouço para aguentar pequenas casas com grandes rendas. Agora

sei. Tenho visitado inquilinos que não possuem praticamente móveis: dormem em enxergas no chão; penduram fatos nos pregos, pelas paredes; guardam a roupa em caixas mais ou menos ortodoxas; e congratam todos os seus esforços de pseudo-dignidade numa saleta de visitas aonde dão contas ao Mundo da sua existência social.



A PRESENÇA DO POVO

consegue empolgar o povo; só por ofício de corpo presente corresponde. Sem entusiasmo, porém: todos recordam que el-Rei fora anos esquecidos o Cardeal-Inquisidor, ofício impopular.

Para remar contra a maré e acalmar as desconfianças da gente miúda D. Henrique resolveu aparecer pelas ruas da cidade, a cavalo e acolitado por vários nobres. Salta à vista que ninguém o recebe com ardo; mas talvez nem el-Rei nem os próceres saibam avistar as lágrimas que o espectáculo provoca...

A ruína económica do País ca-
vouse ainda mais fundo com a der-
rota de Africa.

Os camponeses — há muito sangra-
dos pelas secas, os impostos e os
serviços nas armadas da Índia —
nem conseguem produzir para sus-
tento próprio; os misteres, a indus-
tria nada tinha lucrado com a ex-
ploração ultramarina; é no estran-
geiro que tudo se adquire, até os
navios, neste país de descobridores;
e a nobreza, classe parasita
que transformara as empresas ma-
rítimas em sinecuras sem futuro —
essa ou estrebucha nos cárceres
marroquinos, ou olha para a Meca
de Espanha. Aos primeiros acode
o Cardeal-Rei, enviando todo o di-
nheiro disponível para os resgata-
dores.

E os populares — peões do exér-
cito, que só a força tinham partido? Onde estão os seus padrinhos? Não há bolsas que se abram para eles?

Os meses vencem-se. Ninguém os

roi a quem dêem força. Os desespera-
dos investem as cegas, imputan-
do culpas à Nação inteira. Do pul-
pito dos Jerónimos padre Luis Al-
vares consome-se num discurso pa-
tético:

«Pois quem vos matou, meu for-
moso? Matou-vos o bispo, matou-
vos o clérigo, matou-vos o frade,
matou-vos a freira, matou-vos o
grande, matou-vos o pequeno, ma-
tou-vos o privado, matou-vos o bai-
xo, matou-vos o povo. matei-vos eu,
matámo-lo todos quantos somos,
pois entre nós não houve um ta-
noeiro que lhe tivesse mão pela ré-
dea, como já se fez a outro rei des-
te reinos».

Ao contrário do que supunha o
bom padre patriota — os tanoeiros
vieram. Veram aos centos com
mais gente de trabalho, em mago-
tes hirsutos. Estava no cais «ma-
nau de Africa e correu a notícia de
que ali vinha são e salvo D. An-
tónio, já liberto das enxovias de ar-
rocos. Em breve a esperança se
aqueceu de boca em boca, coloriu
comentários e entusiasmos, e acob-
rou por trazer um ror de povo à
beira de água. Quando, por fim,
surgiu D. António a gente simples
respirou de alegria. Aclamou a
sua esperança. Como se já ele fosse
rei.

D. Henrique não reparou na ma-
nifestação popular. Mas o aviso não
passou despercebido do outro lado
da fronteira, a seu arguto sobrinho,
Filipe de Espanha: na pardez som-
bria do Escorial começava a erguer-
se como um fantasma esse povo de

A VIDA QUOTIDIANA DA INDEPENDÊNCIA

reclama. E então começam a ser
vendidos como escravos, sobretudo
nos mercados turcos de Argel. O
clamar da notícia chega a Lisboa e
as províncias donde os pobres e am-
naturais. Novas queixas. Engrossa
o partido dos que esperam um he-

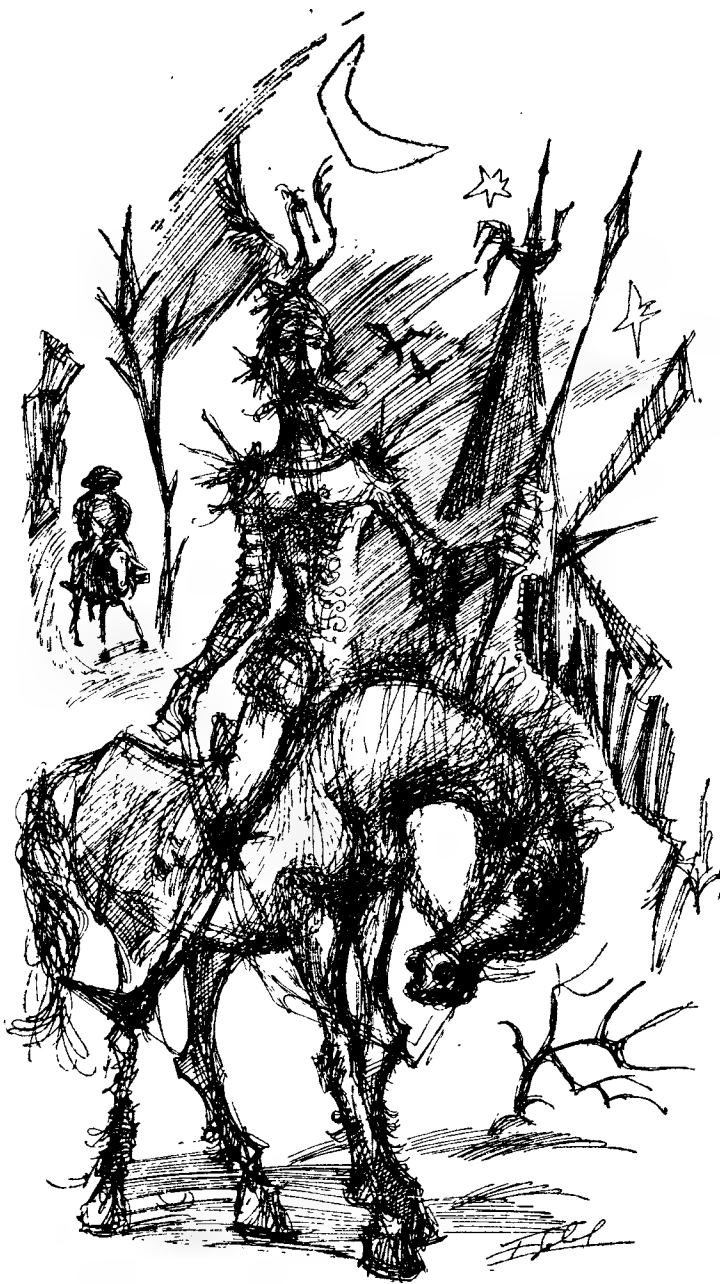
Portugal. Dinheiro algum o podia
comprar. E o medo também não.
Quando Febo Moniz recorda tudo
isto, fica a pensar, a pensar, noites
brancas sem fim, no cavalo de
Troia.

(Continua)

OS TEMPOS FUTUROS NA PAISAGEM

Estou-me a lembrar daquele
meu amigo historia-
dor que me disse há tempos não ser
possível voltar-se ao velho sistema
medieval de Cortes, com Clero, No-
breza e Povo. Perguntei-lhe porquê.
E a sua arguta resposta foi que as
três classes do País passaram hoje
a ser — Clero, Senhorios e Inqui-
linos.

A janela de minha casa, numa
tarde de cavaco e mas-
tigando o belo panorama que de lá
se avista — o Jorge disse outro dia
numa rotura explosiva de entusias-
mo: «Caramba! Deixo de pagar a
renda. Vou viver para a paisagem».
Você há-de concordar que esta
frase define uma época. O resto é
paisagem. DIOGENES



COMO IDENTIFICAR D. QUIXOTE — Há um admirável desenho do grande artista galego Alfonso Castelao representando um ancião de tipo longilíneo, magríssimo, barba pontiaguda, acompanhada da seguinte legenda: «O homem que parece D. Quixote e empresta dinheiro a doze por cento». E creia o amigo leitor que tenho conhecido alguns tanto ou mais caracteristicamente esquizotímicos, cujo juízo é bem mais elevado... Não devemos, pois, confiar demasiadamente na morfopsicologia para a identificação dos cavaleiros andantes.

E' certo que o célebre fidalgo manchego, protótipo de todos os D. Quixotes pretéritos e futuros, foi descrito por Cervantes como «Seco de carnes e enjuto de rosto», mas isso pouco significa.

Se alguma característica física pode distinguir D. Quixote dos outros homens será certamente o olhar, onde sempre se conjugam um resplendor de bondade e uma vaga sombra a que é hábito chamar-se de loucura. E' o que podeis verificar nos retratos de Gorki e Unamuno, Charlot e Schweitzer, Romain Rolland e Picasso, para citar ao acaso alguns dos mais notáveis D. Quixotes do nosso tempo. «A bondade, está bem» — dirá o leitor avisado — «mas a loucura... Teria sido realmente louco o «ingenioso hidalgo» de Cervantes?»

Não, não era louco, afirmo-o pe-
remptoriamente e sem receio, por-
que conseguiu manter vivas, em
plena maturação, as fontes infantis
da imaginação e do sonho é antes
sintoma de saúde mental que de
loucura.

Especularão os detractores do
quixotismo com as «confusões» do
fidalgo espanhol, capaz de tomar
uma bacia de barbeiro por um el-
mo, esquecendo-se deliberadamente
que ele próprio disse ao seu com-
panheiro Sancho Pança: «O que te
parece uma bacia de barbeiro, pa-
rece-me a mim o elmo de Mambrino
e a um outro uma coisa diferente».
Recordarão talvez as extravagantes
visões de D. Quixote, omitindo
intencionalmente esta maliciosa
proposta por ele feita ao seu es-
cudeiro: «Sancho, já que vós que-
reis que acreditemos no que visteis
no céu, eu quero que acreditemos
no que vi na caverna de Montesinos.
E nada mais vos digo». E aqueles
que por toda a forma buscãr moti-
vos para apodiar de luco e fa-

moso cavaleiro, esses mesmo acha-
rão imensamente ajuizadas as mais
evidentes formas de demência co-

ELOGIO DE D. QUIXOTE

por ALFREDO BRAZ

lectiva, porque para eles só está
louco o que está só.

E' a solidão e não a loucura que
põe a tal estranha sombra no bon-
doso olhar dos D. Quixotes. A soli-
dão e sonho ingente de um mundo
onde não seja preciso libertar «gen-
te forçada do rey», nem seja ne-
cessário prometer ilhas aos Sanchos
Panças para que estes os sigam nos
perigosos caminhos onde se luta
pela justiça.

Se quereis, portanto, identificar
D. Quixote, olhai-o bem nos olhos.

D. QUIXOTE E SANCHE — Se
o «ingenioso fidalgo» de Cervantes
não se tivesse apressado a morrer
em desencanto, rodeado pela cuida-
dosa vigilância do Cura, do Bacha-
rel e do Barbeiro, certamente que
acabaria por ter sido acusado, julga-
do e condenado pelos defensores da
ordem e da tranquilidade publica.

Desde Sócrates até ao nosso tem-
po pouco tem variado o pretexto
utilizado para suprimir os idealis-
tas incómodos. Perverter a juven-
tude ou forçar Sancho Pança a
abandonar uma vida cómoda e sos-
segada para ir atrás de fantásticas
aventuras, tanto faz. Ambos os cri-
mes são passíveis de condenação à
pena ultima, com ou sem cicutá.

D. Miguel de Unamuno, talvez o
mais quixotesco espanhol que exis-
tiu depois do cavaleiro manchego,
admirador idólatra e defensor es-
trenuo do seu glorioso antecessor,
dispôs-se a defendê-lo de tão iníqua
acusação e eis o que ele escreve:

«Há espíritos insignificantes que
cipalmente, pelo Bacharel Sansão
Carrasco.

sempre afirmaram ser preferível
viver como suíno farto a viver co-
mo homem, embora infeliz, mas há-
os também que não deixam de lou-
var eternamente, em todos os tons,
a santa simplicidade das almas in-
genuas. A verdade é, porém, que
todo aquele que um dia conseguiu
tomar o gosto do que é ser homem,
esse preferirá sempre um tal gosto,
mesmo quando acompanhado do
travo amargo da infelicidade, à
feliz tranquilidade do suíno. Deve-
mos por isso procurar manter sem-
pre em estado de vibração a alma
do próximo, pondo em movimento
o que ela tem de mais profundo...
E' preciso desinquietar as almas e
despertar nelas uma imensa ansie-
dade, mesmo quando estejamos con-
vencidos de que elas jamais alcan-
çarão o objecto dos seus sonhos. Te-
mos de atrair Sancho e obrigá-lo a
sair de casa, abandonando a mulher
e os filhos, para despertar nele o
prazer das aventuras e fazer dele
um homem. Há realmente uma paz
profunda e íntima, uma paz que a
si mesma se basta, mas esta só po-
de ser alcançada depois de nos ter-
mos despedido da outra, só apare-
nte, da vida burguesa e familiar».

Bela e eloquente defesa, não obs-
tante certos exageros de sentido
«existencial», mas mais capaz de le-
var à condenação do defensor do
que à absolvição do réu.

QUIXOTE E ANTIQUIXOTE —
E' erro muito divulgado esse de
considerar Sancho Pança como a
antítese de D. Quixote, quando afi-
nal amo e escudeiro mais se com-
pletam do que um ao outro se ne-
gam. E se assim não fosse, acaso te-
ria Sancho abandonado tudo para
seguir o aventureiro cavaleiro nas
suas estranhas andanças?

Poderão muitos argumentar, e
bastantes já o têm feito, que San-
cho só seguiu o seu amo porque
este lhe prometeu o governo da
imaginária ilha da Barataria, es-
quecendo-se talvez intencionalmen-
te de que a estranha associação se
manteve mesmo depois de o fiel ser-
vidor ter sabido por dolorosa expe-
riência que a tal ilha nem sequer
existia e a promessa jamais seria
cumprida.

O que se opõe ao alucinatório
idealismo de D. Quixote não é de
forma alguma o espírito ingénuo e
prático de Sancho Pança, afinal
bem capaz de reconhecer a pureza
do sonho, mesmo sabendo que os
gigantes não passam de moinhos de
vento e o elmo é simples bacia de
barbeiro. O antiquixotismo é re-
presentado no famoso livro de Cervan-
tes pelo Cura, pelos Duques e, prin-

Antiquixotes são, de facto, os
que negam a legitimidade de um
ideal que transcende as suas mes-
quinhas existências quotidianas, de
um imenso sonho de justiça que
ultrapasse o seu vulgar objectivo
pessoal de conforto e segurança.
Antiquixotes são todos os bacha-
reis que se aliam aos duques e aos
curas para maniatar o Cavaleiro
da «nobre» figura, que negam o
ideal porque receiam ser volteados
por moinhos, que se recusam a co-
laborar na libertação dos «forsados
del rey» com receio de serem por
eles apedrejados, que limitam o seu
mundo aos estreitos horizontes fa-
miliares e aspiram a «viver como
suínos fartos». Antiquixotes são
todos aqueles que deixaram secar
nas suas almas as fontes da imagi-
nação e do sonho, mais os que pro-
clamam que «o tempo não está pa-
ra ideais», a fim de ficarem com a
liberdade de escolher o partido
da injustiça, desde que seja o mais
lucrativo. Antiquixotes são, enfim,
todos aqueles que, fingindo recear
a «loucura» de D. Quixote, temem
apenas que o seu imenso sonho de
justiça fosse sair do mundo alucina-
tório dos cavaleiros andantes para
o mundo simples e real dos escudei-
ros Sanchos Panças.

OS RESPONSÁVEIS
de MAGAZINE
AGRADECEM
SUGESTÕES
E CRÍTICAS

SAÚDE... em telegramas

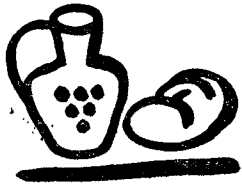
Crianças terríveis e chocolates

Segundo a doutora Randoin, directora do Instituto de Higiene Alimentar de França, o excesso de bombons leva a criança a estados nervosos, a irritabilidade, à falta de atenção, e, em muitos casos, a prevervidades mesmo. Os bombons são acusados de provocar transtornos digestivos, falta de apetite e cáries dentárias. Também não aconselha a negar este prazer às crianças — mas a facilitar-lhes ao mesmo tempo vitaminas do grupo B (noz, levedura, etc.), porque este grupo vitamínico é necessário para assegurar a combustão do açúcar no organismo...



Cozinha para os olhos, porque não?

O psicólogo suco David Latz diz que as cores influem no apetite. Por uma série de experiências demonstrou que uma iluminação azul ou verde impede de comer; que uma alaranjada e vermelha provoca náuseas a algumas pessoas e compromete a digestão, a outras. O encanto do tomate — diz ele — reside na sua bela cor escarlate; fossem eles cinzentos, ninguém lhes tocaria! As cores aperitivas para uma casa de jantar são o branco e o creme...



Vão desaparecer os calos?

Que têm os calos com a alimentação? — pergunta a leitora, aborrecida. Bem, bem com a comida não tem nada; mas sim com as vitaminas. Segundo o dr. Drummer, de Nova

York, bastará injectar uma dose de vitamina A sob um calo do pé para o ver desaparecer ou pelo menos deixar de torturar a vítima. A vitamina A demora a multiplicação da camada córnea da pele, responsável dessa doença, a que ninguém liga, mas que é bastante séria...



Os ovos absolvidos de antigas culpas

Para o dr. Delore, da Faculdade de Medicina de Lyon, o ovo é um alimento ideal. Acusam-se, e muito bem, os médicos, de desaconselhar os ovos aos seus doentes. Mas o que é verdade é que os ovos, por tantos méritos que possuem, são um artigo de primeira ordem, quando muito frescos: são de fácil digestão, assimilação quase completa, bons para todas as idades e para todas as refeições. Num ovo encontram-se



todos os elementos necessários ao nosso organismo: matérias azotadas, colesterol, gordura, ferro, fósforo, magnésio, enxofre e as indispensáveis vitaminas. As intolerâncias são menos frequentes do que se julga. Mas como não há bela sem senão, os ovos têm inconvenientes: morrem no fim de duas semanas, alteram-se depois de doze dias, e são sensíveis ao calor. Mas pondo de parte estas reservas, que dependem da maneira como o comércio dos ovos é elaborado — é um alimento de primeira ordem, ideal.

Depois de comer lava-se a louça

Pois o dr. Samuel Orsen, americano, descreveu uma nova doença que, diz ele, é provocada em grande parte pelos detergentes. Mas

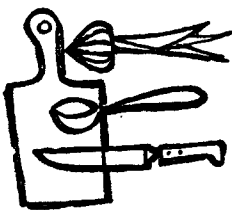
também os insecticidas, as matérias plásticas, certos medicamentos. têm culpas no cartório.

Essa doença manifesta-se por dificuldades respiratórias, tosse, sensação de fadiga e perda de peso...

E agora, vamos dormir... sim?

Um bom sono é a melhor terapêutica para a senilidade precoce, o desequilíbrio nervoso, a deficiência sexual — segundo o sábio russo Braines. Na impossibilidade de fazer sofrer, ao paciente, um «soninho descansado», ele aconselha o sono artificial; o efeito benéfico é o mesmo.

Longe de nós fazer comparações,



mas o exemplo que ele apresenta é deveras tentador: conseguiu rejuvenescer um cão de dezasseis anos e quase no fim da vida, portanto. O cão tem agora vinte e um anos e mantém-se em perfeita integridade física.

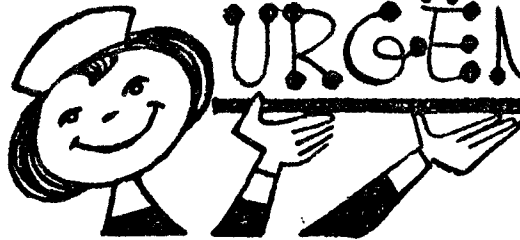
Nas mãos de um tal homem, não valerá a pena ser cão?



Só acordar bem disposta...

Lembre-se que um exercício moderado é útil às pessoas atingidas de endurecimento das artérias; um bom passeio a pé, diariamente, faz reduzir a taxa de colesterol do sangue e o endurecimento das artérias (pelo menos em animais tem dado óptimos resultados. Porque não havemos nós de experimentar? E' pelo menos, um remédio que não custa dinheiro!).

RECEITAS DE URGÊNCIA



Há dias em que nos não convém sair, ou preferimos aproveitar uns restos de qualquer coisa, ou queremos disfarçar, habilmente, aquela receita que o nosso marido tanto gabou em casa da Fifi e não nos convém dizer que é uma imitação... enfim, cada uma de nós sabe as suas razões...

Como conseguir modificar o sabor ou o aspecto de um prato já velho? Muito simplesmente, deitando mão dos MOLHOS.

O clássico azeite e vinagre

Também tem o seu quê, embora julguem que não. Em vez do vinagre deve empregar-se o sumo de limão, por conter mais vitaminas e ser mais fácil de digerir. Dissolver o sal com o sumo de limão; juntar-lhe o azeite e a pimenta branca. Bater bem e deitar na salada imediatamente na hora de ir para a mesa. A proporção ideal é, para quatro pessoas: uma colher de sopa de vinagre ou de limão, duas de azeite, sal q. b., e uma pitada de pimenta, arroz, etc.

Pode juntar quadradinhos de queijo (100 gramas).

Molho de vinagre quente

(especialmente para saladas de batata)

Para quatro pessoas: 1 alho, 4 raminhos de salsa, meia colher de chá de sal, uma pitada de pimenta, três colheres de sopa de azeite e duas de vinagre.

Esmagar o alho e a salsa, deitar numa caçarola e juntar-lhe o resto dos ingredientes. Ferver durante uns minutos e deitar sobre as batatas já partidas ou mesmo sobre peixe frito da véspera.

Molho de mostarda

Uma colher de sopa de vinagre ou sumo de limão, 2 de azeite bom, sal q. b., pimenta uma pitada, uma colher de chá de mostarda.

Misturar o sal com o limão e deixar dissolver, depois a pimenta e finalmente a mostarda branca e ferver. Bater bem. Servir com batata, arroz, etc.

Receitas das nossas avózinhas

Tenho em frente dos olhos um livro de culinária datado de 1785. Havia nessa época, como há hoje, a preocupação da «boa forma». Os nossos antepassados pensavam que o organismo necessitava, de vez em quando, de uma limpeza geral, como agora se faz aos sábados... mas às casas em que vivemos. Para as limpezas da Primavera — o organismo saía de um longo Inverno sobrecarregado de leguminosas, de cereais ou de conservas, o sangue necessitava ser limpo, purificado — há nele variadíssimas receitas, algumas das quais as nossas leitoras talvez possam aproveitar...

De mistura com bons pitus — e talvez por eles mesmo — que mostram como naquela época se comia bem, quer dizer desalmadamente, outras há que parecem dos nossos dias, porque se fazem de coisa nenhuma, um dos géneros do mercado que menos custam. Há caldo para saos e para doentes. Receitas para as mais estranhas moléstias que muito cheiram a mézinhas, desde a tuberculose aos simples humores que sobem á cabeça... e dão volta ao miolo.

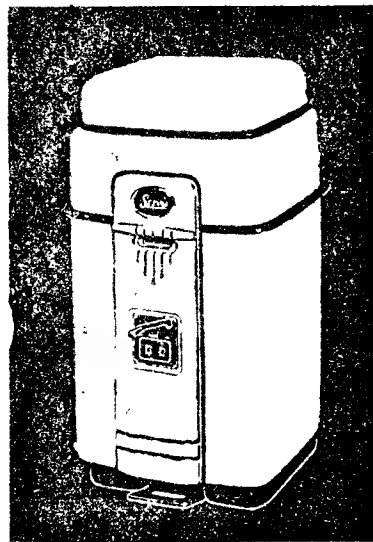
Vamos, pois, tentar as nossas leitoras com algumas dessas receitas:

Caldo fresco e purgativo; caldo para purificar a massa do sangue; caldo para doenças de peito; caldo para defluxos catarrais; caldo de rãs e caracóis para tosse seca; caldos para vapores e flatos que sobem á cabeça; caldo para obstrução do baço e do fígado; caldo para dores de cabeça; e, pasma! — caldo de viboras para purificar o sangue.

Até dá vontade de dizer: lagarto... lagarto...

Eis a ECONOMIA que encontrei na máquina SERVIS

1. ECONOMIA DE DINHEIRO: o agitador não molesta a roupa, imprimindo à água um movimento de turbilhão em todos os sentidos.
2. ECONOMIA DE TEMPO a lavagem pelo sistema de de turbilhão compensado é rapidíssima.
3. ECONOMIA DE ESFORÇOS: espremendor eléctrico, aquecimento e despejo de água automáticos.



Comprei, claro, a minha SERVIS na

Agência Comercial Sueca

Av. Fontes Pereira de Melo, 45

a preço fixo

Não

MASCARE o verdadeiro sabor da COMIDA com temperos picantes!

Exija

uma alimentação sadia e saborosa



AJI-NO-MOTO

produto purissimo extraído do trigo não é um tempero não ilude o paladar

antes o desperta, estimulando as nossas papilas gustativas.

Experimente

uma pequena pitada na sopa, no peixe, na carne, nas saladas.

GANHE 100\$00

A maçã

Fruta milagrosa

com um sorriso nos lábios

«O MEDO É A SENSACÃO
A QUE NOS HABITUA-
MOS QUANDO SE FALA
NA MELHORIA DO NOS-
SO NÍVEL DE VIDA» —

afirma o vencedor desta
semana

A seguir á sua definição o nosso
leitor escreve:

«Por razões óbvias («Medinho»),
uso um pseudónimo, tomando desde
já as minhas disposições caso me-
reça «Um Amarelo Sorriso nos Lá-
bios»: os cem escudos serão para os
vossos pobres. a) Zé Povinho».

Na realidade a definição é bem
própria do Zé Povinho, assim como
a generosidade que teve em oferecer
o prémio aos nossos pobres. Em no-
me dos beneficiários, muitíssimo
obrigado.

Esta generosidade é tanto mais de
assinalar quanto até agora ainda
nenhum senhorio apareceu a concor-
rer ao concurso que lhe dedicámos:
cem escudos de desconto nas rendas
que receberem em Novembro, para
os pobres...

O concorrente que mais se apro-
ximou do Vencedor foi o sr. Silves-
tre Gaudêncio, de Unhais da Serra.
Eis a sua definição:

«Medo é a coragem do avesso».
O avesso é o forro, não é verdade?
Agora compreendo o verdadeiro
significado do verbo «desferrar»:
quer dizer «tirar o forro, tirar o
medo».

Com «uma saber de experiências
feito» escreve-nos o sr. António To-
mas Caixinha, de Lisboa, que
«Medo é a propriedade física que
faz com que o marido esteja sujeito

ao «Rolo de Massa» depois das 3 ho-
ras da madrugada».

Só nos quer parecer que o nosso
prezado leitor exagera um pouco ao
generalizar a sua experiência pes-
soal. A «Hora H» nem sempre é ás
3 horas: depende o caso da consti-
tuição cronológica da consorte...

Eduardo José Serralha (Santarém,
S. João da Ribeira) apresenta a sua
versão acerca da «última arma se-
creta». Vejam só:

«Medo: arma secreta de vários ga-
tunos».

Apenas dos gatunos? Não acha
pouco?

Agora vamos dar publicidade a
um concorrente que nos parece ter
qualidades para próximo vencedor.
Manda-nos hoje várias definições.
Escolhamos duas:

«Medo é o hábito de não ter cora-
gem».

«E' o que fica depois de perda da
vergonha».

Bravo, sr. Manuel S. Neves (Lis-
boa)!

A sr. D. Alexandrina Pereira (Lis-
boa) está de acordo com o vencedor
da semana. Escreveu:

«Medo é o presente e o futuro do
verbo viver».

Finalmente, o último dos seleccio-
nados, o sr. Joel Hasse Ferreira
(Lisboa):

«Medo é um sentimento ao qual
damos o nome de prudência, quan-
do somos nós que o temos».

Já o duque de Alba dizia a D. Se-
bastião que o «Medo era da cor da
prudência».

E para a semana que vem? Um
leitor propõe a seguinte palavra:

FILANTROPO

Aqui têm a palavra cujas defini-
ções devem enviar a «MAGAZINE».
Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao
próximo dia 11 de Novembro.



Um velho ditado criado pela sa-
bedoria universal afirma que onde
entra maçã, não entra o médico,
ou, como se diz na minha terra,
que «maçã crua põe o médico na
rua...».

Pretende, assim, a experiência
popular, acumulada ao longo dos
séculos, atribuir a este fruto pre-
ciosos dons curativos de muitas
doenças. Chamam-lhe até, em cer-
tos lugares, a Santa Maçã...

Os cientistas, porém, são mais
difíceis de convencer — e só as
provas provadas convencem um
cientista. Por isso, um americano,
o dr. Eugénio Lucas (que é tam-
bém um ilustre horticultor), re-
solu lançar mão de uma curio-
sa experiência. Com a colaboração
do Instituto Nacional da Maçã e
com o patrocínio dos produtores

de maçãs, o ilustre professor da
Universidade de Michigan distri-
bui semanalmente por 500 estu-
dantes da Universidade 7.000 des-
ses frutos.

A experiência terá a duração de
4 anos. Ao fim deles, o dr. Eugé-
nio Lucas comparará a saúde dos
500 felizes estudantes com a dos
seus 17.000 discípulos que não
tocaram na fruta por «prescrição
pedagógica...».

A gravura representa o nosso
estimado dr. Eugénio Lucas ro-
deado de maçãs e dos alunos su-
jeitos à experiência. A julgar pela
expressão de todos eles, a expe-
riência não os aborrece — antes
pelo contrário.

...Tal como os nossos estudan-
tes não se importariam, se sur-
gisse por aí um dr. Eugénio Lucas
de boa vontade...

Chegaremos à Lua?

(Continuação da 1.ª página)

se que o erro de velocidade do
«Pioneiro» foi superior a 0,2 quiló-
metros-segundo!

Para alcançar êxito na conquista

«CATIRA»

(Continuação da 2.ª página)

braços fofos. Dois homens e uma
criança passaram na sua vida atri-
bulada; todos três jaziam, agora,
lado a lado, na terra adorada. A
terra! Catira amava aquela terra;
quando todos tinham partido, a ter-
ra ficava com ela, para lhe encher
o coração sangrando. Nela tinha
posto os que amara, nela tinha
posto e continuaria a pôr o seu
sangue ardente.

Catira olhava no espelho o seu
corpo vigoroso e ainda esbelto e
perguntava-se, se um milagre de
fecundidade ainda seria possível!
Catira vivera, sempre, de espe-
ranças...

dos espaços (primeira etapa: à
Lua...) dois métodos se encaram.
Um deles consiste em enviar para
o espaço, uma mancha de fogue-
tões. É possível que uma série de
«chances» conjugadas leve um deles
à órbita da Lua e nos permita as-
sim obter informações preciosas —
decisivas.

O outro consiste em procurar fa-
zer da astronáutica uma ciência
exacta — e assim, os foguetões de-
verão seguir trajectórias calcula-
das sem a mínima margem de erro.

Os Americanos seguem o primei-
ro método, os Russos o segundo.

Estes, é inegável, vão muito mais
adiantados. De facto, os 58 quilos
do «Pioneiro» estão muito longe de
corresponder aos 1.328 do «Sputni-
que III». Responderão eles, no pró-
ximo dia 7, ao desafio dos America-
nos? Recentes afirmações de orig-
em soviética parecem responder
afirmativamente. Todavia, um espe-
cialista russo declarava-me recente-
mente em Bruxelas: «Não tentare-
mos chegar à Lua senão quando
estivermos prontos...».

Quando seu filho quiser um sorvete
dê-lhe o sorvete em pó



É um alto produto dinamarqués que se prepara higiêni-
camente em casa
(Saquinhos para 5/6 sorvetes. Latas para 20/24 sorvetes)

a abarrotar. (Onde minha mulher metia o pé era enchente pela certa!)
Não quis perturbar a sessão e tentei ocupar um lugar no último banco.
Antes, porém, falei assim ao cavalheiro que estava na ponta:

«Irmão! Fazes o favor de te chegares um pouco para lá para poder
sentar-me».

«E' boa! — respondeu o insolente. Nem uma pessoa se pode acoitar da
chuva que não seja logo ofendido».

Calculem! Se o «Finezas» fosse protestante e isto se passasse com o
«Finezas»!

Felizmente, no instante preciso em que a decisão ia estalar, minha
mulher, que me enxergara lá dos fundos, fez-me um aceno. Deixei o tunante
entregue á sua pérfida bilis e, á medida que avançava pela coxia, encarei
outros rostos desconhecidos. Ocorreu-me então este pensamento: «nos dias
sem chuva a confraria era mais reduzida». E continuei a debater o assunto:
«Quantos destes indivíduos seriam capazes de manifestar a mesma grosseira
reacção ao carinhoso tratamento de «irmão»?»

A partir desta data nunca mais recordei o «Finezas». Dir-se-ia que
deixara de ser a minha sombra, á força de verificar quão inútil era a sua
existência. Morreria o apelo instigativo, que fermentara nos longes da mi-
nha infância. Tornara-se vazio de significado.

De tal sorte, que quando voltei a pisar os sítios amados onde me fiz
gente, a imagem daquele que representara durante tantos anos a minha
segunda natureza, não respondeu á chamada. Nesse momento cruciante
manteve-se ausente do meu espírito. Só mais tarde, quando me cruzei com
ele, é que...



«Como não tarda? — replicou o segundo maltês, deixando de talhar
o pedaço de madeira com o canivete. Eu estou primeiro!»

«Arranjem-se lá!»

E dito isto, que interpretei como antecipada concordância, tornou ao
cachaço da vítima.

Eu andava ansioso por mostrar que a arte já não guardava para mim
muitos segredos. Apressurado, fui buscar a latinha de esmalte e enchi-a
de água. Peguei no pincel, acamei convenientemente as sedas com o polegar
da mão esquerda, como vira já fazer dezenas de vezes, e botei-lhe para
dentro uma quantidade de pó de sabão. Ajeltei, a seguir, o banco de pi-
nho que ficava de reserva para as enchentes de sábado, quando Mestre
João vinha dar a ajuda, peguei na toalha sórdida e disse, com o melhor
dos meus sorrisos:

«Ora faça favor!»

Foi quando dei pelo logro. O malandro estava com as roupas descom-
postas e apontava-me umas nalgas hediondas, contendo a custo o riso.
«Ensaboa primeiro, rapaz! — disse. Verifica-me esse fio de navalha,
não me vás arrepear».

A risota estalou. Pensei, por um segundo, aceitar o despique. A ima-
gem do «Finezas» sugeria-me o que tinha de fazer. Rápidamente, porém,
recobrei os animos e não dei seguimento á provocação.

Este meu gesto de submissão — enganei toda a gente, deixando supor
que era uma questão de feitio — grangeou-me uma fama de «bom-serás»
e, sem duvida, cobriu-me certas retiradas com uma aparência de elegância.
É claro que no mais íntimo da minha consciência eu considerava-as ver-
gonhosas.

Em contrapartida, engendrei e desenvolvi uma fina velhacaria, uma
apurada técnica na simulação. Gostava de pregá-las sem alardes vingativos.

Começava a manejar a navalha na pele do assentador, truca que truca,
e, conseqüentemente, a golpear os duros coiratos da freguesia (pagava-me
então Mestre Porfírio dez tostões diários, que, diga-se de passagem, re-
presentava uma exorbitância, pois ia correndo com a clientela toda), quando
me lembrei de falsificar um cartão da bola.

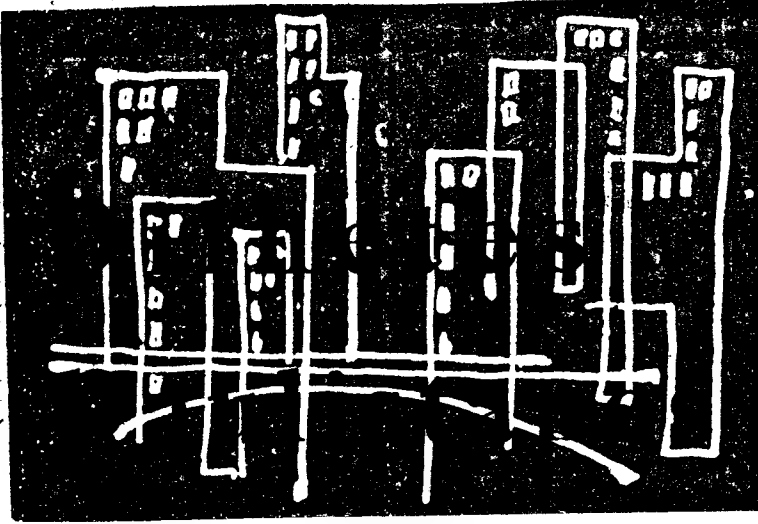
É preciso contar a coisa direita!

Nessa altura, gozavam já os futebolistas de forte popularidade. Sem
duvida, estavam longe ainda de haver conquistado o prestígio de figuras
nacionais, chifre, pagos a peso de ouro. Circulavam uns cartões-enigmas
com um determinado numero de quadrados, correspondendo cada casa a
um jogador: Pinho, Augusto Silva, Pepe — os ases da bola dessa época,
que eram ao mesmo tempo, pois então!, gente de trabalho.

Por baixo do nome estava marcada a importância, coberta por um
círculo de papel gomado, que o concorrente devia pagar. No canto superior,
também coberto por um círculo, escondia-se o nome do jogador que dava
o prémio ao participante.

A brincadeira era das mais simples: os aficionados rasgavam, suces-
sivamente e obedecendo aos seus palpites, os círculos de papel gomado, e
depositavam no banqueiro, na emergência eu próprio, as quantias corres-
pondentes. Esgotados os quadrados, abria-se finalmente a casa do topo e
o vencedor arrecadava a maquia. Totalizava o cartão pouco mais de vinte
mil reis.

Escolhi um sábado para a marosca. Estava a loja cheia de pessoal; os



De Sousel a Itapetininga em busca de si próprio

a comédia de maior êxito do Parque Mayer.

Esse o José Boto que conheci em Lisboa, o menino bonito de Sousel, aficionado dos bons e admirador de Espanholas de raça, sentimental e telurico, corajoso e altamente resignado a um destino marcado pelo berço.

Vim encontrar outro, para mim desconhecido. Fisicamente não mudou. A mesma elegância, o mesmo donjuanismo com laivos de ingenuidade. Mas aí principiam e acabam as afinidades entre o passado e o presente. Um dia, por motivo aparentemente fútil, resolveu afastar-se da sua Sousel. Sem o saber buscava apenas um pretexto para se evadir. Oprimia-o um indefinível sentimento de frustração. Partiu de repente, sem programa, quase sem dinheiro. Embarcou para o Brasil, como poderia ter embarcado para a Califórnia ou para o Chile. Não era um emigrante, não ambicionava riqueza, bem-estar, importância, comendas. Mas se lhe perguntassem o que pretendia, não saberia responder.

Hospedou-se num bom hotel, gastou os últimos tostões. Sucessivamente, exerceu os mais diversos misteres. Empregos modestos, de ocasião. Esperava qualquer coisa que ele próprio não sabia definir. Um dia, quando não possuía já sequer o dinheiro suficiente para liquidar a conta do hotel, a oportunidade surgiu: encarregado de uma fazenda no Interior.

Um amigo, companheiro, como eu, de noites de boémia e de horas perdidas, indicara-o como técnico em assuntos agro-pecuários. José Boto, apesar de se saber mais a vontade no mundo das belezas so-

fisticadas da Costa do Sol do que nas lides do campo, aceitou.

Hoje, decorridos dois anos, é o administrador-gerente de um grupo de fazendas com uma superfície superior à da ilha da Madeira. O dinheiro continua interessar-lhe tão pouco como antes. A sua conta bancária mal daria para os gastos de um mês de férias no estrangeiro. Mas conseguiu algo de bem mais importante do que a riqueza: realizar-se! O seu telurismo alentejano afirmou-se nas verdes planuras de Itapetininga. Visitei-o já duas ou três vezes no seu reino, um reino que não lhe pertence, mas onde é

gas. O dr. Boto é para os rurais da região o homem que introduziu ali o cultivo do trigo e a criação de ovelhas; o único homem a quem tiram o chapéu — coisa estranha que não está na tradição local — porque com surpresa deles se descobre também sempre que os saudam; o homem que fundou uma cooperativa e que faz que o médico venha da cidade todas as semanas.

Este, o José Boto que encontrei em S. Paulo. Itapetininga não o prende. Campo, para ele, só no Alentejo. Há dias falava-me na tentação que sente por vezes de deixar tudo e partir para o México. A aventura, evidentemente, pois apenas conseguiria reunir o dinheiro suficiente para pagar a passagem e aguentar-se uns dias.

Uma história banal? Talvez. Porque, apesar de todas as vicissitudes e de certa preocupação em se disciplinar e uniformizar a nossa gente, o gosto da aventura e do imprevisto permanece vivo no homem português. Os tempos mudaram, mas as qualidades que na era de quinhentos nos revelaram ao Mundo não abandonaram a raça. José dos Reis Boto, filho de Sousel e amigo querido, não é um caso raro. Há quatro séculos teria sido um homem de espada, um capitão de Vasco da Gama ou de Albuquerque; hoje faz pioneirismo no Interior paulista. Não veio ao Brasil para enriquecer. Tinha outro objetivo, um objetivo vago que não saberia definir: encontrar uma razão de vida, uma justificação para a existência. Realizou-se pela acção. Plenamente. Alguém nas pradarias sem fim de Itapetininga, bem longe da sua pequena e pacorranta Sousel onde conta voltar um dia...

por MIGUEL URBANO
RODRIGUES

S. PAULO — Éramos e somos amigos. Mas, em boa verdade, não me foi fácil reconhecer nele o antigo companheiro de tertúlia tauromáquica e de noites de boémia. O homem que vim encontrar em S. Paulo não me parecia ser o produto lógico da evolução do jovem estudante de Veterinária a quem as mulheres belas do Chiado, as arenas soalhentas e os lares de um Alentejo feudal bastavam para encher uma existência que se diria feliz. Também mudei. Certo. A vida de todo o homem é uma permanente transmutação. Mas olho para trás e verifico que naquilo que fui, se poderia adivinhar aquilo que sou. O caso de José dos Reis Boto é diferente. A estrada por ele percorrida é outra, com mais curvas, mais ondulações, mais surpresas.

Para mim era, quando o conheci, a imagem típica do Alentejano no que ele tem de melhor e de pior. Tolido pelo meio, pelo nascimento, pela fidelidade a concepções pa-

triarcais e obsoletas, a sua vida prometia vir a ser enfadonhamente semelhante à de dezenas de outros filhos de velhas famílias da nobre terra alentejana. A amizade para ele era uma religião, a generosidade um impulso. Mas pertencia, aí dele, à classe dos lavradores por direito divino e cedo ou tarde, seria um senhor da terra... E essa fatalidade hereditária surgia a meus olhos como o factor essencial que devia presidir aos rumos da sua vida. Tudo indicava que aquele moço elegante e simpático, forçado famoso e destemido que enfrentava os touros a sorrir, mais preocupado com os olhares femininos do que com as hastes das feras, levaria uma existência sem grandes sobresaltos como qualquer senhor da planície. Tinha o seu curso de Veterinária, o prestígio conquistado nas praças, um nome, terras fartas a herdar. Quando nos encontrávamos falávamos de mulheres, recordávamos uma certa faena de Manolete, a Feira de Sevilha, o último cavalo de Nuncio, discutíamos cinema,

Grande novidade!

leia

(não pode deixar
de ler)

o grande romance

«MOLEQUE RICARDO»

de LINS DO REGO



Mestres no corte e eu nas barbas. Entre duas escanhoadelas, atirei com o cartão para o meio da matulagem; pica de um lado, pica do outro, num foguete cobriram os lances.

Confesso que na ocasião de viciar o jogo não sonhava sequer com um êxito. Suspenderam-se as fainas — o entusiasmo contagiara até aqueles que nada tinham arriscado. Formou-se uma roda; o dono da casa no centro. Silêncio geral. Terminada a operação, Mestre Porfírio gritou:

«Pepe!»

Quem foi o felizardo, quem não foi, chegaram à conclusão, deveras estranha, de que o contemplado não estava presente.

«Aqui há batota!» — alvitrou o patife que da outra vez se divertira à minha custa.

Avancei ainda umas desculpas. Inuteis! O rastilho estava lançado.

«Passa para cá a maçaroca! — bradou, severo, o patrão, com o intento de camuflar o escândalo. O homem que venha e receberá o prémio».

O homem não apareceu, está visto!, e Mestre Porfírio chamou a si a recompensa. Desta vez também me lembrei do «Finezas».

Habitado como estava a não aceitar a luta em campo aberto, meti a um atalho e acabei por recuperar o «meu» dinheirinho, ganho com a devida lisura, em três ou quatro assaltos que fiz à gaveta. E ficámos quites! Continuei na profissão até à idade de ir às sortes. A vida de caserna, que suportei com a resignação exterior de «bom-serás» e uma constante rebeldia afogada no interior, foi pródiga em oportunidades para recordar a figura do meu companheiro de infância. Quantas vezes desabafei, diante da minha moleza de carácter: «Carambas! Se fosse com o «Finezas»!»

Voltei ao civil, andei para aí aos tombos na sacra via do «apocura-e-não-encontra», até que uma bondosa senhora, viuva mas bem conservada, me demonstrou, rigorosamente falando, que estava apaixonado e a melhor coisa que tinha a fazer era casar-me com ela.

Não foi inconveniente na proposta (pensando bem achei-a razoável), e dei o nó sagrado. Influira na decisão, creio eu, o facto de meu pai ter feito o mesmo, pouco tempo antes. Dada a sua experiência, concluí que por muitos alcapões que o matrimónio nos reserve era forçoso proporcionar também alguma felicidade.

Vim a saber, depois do acto realizado, que minha mulher professava a crença protestante. Foi por causa da sua tendência mística, que mais uma vez associei à minha vida a silhueta do «Finezas».

Não era próspera a nossa situação financeira (trabalhava no escritório do «Pisa-Flores» umas dez horas por dia para aguentar as aparências), e a cabeça de casal, minha esposa, fez-me ver a necessidade de frequentarmos com regularidade a sala das sessões. «Além de cumprirmos uma obrigação — dizia ela atiladamente —, desfrutamos sem dispêndio um recreio espiritual. E tu trabalhas tanto!»

Postas as coisas neste pé, era-me impossível praticar a indelicadeza de não estar de acordo com ela. Aceitei, portanto, a sugestão. E, seguindo o pêndulo natural do meu temperamento de acatar os compromissos, tornei-me um assíduo frequentador.

Ora bem! Num desses dias, chovia a cantaros e faiscavam coriscos como se estivesse finalmente a cumprir-se a previsão do Apocalipse, encamitei-me depois do jantar para a reunião, encharcado até à pele.

Entre a porta e procurei a consorte — ela ia adiante por ser muito dada à irmandade e desempenhar nela não sei que funções. A sala estava



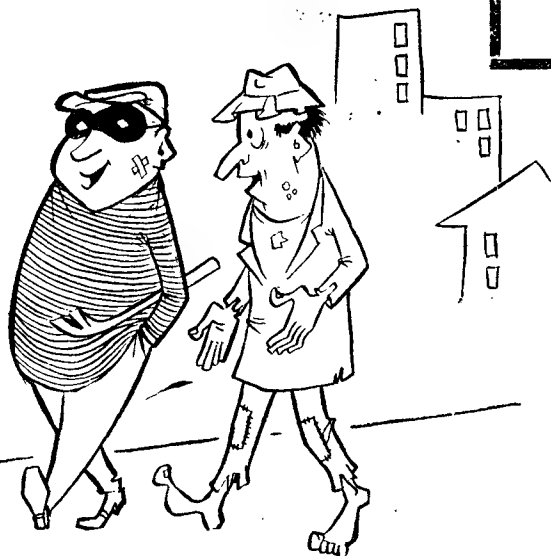
— Leva-o para a sua cela e torna a trazê-lo à minha presença quando estivermos em 1992.

Gente à margem da lei

por VILHENA



— Eu própria fiz este vestido, adaptando-o de um antigo fato de meu marido.



— E onde é que trabalhas agora?
— Trabalho ao domicílio.



— Tome lá cinco tostões mas não vá gastá-los mal gastos.



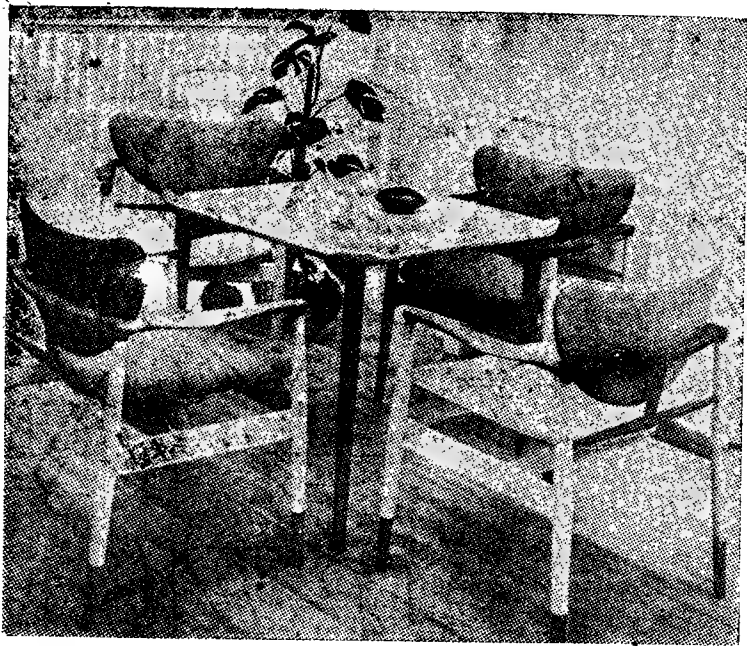
— Eu sou o 6.781.342. Mas cá a rapaziada trata-me pelo diminutivo de 42.



— Eu bem te disse para trazermos uma mala maior.

Só há alegria quando há saúde
E não há saúde com dentes estragados

DEX-CREME



Despretados á suíinha de estar temos aqui uma interessante mesa de tampo elevado nos cantos e quatro cadeiras muito confortáveis. São estes móveis de estilo moderno construídos com madeira muito clara — cicómoro e madeira escura, cicopira — que formam um contraste muito agradável. Os estofos das cadeiras são de veludine em diversas cores que se combinam de modo agradável.

Deolinda

CHAPÉUS

RUA ANGELA PINTO, 34 R/C.
TEL. 52086

LISBOA

PAGINA D

ALLÔ? ALLÔ?

Atenção ao telefone!

Atenção ao telefone!

Quando vai telefonar pense primeiro — ou anote — em tudo que pretende dizer. Assim, evitará fazer uma nova chamada se qualquer coisa lhe esquecer.

Quando falar pelo telefone a qualquer senhora com mais idade ou categoria não seja a primeira a desligar. Assim, procederá segundo as regras da boa etiqueta.

Se telefonar num estabelecimento onde se encontrem mais pessoas não o faça de modo espectacular procurando ser espirituosa e ruidosa para chamar as atenções sobre si e o que vai dizendo. Assim, procederá de modo correcto e ficará ao abrigo de qualquer critica menos lisonjeira por parte dos assistentes.

Quando telefonar a uma senhora que não tenha pessoal ao seu serviço, faça a chamada directamente e não por intermédio da sua empregada. Assim procederá mais correctamente.

gada. Assim procederá mais correctamente.

Tenha o cuidado de não telefonar depois das 21 horas, para casas onde haja crianças ou doentes que, a essa hora, já devem descansar. Assim evitará incorrer numa falta de humanidade.

Quando atender chamadas telefónicas, ao levantar o auscultador diga imediatamente o numero do seu telefone. Evitará, assim, muitas perdas de tempo e, por vezes, ridiculas confusões.

Se tem, por hábito, namorar ao telefone ou se tem, na sua casa, quem o faça, estabeleça como regra uma ou duas interrupções da conversa, durante uns minutos, a fim de ter a linha livre para o caso de qualquer telefonema urgente que pretendam fazer-lhe.

Se tem em casa um doente de gravidade dê os informes do seu estado a alguém — parente ou amigo — junto da qual possam informar-se as pessoas interessadas não lhe tirando, a si, o tempo, precioso que deverá dispensar ao doente ou dedicar ao seu descanso. Em prejuízo do doente, ou de quem o trata, gastam-se muitos minutos atendendo telefonemas de quem por dedicação, curiosidade ou praxe protocolar, pretende saber, com rigorosos portamentos, a marcha da doença, o que disse o médico, o resultado das análises, etc.

VALINE

VARIEDADES

Ao que parece, a planta mais alta da terra é o eucalipto da Austrália que chega a medir 150 metros. Em segundo lugar, encontra-se o pinheiro da Califórnia que pode medir 120 metros de altura. Há, no entanto, uma planta marinha que ganha, em altura, a qualquer destes gigantes. É uma alga que chega a medir 180 metros e se encontra no Sul do continente americano.

D. João I, o Mestre de Aviz, nasceu a 14 de Agosto de 1357. A 14 de Agosto de 1385, com a colaboração de D. Nuno Alvares Pereira, venceu a batalha de Aljubarrota. A 14 de Agosto de 1415, partiu para a conquista de Ceuta. A 14 de Agosto de 1435, faleceu com 78 anos de idade.

Mais de sessenta por cento dos casos de miopia precoce são hereditários.

Há pouco mais de 340 anos apareceram em Inglaterra os primeiros garfos levados de Itália por um viajante chamado Tom Corrygate. Antes disto todos os Ingleses comiam com as mãos.

Walt Disney, famoso desenhador dos bonecos animados, começou a sua vida de trabalho aos 9 anos de idade como vendedor de jornais que apregoava pelas ruas de Nova York.

PERGUNTE

Maria Ana de Sampaio — Já é um pouco tarde para fazer o doce de tomate, no entanto, aqui lhe damos a receita pedida: escolha tomates bem maduros e carnudos. Escalde-os com água a ferver e tire-lhes a pele. Abra-os, tire-lhes as sementes e deixe a polpa repousar dentro de uma tigela para largar um pouco da água que contém. Escorra depois essa água e passe a polpa do tomate por uma peneira ou passador de rede fina. Pese a massa assim obtida, junte-lhe o mesmo peso de açúcar e por cada dois quilos de massa ponha um cravo de cabecinha. Leve a lume brando mexendo sempre com uma colher de pau até atingir o ponto de compota.

Para as noites
de S. Carlos



Elegante vestido de noite realizado com «satin» branco e brocado de prata com pedrarias brancas. As luvas de «nylon» cor de «cyclamen» dão a nota de contraste.

É DISPENDIOSO
S U S T E N T A R
UM BURRO A PÃO DE LÓ



Mas já pensou que o sabão vulgar é o mais dispendioso dos sabões?

Nas águas calcárias, como é o caso da grande maioria das do nosso país, o sabão vulgar, sem ajuda de lexívia ou da soda, só tira nódoas (e mesmo assim, mal, deixando a roupa encardida...) depois do emprego de grandes doses, o que o torna anti-económico.

A ciência criou um processo mais económico e eficaz de lavar louças, vidros e roupa.

**SABÃO ACTIVADO
CUF**

que lava em todas as águas
desencarda a roupa e deixa
a louça a luzir



ponto



PRISÃO
DE VENTRE

A pontualidade intestinal sem
cólicas nem acostumação.

Rectonus

Supositórios

A venda nas Farmácias.

A MULHER

A pedido de Maria Ernestina de Sá é publicado este modelo de lençol que deve bordar-se a ponto pé de flor ou de cordão, ponto de areia, ponto de matiz, ponto cheio e ponto de crivo sem tiragem de fios, com linhas Ancora branca e cinzenta. O desenho no tamanho natural importa em 10\$00 e uma amostra explicativa de qualquer dos pontos empregados no bordado porta em 6\$00. O pagamento adiantado pode ser feito com selos. A cobrança, mais 2\$00.

Pedidos à Página da Mulher. «Diário de Lisboa». Rua da Rosa, 57, 2.ª, Lisboa.

CULINÁRIA

Bolo de chocolate

Tomem-se 6 colheres (sopa) de manteiga, 1 xícara de açúcar, 1 colher (chá) de essência, 2 ovos, 1 1/2 xícaras de farinha, 1/2 xícara de araruta, 4 colheres (chá) de fermento em pó Royal, 1 colher (chá) de sal, 3/4 de xícara de leite, 4 colheres (sopa) de cacau em pó.

Amasse a manteiga até ficar em

creme, junte aos poucos o açúcar misturado com o cacau batendo bem. Continuando a bater, acrescente os ovos, um a um, e a essência. Peneire separadamente os ingredientes secos e acrescente-os à primeira mistura, alternadamente com o leite. Bata bem a mistura e deite-a em forma untada com gordura. Deixe o bolo assar durante 50 minutos. Depois de frio, tire-o cuidadosamente da forma e cubra-o com o seguinte:

«Glacé» de chocolate

Misture em uma caçarola o conteúdo de 1 pacote de Pudim Royal, sabor chocolate, com 1/4 xícara de água. Deixe engrossar em banho-maria e acrescente leite condensado (1 lata) mexendo de vez em quando. Espalhe o «glacé» quando estiver frio.

Bolo de convento

Batem-se 150 gramas de margarina amolecida em banho-maria, com 300 gramas de açúcar branco. Deitam-se depois, um por um, quatro ovos inteiros, três decilitros de leite e um cálice de conhaque, batendo bem de cada vez que se vão juntando esses ingredientes. Leva então, aos poucos, 350 gramas de farinha de trigo peneirada com uma colher de sopa de fermento em pó e bate-se com uma colher de pau até a massa fazer bolhas.

Coze-se, em forma forrada e bem untada, com margarina em forno de calor moderado.

Bolinhos quadrados

Pesam-se cinco ovos, peso igual de farinha e de açúcar. Batem-se os ovos com o açúcar até engrossarem. Junta-se-lhes aos poucos a farinha, previamente peneirada com duas colheres, de chá, de fermento em pó e vai-se batendo sempre. Deixa-se em repouso durante uma hora. Passado este tempo torna-se a bater misturando 200 gramas de margarina derretida em banho-maria, 100 gramas de passas e 30 gramas de cidrão picadinho. Bate-se e deita-se em tabuleiro forrado e muito bem untado com margarina. Coze-se no forno e volta-se para cima de um papel polvilhado com açúcar. Depois de frio corta-se em quadrados que se passam por açúcar refinado.

UM CASACO DA CASA DIAS



Casaco de fazenda espessa cinzenta escura com botões de fantasia. O chapéu é do mesmo tecido enfeitado com uma correia e fivela de metal.



UM VESTIDO CURTO PARA DE NOITE

Vestido de brocado em tons dourados. A originalidade deste modelo, que se inspira na linha «Directório», está no corte dum viés que

forma as alças e vem rematar na frente por um laço do mesmo tecido. O vestido é na frente, sensivelmente mais curto.



PIJAMA PARA ELE

O pijama de uma só peça é o mais prático para a gente miuda e quando o tempo começa arrefecendo ainda mais se justifica. Eis um modelo executado com flanela de risquinhos azuis e brancas, abotoado na frente em toda a altura e com uma simples gola redonda, rematando o decote.

Os meus segredos

Para tirar a pele ás ameixas, damascos, tomates e outros frutos de espécies semelhantes não os descasco com uma faca pelo processo vulgar. Escalde-os com água a ferver e tire-lhes, depois, a pele muito facilmente.

Antes de dar por concluído qualquer prato de culinária rectifico os temperos se for necessário. Não há desculpa nenhuma para quem leva à mesa um prato com sal a mais ou sal a menos.

Se vários pratos que pretendem cozinhar num determinado dia levam cebola e salsa picadas, ao preparar esses ingredientes para um prato faço-o logo para todos os outros pois poupo, assim, alguns movimentos e bastante tempo.

GATA BORRALHEIRA

Máquina de **BUSCH** TRICOTAR
APENAS POR **115\$** MENIAIS
CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER «TRICOT»

REPRESENTANTES:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda.
Avenida Fontes Pereira de Melo 37
Telef. 59181-2-3 - LISBOA

Para saber

Guarde em boiões ou frascos tapados. Deve guardá-lo enquanto está bastante líquido pois desde que arrefece torna-se mais espesso e se o ponto sobe demasiadamente, devido à fervura ser muito demorada, o doce cristaliza depois de metido nos frascos e fica desagradável, como se tivesse areia.

Por esta receita e por todas as outras que já publicámos a seu pedido nada tem que nos enviar.

Gulosa incorrigível — Os bolinhos chamados «mil folhas com creme russo» são formados por um cubo de massa folhada recheado com um creme que se faz pelo seguinte processo: deitam-se numa caçarola onze gemas de ovos, trezentas gramas de açúcar e meio pau de baunilha. Mexe-se muito bem. Lavam-se vinte e cinco gramas de gelatina, espremem-se e juntam-se às gemas mexendo-se continuamente até que se derreta por completo. Junta-se um litro de leite a ferver leva-se a lume brando mexendo sempre e retirando-se do lume antes de ferver. Mexe-se de quando em quando até estar quase frio. Por fim juntam-se-lhes as claras batidas bem batidas em castelo e em misturadas com dois decilitros de natas frescas. Quando dizemos natas frescas referimo-nos às natas rasadas do leite cru e não do leite fervido.

Loira ignorante — Para bordar a ponto de cruz o tecido cuja amostra nos enviou deverá empregar os fios de filoselle apanhando, em cada ponto, quatro fios do tecido.

V. Ex.ª deve preferir este famoso aspirador



A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS COM GARANTIA E ASSISTÊNCIA PERMANENTE

SINGER

Nova Automática resolve, por si própria, todos os problemas da costura e do bordado

306 e 319

© 1958 SINGER Sewing Machine Co.

tuba Espuma Soca

Sensacional produto da Quimica Alemã. Limpeza a seco de Carpetes e Passadeiras, Estofos de Automóveis e de Móveis. Pelas suas mãos e na sua casa!

Centenas de escudos de economia!

A venda em todo o Mundo, e em PORTUGAL, em todos os bons estabelecimentos.

REPRESENTANTES: **SCHROETER & ALMEIDA**
RUA DA MADALENA, 128, 2.º - LISBOA

Eduquemos o nosso filho!

O menino não se interessa por nada

O meu Zeca tem sete anos. Deu agora entrada num colégio particular, e entristece-me muito verificar que não mostra nenhum entusiasmo, pelo menos aquele que todas as crianças mostram pelo que é novidade. Devo dizer que nunca lhe conheci entusiasmos nem com passeios nem com brinquedos; nada! Encara tudo com uma calma, um desapego que me espantam. Loucura mostra, sim, pelos companheiros de brincadeira: um verdadeiro delírio. Será por que tem tido sempre brinquedos, e companheiros poucas vezes?

O que mais me preocupa é verificar nele uma certa indolência quando se trata de fazer qualquer coisa que constitua um dever ou seja tomado como tal. E' de manhã para se levantar, lavar, vestir, calçar, e, inclusivamente, comer! Tenho de estar constantemente a chamá-lo e a incitá-lo, quando não empata-se com qualquer coisa e nunca mais está pronto. Não se pode dizer que não foi, de pequenino, habituado a tratar das suas coisas, pois desde muito novinho se habituou a governar-se sozinho e a contar com os seus próprios recursos. Ele é que tem o cuidado de tratar da sua higiene, de ter os seus brinquedos arrumados, etc. Sendo acostumado assim, por que razão se aborrece e foge tanto de fazer estas coisas?

Vejo que gosta da escola e que é inteligente, tem mesmo o desejo de saber, mas não pode vencer o aborrecimento que lhe causa ter que prestar atenção às lições. Faz um numero ou uma letra e, se não se manda continuar, fica suspenso, olhando para o nada, numa apatia que me desespera. Poder-se-á julgar que é uma criança doente, triste e apática, mas não é tal, porque, se toca para o recreio, a sua vivacidade e alegria supera a dos companheiros.

Julgávamos a princípio que não comia por não ter vontade; vemos agora que não faz pela mesma razão que não faz as outras coisas que não constituem brincadeiras, pois se nós lhe formos dar a comida, come depressa.

Eu bem sei que a sua idade é es-

As almas infantis são brancas como a neve,
São pérolas de leite em urnas virgínicas;
Tudo quante se grava, e quanto ali se escreve
Cristaliza em seguida e não se apaga mais.

GUERRA JUNQUEIRO

Para os anos do bebé

El-lo, sua excelência, o Bebê, pronto a festejar o seu primeiro aniversário. O pai, não há modelo de chapéu que não descubra para o seu descendente. E' então a mãe lembrou-se de fazer com o bolo de aniversário um chapéu alto; uma forma alta e direita, serviu á maravilha: o bolo foi colocado sobre uma pequena bandeja que simula a aba, coberto com «glace» branca, e enfeitado com uma fita de seda azul, uma flor, uns recortes da mesma «glace» e a indispensável vela. Aí fica a sugestão.

A boa educadora ensina, exemplificando

As crianças gostam muito que os adultos brinquem com elas. Ora, quando a brincadeira é bem orientada, representa para a criança, além de entretenimento, uma oportunidade para lhe despertar a atenção, a curiosidade, a imaginação; até lhe cria hábitos de conduta favoráveis ao desempenho de tarefas que lhe surgirão pela vida fora. Em resumo: a brincadeira é a escola mais vantajosa para as crianças porque lhes capta a atenção sem as saturar. Sendo assim, será difícil ou fastidioso passarmos umas horas com a nossa Juliinha em casa, enquanto o pai faz serão no escritório, a fim de aumentar os proventos ou reduzir as faltas no seu lar? Para mim, não. Quem me dera possibilidades para dedicar mais tempo aos meus filhos!

A mãe da Juliinha sai á noite para se distrair; e comete a falta de perturbar o sono da criança, não só por a deitar mais tarde, mas também porque o esforço para se manter de pé sem dormir lhe provoca excitação que terá o efeito lastimoso de retardar o sono quando deitada ou de acordar de noite várias vezes.

Diz o povo com razão: — «Deitar cedo e cedo erguer, dá saúde e faz crescer».

As crianças não devem ser sacrificadas para comodidade dos pais. A estes cumpre o dever de todos os sacrifícios em prol dos filhos enquanto estes estão dependentes. Depois, eles o reconhecerão. Porém, se o não reconhecerem, ficamos nós com a satisfação do dever cumprido.

Na hipótese de ser pouca a paciência para cooperar na brincadeira dos filhos, a boa mãe pode

pôr os seus bordados, as suas malhas ou outros labores em dia e, se tiver uma Juliinha, verificará que ela também quer bordar, coser, trabalhar... e será fácil entrete-la com qualquer ninharia até que chegue a hora de deitar.

A boa educadora ensina, exemplificando. E esta regra deve ser sempre presente quando lidamos com crianças, pois fixam todos os pormenores e tentam imitar os adultos.

Com inteira fidelidade, lembro-me de factos passados quando eu tinha três anos. Portanto, é possível que a Juliinha mais tarde lembre á mãe as suas faltas. Mesmo que as não lembre pode tê-las na mente e constituir o joio da seara da sua educação.

MARIA VIRGINIA GONÇALVES FERNANDES PEDROSO

A Juliinha e o sono

Quando o pai tem serão, a mãe da Juliinha aborrece-se. E é natural, ao ver-se sozinho, envolto em silêncio, quanto mais a noite vai adiantando.

Aborrece-se como mulher; como mãe, não deve aborrecer-se. Há sempre mil e uma coisas para fazer á Juliinha, há sempre brincadeiras com que ela ficará radiante se a mãe a acompanhar. Há, porém, uma razão acima de todas que leva a esquecer o aborrecimento da mãe: é a própria Juliinha.

A menina tem hora certa para ir dormir. Tem, ou deverá ter. A menina não vai ficar sozinha; pode precisar de alguma coisa. E a mãe não tem criada de muita confiança

cassa e não se lhe pode exigir muito, mas gostava de o ver numa outra forma, que me desse mais esperanças de o ver encara a vida como deve ser encarada.

Como me preocupa tudo o que se relaciona com ele, é claro que estas coisas não podem deixar de me trazer apreensão. Tem horas certas para tudo desde o levantar ao deitar; nada lhe é imposto com tirania, pelo contrário, tento fazer-lhe compreender a bem que já tem deveres e os deve saber cumprir; não sei então porque a criança é assim.

Sou muito persistente e não desanimo nem o deixo descuidar com os seus afazeres.

Resposta: — Embora a sua carta seja longa e bastante explícita, não conseguimos «ver» claramente o seu filho e o meio em que vive, e por isso nos sentimos hesitantes nesta resposta. Não vamos, pois, aconselhá-la, mas apresentar-lhe algumas sugestões que talvez a levem a esclarecer-se sobre as atitudes do seu filho.

A criança não mostra entusiasmo por coisa nenhuma, passeios, brinquedos, bolos; mostra, sim, verdadeira loucura pelos seus companheiros. Não será essa a reacção natural da criança privada de convivência? A criança precisa de conviver, e conviver sobretudo com outras crianças da mesma idade. Tem-lhe proporcionado essa convivência?

O Zeca não tem irmãos? Se não tem, os pais, particularmente a mãe, têm-lhe dispensado os pensamentos e os cuidados de todas as horas. Não terá a mãe exagerado esses cuidados? A criança precisa de liberdade, precisa que lhe permitam que seja ela a tomar as suas iniciativas. «Obrigá-la» de muito pequenina a ter «deveres»; querer que ele siga um horário rigorosíssimo, que arrume tudo muito bem arrumadinho e faça tudo muito bem feito; dar-lhe grandes explicações fora da sua compreensão e dos seus interesses — tudo isso pode conduzir a resultados contraproducentes. Não terão sido demasiados exigentes e minuciosos para com o Zeca? E' certo que devemos levar a criança a ser independente, a cuidar da sua pessoa e das suas coisas, mas que isso represente para a criança a sua «independência», um trabalho agradável e não forçado.

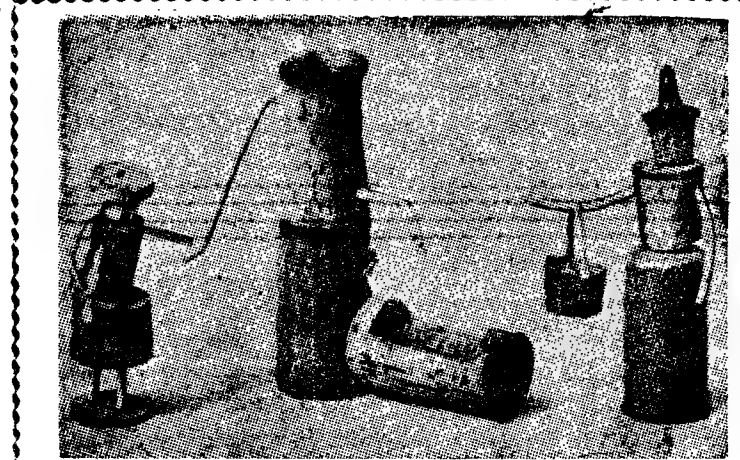
Receamos que tenham sido muito exigentes e «miudinhos» para com o menino, e que ele se «defenda» com essa apatia que mostra por tudo.

Se ele é inteligente, se mostra desejo de saber mas ao mesmo tempo se aborrece, talvez o professor não saiba interessá-lo pelos assuntos das lições, ou talvez elas sejam atrasadas ou adiantadas em relação aos seus conhecimentos e ao seu desenvolvimento mental.

E tem a certeza de que o seu filho vê e ouve bem? Há crianças que parecem menos inteligentes, ou distraídas, ou desobedientes — quando, simplesmente, não têm uma vista ou um ouvido perfeitos.

Por outro lado, lembramos-lhe que o seu filho só tem seis anos! Parece-nos que deve preocupar-se menos, exigir menos, deixar a criança mais á vontade. Experimente não lhe dar ordens constantemente, não lhe lembrar deveres; e observe-o.

Finalmente, pode haver uma deficiência orgânica, e neste caso a criança deve ser observada, não por um médico qualquer, mas por um pediatra que, se achar motivo, a encaminhá-la para o especialista que entender.



Brinquedos de cortiça

Uma coisa de nada entretém e encanta as crianças. Aqui está uma cena de aldeia — mãe e filha vão á fonte encher o balde de água fresca — que os pequenitos gostarão de fazer por suas próprias mãos. Umas rolhas de cortiça, de vários tamanhos, e uns bocadinhos de arame (por exemplo, ganchos de cabelo, lisos) constituem o material. O trabalho pode ser pintado á vontade do «artista». E, a partir daqui, pode surgir o gosto pela construção de uma aldeia completa.

Concurso-relâmpago da Boa Educadora

XII

Caixa do Correio

Joãozinho foi passar uns dias á quinta dos padrinhos. Não muitos, porque os pais, cheios de saudades, foram buscá-lo ao fim de duas semanas incompletas. Chegaram inesperadamente e foram dar com o



Joãozinho, correndo pela quinta, aos tiros, com uma «pistola» que o padrinho lhe oferecera.

Suponha a leitora que o caso se passava consigo. Qual seria a sua atitude? Diga tudo o que pensa sobre os brinquedos guerreiros. Assine o seu nome e indique a sua morada. Querendo, acrescente um pseudónimo. Envie o seu trabalho até ao próximo dia 10 do corrente para «Diário de Lisboa» — Magazine — Página «Eduquemos o nosso filho» — Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa. O melhor trabalho será publicado e a sua autora receberá, como lembrança, uma assinatura da revista «Os nossos Filhos».

A melhor solução do X problema

Também muitas leitoras se interessaram pelo problema X e nos mandaram as suas opiniões. Assim, resolvemos premiar não apenas um, mas dois trabalhos: os das senhoras D. Maria Virginia Gonçalves Fernandes Pedroso, de Lisboa, e D. Marília Mendes da Silva, igualmente de Lisboa. Parabéns.

GUIDA: — A sua resposta está certa. Mas não haverá um bocadinho de exagero quanto a «vigilância» do estudo de rapazes de 14 e 17 anos? Não lhe parece que, nessas idades, eles já devem ter plena consciência dos seus deveres e responsabilidades, e o hábito de resolverem por si só as suas dificuldades escolares?

MELRO: — Gostei da sua resposta. Espero voltar a receber notícias suas.

MARIA DA CONCEIÇÃO: — O facto de uma mulher não ter filhos não significa que não pode ser, pelo espírito, «mãe». Penso que deve continuar a interessar-se por estes problemas e ver o prazer que sente ao procurar ser útil ás crianças. A sua resposta está certa e gostaria que voltasse a escrever.

MARIA DE LÓURDES PEREIRA: — Volto a dizer-lhe que tem facilidade em exprimir-se e um raciocínio claro. Também esta resposta ao problema da Juliinha está certa. Se vir que de qualquer forma lhe posso ser prestável, escreva-me como o faria a uma irmã.

Opiniões das leitoras

A criança é como uma planta: necessita de muitos cuidados. Não cuidados para a alindar de modo a fazer dela uma boneca, mas para a fortalecer física e moralmente para que ela possa resistir ás tempestades da vida.

GUIDA

Nunca devemos sacrificar os filhos. Eles estão sempre primeiro do que nós, pois eles são a nossa obra.

MELRO

Uma verdadeira mãe não deve sentir aborrecimento dentro do lar, pois que o trabalho feito com alegria não nos deixa aborrecer. Nas horas que possam sobrar, temos a literatura. E que belos livros existem sobre a educação dos filhos!

MARIA DA CONCEIÇÃO NUNES

A criança precisa de muito amor e compreensão. Penso que uma das primeiras coisas que devemos evitar é rir dos seus problemas ou dos seus desastres. Pelo contrário, devemos tentar compreender os seus pontos de vista, manifestando-lhe ainda maior ternura nesses momentos em que justamente mais dela precisa.

ALBERTINA LOURO

Lembremos áqueles pais que protestam e se admiram de que os seus filhos vão procurar outras pessoas, que não eles, para confiarem as suas mágoas, que tal procedimento se deve, muitas vezes, á atitude que eles, pais, tomaram, anos atrás, perante os desgostos «sem importância» dos seus meninos.

ILDA NUNES

MARILIA DE DIRCEU

Concurso

Gigantes da Humanidade

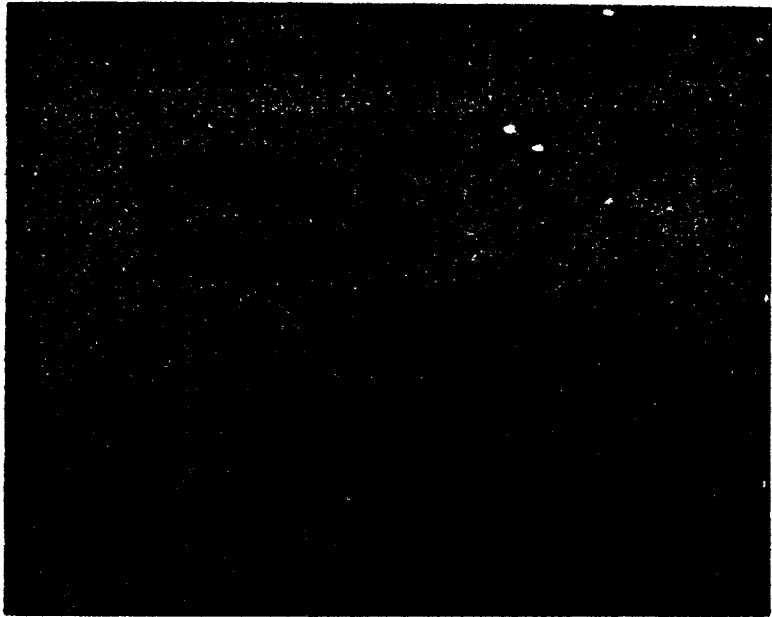
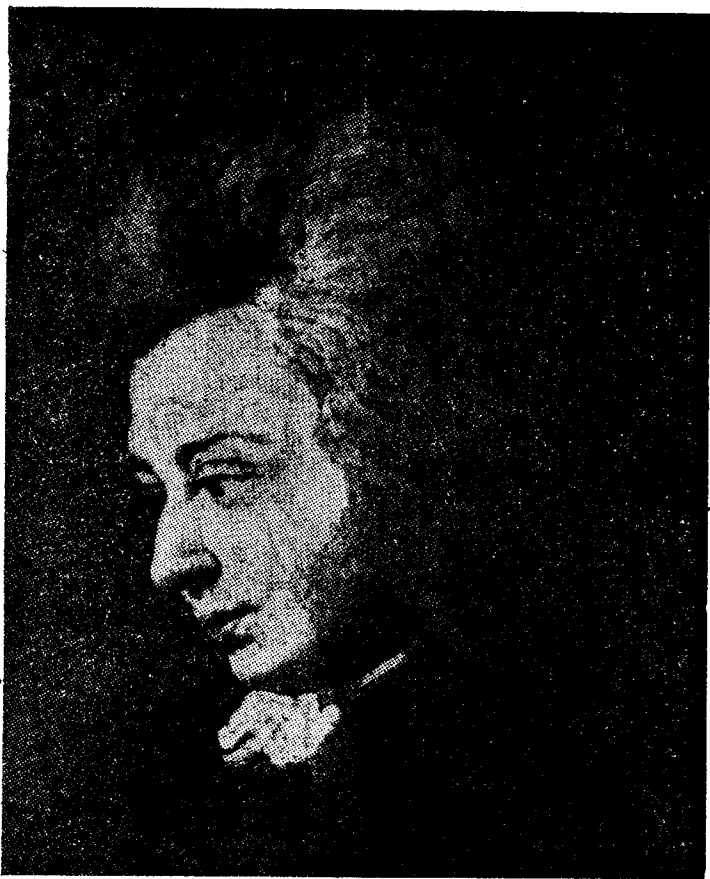
Menino prodígio e homem genial: isto basta para dizer que foi infeliz. Morreu pobre, se quiserem, na miséria, quando tinha apenas quarenta e poucos anos. Na sua curta existência, o grande Mestre de Salzburgo esgotou-se a produzir uma obra oceanica em todos os campos da musica.

E' hábito acentuar-se, como característica do seu génio, a graciosidade. Daí a supor-se que não era muito profundo — vai um passo. Mas um passo falso: ele é em todos os aspectos o indispensável precursor de Beethoven, com o qual se confunde em muitos aspectos. Mas a sua influência também se estendeu a Haidn, um homem muito mais velho do que ele.

Compôs, como se viu, uma obra imensa. Lembremos apenas a «Flauta Encantada», o «Requiem», «As Bodas de Figaro», a Sinfonia Jupiter, etc.

As respostas devem estar em «Juvenil» até ao próximo dia 11, acompanhadas das habituais informações: nome, morada, data de nascimento dos concorrentes e menção dos 3 artigos que mais lhes agradaram no «Juvenil» desta semana.

Para o melhor trabalho sobre este compositor haverá um prémio especial.



Jorge uns dias antes, ao saírem da Universidade. Sobre o Amor.

— Amor! — admirou-se o pai. — Que sabes tu do Amor? O Amor é uma ilusão que só existe na cabeça dos jovens.

O pai baixou a cabeça, curvou os ombros, fez-se mais velho; o olhar de Carolina era cruel e des-cortinava tudo isso. Com medo de ver mais, arrastou a vista para o lado. Que coisa, porém, naquele momento despertaria a sua atenção? Sentia-se num ermo e aos poucos apoderava-se dela aquele mesmo silêncio infinito que a entorpecera daquela vez que caíra na neve, nos Alpes suíços. E se Jorge a puzasse deste mundo em que a lançava o cepticismo do pai?

Sem reparar bem no que dizia, encontrou-se a pensar de alto:

— O pai diz que o Amor é uma ilusão inventada pelos jovens.

Logo se envergonhou. Que pen-saria Jorge?

Jorge abriu muito os olhos, na-quele sua expressão de contagiosa alegria, e riu-se:

— Inventado por nós? Antes de isso ser possível já nossa mãe nos aconchegava nos braços e nos can-tava cantigas que nem precisavam de versos.

Qualquer recordação lhe pesou nos olhos. Fechou-os e assim con-tinuou a falar, agora num tom mais baixo:

— Quando eu era pequeno, mal acabava de jantar estendia o cor-pito numa cadeira e mergulhava a cabeça no colo de minha mãe. Este regaço não era inventado, ah isso não era, Carolina... Se penso na minha infância, penso nele e quan-do quero exprimir a grandeza do Amor — esse regaço quente, inven-cível, generoso acode-me sempre á ideia, juntamente com tudo quan-to sinto por si, Carolina.

A rapariga sorriu. Estendeu-lhe

a mão. Ao fim duns segundos de silêncio ela pediu-lhe que lhe con-tasse coisas da infancia: conhecer a infancia de Jorge era ter a cer-teza de que havia uma outra hu-manidade além da que embandeira-va em arco nos cartões de visita da família.

— Nunca lhe falei no Joaquim?

— perguntou de subito o rapaz.

— Qual Joaquim?

— Aquele camponês de grandes bigodes modestamente caídos, que não me deixava cortar a cabeça ás moscas. Dizia assim: «Esteja com-dado, menino. Mate os brutinhos de uma vez, mas não os faça so-frer». Quando «Laçarote», o ju-mento branco, vinha derreado com farinha, ele nunca me deixava es-carranchar no bicho. Joaquim acha-va que era uma maldade abusar de quem não tinha quem o defendesse. O burro já levava a sua carga... Ora assim como defendia o burro, assim também defendia tudo quan-to era vivo. Calcule que se zangou por me encontrar a decepar, um dia, o cocuruto de um pinheiro. «Ah, menino malvado. — gritou. — Então isso faz-se? Que mal lhe cau-sou a arvorezinha? Matou-lhe a cre-scença, ora veja!».

Quando meus pais e tios se pre-paravam para me castigar por qual-quer rabinice, Joaquim esquecia logo que eu era um «menino mal-vado»; naquele momento eu era um infeliz e tanto bastava para que a inesgotável generosidade do meu amigo se interpusse para me defender: «O meu senhor, então não vê que ele é um inocente?».

Esta palavra inocente teve uma grande importância na minha me-ninice. Joaquim usava-a sempre que cumpria libertar-me de um castigo: «Patrão! perdoe ao inocen-te».

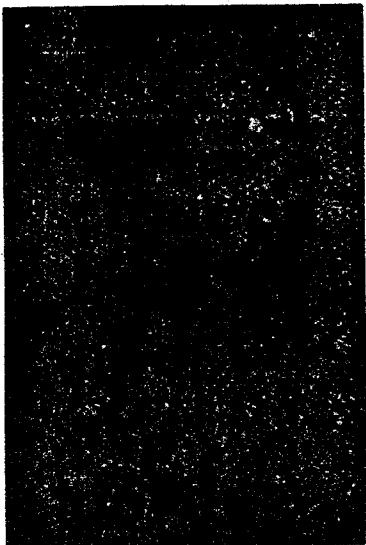
(Continua na ultima página)

ENCONTRO

Por MARIA DO ROSÁRIO VILA
(18 anos)



Escrevi
Com belas frases
Um poema
Imortal...
Pintei
Com mágicas cores
Uma tela
Irreal...
Modelei
Almas e vidas...
Descrevi
Mil sentimentos...
Gastei
A própria vida
Numa ansia
Desmedida...
Gastei todos
Os momentos...
Desmantelei
O relógio
Para o tempo fazer
parar...
Andei pela rua
A toa,
Sem saber por onde
Andar...
Provei o sabor
Das lágrimas,
Quando a noite
Caiu...
E ri, quando o Sol
Meigamente
Me sorriu...
Senti
O passar do tempo...
Senti
A alma a mudar...
... ..
Ri,
Ao encontrar
A vida...
Chorei,
Por não me
encontrar!



Por TROTE

A memória de Maria Francisca

ELA perguntou se em verdade, em verdade, os homens po-deriam construir uma vida justa. Ergueu nessa altura seus olhos longos, negros, como duas aves prisioneiras. Assim ficou suspensa uns segundos. Depois, num só fôlego, como se preten-desse libertar-se da lama do de-sespero, desprendeu todas as in-terrogações que a assiziavam:

— Será verdade, como já alguém me disse, que a igualdade entre os homens é uma ilusão criada na ca-beça dos jovens, na nossa cabeça? Será também verdade que entre «nós» e o povo exista uma diferen-ça de sentimentos que nenhuma teoria conseguirá aproximar? Como poderá haver amor nestas condi-ções? Nunca pensou nisto? Nunca sentiu dúvidas dentro de si? Nada? Mesmo nada?

Fazia todas estas perguntas na esperança de acabar com a passa-do. Fora educada na convicção da superioridade da sua família, ex-pressa num cartão de visita com uma coroa de marquês e dez nomes e apelidos alinhados guerreiramen-te em duas filas. Eles, os primos, parentes e amigos eram gente des-tinada, por seus naturais dons, a dirigir a massa anónima do povo. Descendiam do rei Fruela. Pos-suiam grande dose de sangue godo. Tinham outro coração. Outro cére-bro. Outros órgãos dos sentidos. Eram uma gente verdadeiramente á parte. E o doutor juiz (o pai), para dar maior veracidade científica á proclamada superioridade dos seus, costumava abonar-se com a mui-zoológica diferença entre cães e ga-tos. Aqui estavam duas raças dife-rentes que nada deste mundo con-seguiria reduzir a uma só...

Nessa altura Carolina avançara á medo um argumento que ouvira a



CONCORRAM AO CONCURSO

«PORTUGAL E A JUVENTUDE»

Reportagens para jovens até aos 20 anos

Concurso da semana

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 77: I—CONCURSO «GENTE NOSSA»: Lisboa. II—CONCURSO «GIGANTES DA HUMANIDADE»: Modesto Petrovitch MUSSORGSKI.

Vencedores

1. — Amigo n.º 7—Anabela Margarida Sander de Sousa Guerra (Lisboa).
2. — Amigo n.º 1.138 — Maria José da Conceição Filipe (Sintra).
3. — Amigo n.º 1.352 — Maria do Rosário Silva de Jesus (Lisboa).
4. — Amigo n.º 1.364 — Maria José Fonseca (Lisboa).
5. — Amigo n.º 164 — Luís Alexandre Chaves (Lisboa).
6. — Amigo n.º 259 — Carlos José Vieira de Almeida (Lisboa).
7. — Amigo n.º 1.099 — José Rosa (Lisboa).
8. — Amigo n.º 1.128 — Manuel David da Assunção (Gaia).
9. — Amigo n.º 1.354 — António Manuel de Sequeira Cardoso (Oeiras).
10. — Amigo n.º 1.381 — Luciano Seabra Pereira da Costa (Lisboa).
11. — Amigo n.º 1.384 — António Manuel Velez Gomes Ponce (Lisboa).
12. — Amigo n.º 1.385 — Luís José Semião Cabrita (Barreiro).
13. — Amigo n.º 1.386 — José Joaquim da Silva Guerreiro (Matosinhos).
14. — Amigo n.º 403 — José Foga da Silva (Lisboa).

Prémios

- 1 a 4: «UMA JOVEM A' MODA ANTIGA», por Luísa Alcott—«BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS», editada pela PORTUGALIA EDITORA.
5. — «A META», por Yves (Sibean) — Coleção «SÉCULO XX», editada pelas PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA.
- 6 a 13: «ORIGENS DA HUMANIDADE», por C. Arambourg — Coleção «SABER», editada pelas PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA.
14. — «A MÃE», por Pearl Buck — Coleção «OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS».

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE MUSSORGSKI

15. — Amigo n.º 182 — António Maurício Esteves (Figueira da Foz).
15. — «A MÃE», por Pearl Buck — Coleção «OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS».

Amigos novos entrados esta semana:

- 1.378 — Maria Manuela Cambom Arim (Lisboa); 1.379 — Maria Wanda Mendes Nunes (Lisboa); 1.380 — Olga Maria Mendes Nunes; 1.381 — Luciano Seabra da Costa (Lisboa); 1.382 — Raul Jorge Bruno (Bombarral); 1.383 — Joaquim Saraiva (Lisboa); 1.384 — António Manuel Ponce (Lisboa); 1.385 — Luís José Semião Cabrita (Barreiro); 1.386 — José Joaquim da Silva Guerreiro (Matosinhos); 1.387 — João Alves Gonçalves (Ponte de Sor); 1.388 — António Joaquim Falcão (Lisboa).

...sabados...

Quando



por MARIO CASTRIM

O juiz é burro

Parece que tudo começou porque o galo brigão e galaroz disse, alto e bom som, que era ele a obra mais perfeita entre animais.

Em cima do poleiro, enchia o papo de vento e punha-se a olhar as pessoas como se fossem seres desprezíveis. O pato-marreco merecia-lhe palavras afiadas e o peru era outro infeliz no dizer do galo.

—Pobrezinho! Parece o empregado da limpeza — glu-glu-glu! — Terá engolido algum osso, coitadinho?!

Era, na verdade, um galo perfeito. O porte altivo, a crista vermelha, a plumagem variada e quente. A fama da sua beleza começou a espalhar-se pela granja. E como o vento, ao passar, levanta as folhas secas e ruidosas, assim essa fama agitou vaidades e descontentamentos.

O pavão reclamou: —Com certeza esqueceu-se de mim. Pff! Pff! A ele não deu a natureza esta cor, esta paisagem de estrelas e de flores!

E armava o leque que parecia o alastrar no Céu de um foguete de lágrimas. A beleza do pavão correu Mundo e o gato não ficou satisfeito. Tinha pretensões, o galo!

—Digam o que quiserem, bem me importa a mim! Quem percebe disto sabe que o mais belo sou eu! O resto são histórias!

A fama da elegância do tareco correu o campo, de toca em toca, como a água da rega perdendo-se nos buracinhos do chão.

O galo afirmava: —Um gabarola é o que ele é! Olhem para mim e depois digam se há comparação!

Os bichos discutiam furiosamente para saber qual levaria o prémio. Até que, certo dia, chegou a altura de resolverem a questão.

Era domingo. Havia festa. Os trabalhadores da herdade tinham saído atrás de um harmonio. Quando o som do harmonio se perdeu ao longe, os bichos juntaram-se na eira.

As galinhas eram pelo galo; os coelhos, pelo gato; os patos e os perus cruzavam cuas-cuas e gluglus pelo pavão. Um peru chegou mesmo a dizer:

—Final, sou quase igual a ele! O monco é que estraga tudo!

As ovelhas, os bois e as vacas, amigos do cão, acudiam por ele. Uma senhora vaca dizia:

—Como o galo é bonito e como corre bem! Ora vejam! Se o vento pudesse ter corpo, acho que teria um corpo assim!

Da autora de «Terra Bendita» e «Vento do Oriente, Vento do Ocidente» acaba de sair o célebre romance da série chinesa «A MÃE».

Não sei se os nossos leitores maiores de 17 anos já leram as duas obras a que, primeiramente, nos referimos. Mas conhecem-nas, decerto, de nome. Ouviram belas

A mãe

referências a seu respeito. Pois esta nova edição de «A MÃE» merece igualmente as nossas recomendações. Pearl Buck apresenta-nos aí um panorama humaníssimo da velha China — velha de milhares de anos.

Calculem os nossos leitores, por aí, a maravilha das transformações que hoje se estão realizando nesse país. Até onde não irá o povo que, no dizer do escritor Roy, é o mais fundamentalmente culto do Mundo?

A «Mãe» é o ultimo volume da Coleção «Os Livros das Três Abelhas» a que tantas vezes aqui, e justamente, se tem feito referência. Foi editado pelas Publicações Europa-América e custa apenas 15\$00.

As opiniões, como vêem, estavam muito divididas. E já desanimavam de chegar a uma conclusão quando, nisto, surge o burro. Uma «pessoa» sensata, de poucas palavras. Foram pedir-lhe que servisse de juiz e o burro aceitou. Pôs os olhos, olhou os candidatos de frente, de trás, de lado. E ao fim de ter escrito sessenta páginas do caderno de apontamentos, fez sinal de que queria falar:

—Aqui têm a minha opinião. Serei imparcial. Olharei apenas a verdade: Juro.

E depois de se ter assoado ruidosamente, continuou:

—Primeiro, não considero o galo. Falta-lhe distinção. Tem maneiras vulgares. Além disso, a crista é um berloque escusado. A verdadeira beleza é simples...

Houve um sussurro no banco das galinhas. O burro prosseguiu:

—O pavão também pode sair do grupo. É vaidoso. Vejam a pose dele. Parece inchado. A verdadeira beleza é natural...

Os patos e os perus agitaram-se e protestaram, como eles sabem. Calmamente, o burro apontou o galgo:

—Esse aí... Esse pele e osso... A ideia que nos dá não é de beleza: é de miséria. Magro e desinquieto. A autêntica beleza é calma...

As vacas, os bois, as ovelhas, mostraram bem que não estavam de acordo. De nada lhes valeu porque o burro andou para diante:

—Agora, falta-nos o gato... Ora, a «cara» do gato mostra mau intuito. E depois, vejam-lhe as orelhas... São muito pequenas. Pode-se dizer: são umas orelhas insignificantes! E assim não pode haver beleza!

O gato afastou-se, resmungando, e então uma senhora galinha perguntou:

—O senhor burro! Afinal, quem leva o prémio?

Imediatamente o juiz apontou para outro burro que assistia ao entremez:

—Aquele! Aquele, sim! É sóbrio no trajar. Simples e modesto. Distinto de maneiras e de palavras. E reparem-lhe nas orelhas! Aquilo, sim, são orelhas! Grandes orelhas! Belas orelhas, amigos! Ricas orelhas!

Toda a gente abriu os olhos de espanto. Desconfiaram que o burro estivera a troçar deles. Com ar de pouco amigos, caminharam para o sendeiro, que recuou muito

sério, sem compreender. O boi procurou barrar-lhes o caminho, dizendo:

—A culpa é nossa, não é dele! A gente não devia esquecer-se que os burros medem tudo pelo tamanho das suas orelhas!

Amigo n.º 1.107—Veríssimo Manuel da Luz (Ponte de Sor): Já tratei do teu assunto.

Amigo n.º 1.387 — João Alves Gonçalves (Ponte de Sor): O trabalho é muito extenso e sai do nosso tipo de trabalhos. Para ser aceite, no ponto de vista pedagógico, é necessário que seja um trabalho muito especial, não te parece? Nada podemos dizer, sem o ter lido.

Amigo n.º 1.388 — António Joaquim Falcão (Lisboa): Não haverá engano quando dizes já ter respondido? Não encontro, no ficheiro, qualquer indicação a teu respeito. Manda dizer, para que não possas ter dois números, o que já tem acontecido e causa confusão. Quanto a correspondência, logo que haja qualquer coisa, publicaremos no INTERCAMBIO.

Amigo n.º 1.144 — Maria Isabel Holbeche (Peniche): Sim, amigui-nha, manda o livro, porque é possível que a nós, seja mais fácil trocar. Não precisas ficar grata, pois só desejamos, podem vocês acre-

ditar, dar-lhes satisfação. Contem sempre connosco como «velhos» amigos.

Amigui-nha do Estoril que não assina e manda uma poesia! Que ideia foi essa de esconder o nome com receio dos teus pais! Não há pai nem mãe que se não sinta satisfeito e orgulhoso ao ver as habilidades dos filhos. Pois se nós nos sentimos e apenas somos vossos amigos? Claro que a razão que apresentas talvez seja verdadeira... mas podes e deves arranjá-la uma horazita para escrever, fora das do estudo. A poesia fica, pois, à espera do nome e idade, para ser publicada, sim? — E depois nós dirás da festa que foi em casa...

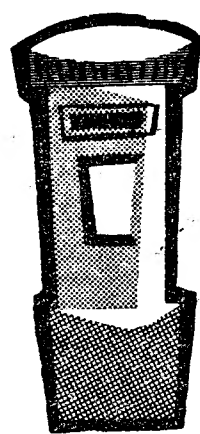
Vosso amigo TROTE

Amigos novos entrados a semana passada

N.º 1355 — Maria Eugénia Oliveira (Oeiras); 1356 — José Julio Abrantes Serra (Coimbra); 1357 — Maria Isabel Machado (Caldas da

Rainha); 1358 — Vítor Manuel Peres Sobreiro (?); 1359 — Vítor M. T. Cardoso (Torres Vedras); 1360 — João Eduardo Ramos Novais (Lisboa); 1361 — Maria Suzete Cruzeiro Cabral Campos (Lisboa); 1362 — Helder Rui Martins Leitão (Perto); 1363 — Luís António do Espírito Santo Sá (Torres Vedras); 1364 — Maria José Fonseca (Lisboa); 1365 — Henrique Nascimento (Lisboa); 1366 — Maria Teresa Bartolo Marques Horta (Lisboa); 1367 — Paulo Fernandes de Almeida (Lisboa); 1368 — José Luís Sousa Reis (Lisboa); 1369 — Maria José Conde Barroso (Lisboa); 1370 — Elsa Sotto Maior Matoso (Lisboa); 1371 — Maria Aura Vieira Cravo (Lisboa); 1372 — Aurea Maria Rodrigues Fernandes (Torres Vedras); 1373 — Maria Fernanda Cavade Araujo (Lisboa); 1374 — Maria Adelaide M. Alves (Lisboa); 1375 — Maria Adozinda Teixeira Santos (Coimbra); 1376 — Paulo Jorge Rodrigues Nunes (Lisboa); 1377 — Camilo Laranjo M. de Oliveira (?).

DIÁRIO DE BORDO



Gente Nossa



Novo

"Concurso da Semana" do Juvenil!

É festa, é festa!
De madrugada
forte pancada
no Mundo assesta.

E bumba!
Zabumba!
Pumba!

Acordai
neste dia
haja Paz
e alegria
vinho verde
e arraial
que é esta a festa
mais bela
que há em Portugal!

E a pancada é tal
e tal o escarcéu
que o Sol afinal
acorda no céu...

E bumba!
Zabumba!
Pumba!

O bombo feliz
assim diz
assim faz:
Maja Paz
haja Paz
haja Paz
e alegria
na Senhora da Agonia
e no Mundo
hoje em dia!

Bumba!
Zabumba!
Pumba!

Para ter direito aos prémios do
nosso concurso da semana, basta
responder, em carta ou postal, á
seguinte pergunta:

Qual a cidade portuguesa
a que pertence a figura que
hoje publicamos?

As respostas devem estar na Re-
dacção até ao próximo dia 10 de
Novembro.

Uma jovem á moda antiga

De novo possuímos boas notícias
para dar ás nossas leitoras, espe-
cialmente áquelas que já têm doze
anitos.

Então de que se trata?
Todas nesta altura já devem des-
confiar que me refiro a mais um
romance da bela colecção criada
para elas—a «Biblioteca das Rapa-
rigas».

Lembram-se de «As quatro rapa-
rigas»?

Sua autora era Luísa Alcott, co-
mo devem ter na ideia. Pois a boa
notícia que lhes trago é mais um
romance de Luísa Alcott, desta vez
um volumoso volume, que promete
empolgantes horas de distração.
Chama-se «Uma jovem á moda anti-
ga».

Vamos lá ver se haverá uma lei-
tora que diga daqui a quinze dias:
não conheço esse livro... Não acre-
ditamos.

2 MINUTOS DE INTERVALO

Frases célebres

Demos conta, no ultimo numero
do «Juvenil», do concurso de Frases
Célebres, organizado por um jornal
estrangeiro.

Certos de que os nossos leitores o
apreciaram devidamente, vamos no-
je, por nossa conta e risco, apre-
sentar mais algumas «frases céle-
bres» para ver quem descobre os
seus autores. Ei-las:

Penso, logo existo.

Tu quoque, fili!

O Sol não se põe sobre os meus
Estados!

Aquele que se julga isento do pe-
cado que lhe atire a primeira pe-
dra!

Audácia, mais audácia, sempre
audácia!

O mais caro

O nosso amigo sr. Periquitão, pai
do célebre Periquitão (uma inteligên-
cia este moço!), possui um automó-
vel que ele vai guiando como pode
— e Deus o ajuda! Não é de admi-
rar que os seus encontros com a
Policia de Transito sejam tão fre-
quentes.

Há dias perguntaram ao sr. Peri-
quitão:

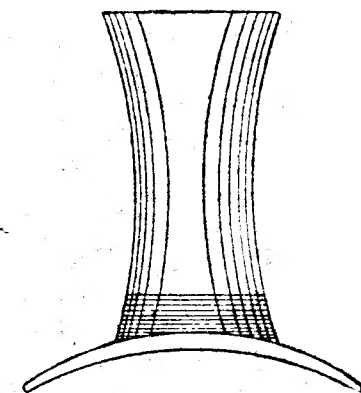
— Nisto de automóveis o que é
que sai mais caro?

E o sr. Periquitão imediatamente:

— As multas...

Ilusão de óptica

Lembram-se dos círculos que pa-
reciam iguais e não eram? E dos
lápiz que, embora o não parecesse,
tinham precisamente o mesmo ta-
manho? Pois hoje apresentamos um
chapéu alto... Ninguém dirá que ele
possui tanto de largura como de
altura. A primeira vista parece ser
maior a copa do que a aba. Meçam
se quiserem, e verão que se enga-
nam.



Perguntas geográficas

1—Qual é o arquipélago que não
seca?

2—Qual o cabo que faz costura?

3—Qual é o lago que morreu?

4—Qual a ilha que arde?

5—Qual a cidade europeia que
se bebe?

6—Qual a cidade espanhola que
tem metralha?

7—Qual o golfo asiático que an-
da na mão dos velhos?

8—Qual a capital que inicia o ca-
lendário?

Teste de inteligência

para os teus irmãos mais
velhos

1—O homem nasce bom, a socie-
dade é que o deforma.

2—O homem é o produto do seu
trabalho.

3—O homem sofre a acção da
natureza e reage sobre a natureza.

4—O homem é o produto do seu
meio.

Escolha destas proposições aque-
la que mais te impressione e pro-
cura comprová-la ou rebatê-la.

1—A pobreza tempera a alma.

2—A pobreza rebaixa a alma.

Qual destas proposições te pare-
ce a mais acertada? Porquê?

As turmas, no ensino secundário,
são muito grandes — quarenta alu-
nos e mais! Os professores, asso-
berbados com trabalho, não podem
tomar em consideração os casos in-
dividuais. Assim, os alunos vivem
entregues a si próprios... Parece-te
que esse facto

facilita

prejudica

não influi

na adaptação do aluno á vida esco-
lar e á vida social? Qual a tua opi-
nião?

NOTA—Estes testes destinam-se

á adaptação do aluno á vida esco-
lar e á vida social? Qual a tua opi-
nião?

—Obrigada! — disse para a Ter-
ra num reconhecimento.

—Mas que voz a tua...

—Constipai-me—disse, numa des-
culpa, julgando que a castigariam
por ter chamado pelo Sol: — chegas-
te a meter-me medo... Mas agora
sou feliz...

—Tens muito que viver — res-
pondeu-lhe a feiticeira — o teu en-
cantoamento ainda não acabou.

—Serei uma flor, como o disse
o Bicho de Conta?

—Mistério! — sussurrou a Ter-
ra num sorriso amigo.

—Grande mistério!

(Do livro «A vida mágica da Se-
mentinha», de Alves Redol).

ele: a densidade média das gotinhas de
água, numa nuvem, atinge a fantástica
cifra de 500 mil por centímetro cubico.

O diametro médio de cada uma delas,
é calculado em 25 milésimos do mili-
metro, enquanto que das gotas de chu-
va é compreendido entre 1 e 5 milíme-
tros.

—Que grande diferença. E então...

—Então, o peso duma gota de chuva
é, portanto, um milhão de vezes supe-
rior á de uma gotinha contida numa
nuvem. Se admitirmos que uma gota
de chuva veio de uma gotinha da nu-
vem, é preciso admitir que houve au-
mento de volume e de peso, na rela-
ção de um para cada milhão.

—Mas então, se dizes que se repe-
tem, como conseguem as gotinhas jun-
tar-se, para dar uma gota de chuva, já
tão aumentada?

—Bem, pensa-se que um turbilhão
de vento pode precipitar as gotinhas de
encontro ás outras com uma força su-
ficiente para vencer a repulsão e permi-
tir-lhes a fusão. Isto parece, com efec-
to, explicar a formação das gotas de
chuva. A velocidade da queda é da or-
dem do metro por segundo. E' mais do
que suficiente para permitir, na que-
da, que outras gotinhas se venham jun-
tar ás já formadas. Assim a gota de
chuva engrossa ainda mais e sempre,
enquanto estiver no seio da nuvem.

Contudo, as correntes ascendentes dimi-
nuem esta velocidade de queda numa
nuvem constantemente renovada na
sua parte inferior. E a chuva dá-se
quando a parte superior da nuvem que
lhe dá origem se encontra a uma tem-
peratura inferior a 0° graus, quer dizer
quando a água da parte superior da nu-
vem estava em estado de sobrefusão
(fenómeno que permite a um corpo con-
servar-se acidentalmente liquido a uma
temperatura inferior á sua temperatura
de fusão).

—Mas como foi possível saber-se
isso?

—Muito simplesmente; fora mas es-
tranhas observações com o radar que
permittiram «ver» o que apenas se su-
punha. A nuvem propriamente dita,
formada por gotas extremamente pe-
quenas, é, praticamente invisível ao ra-
dar. Só as gotas de chuva formam
mancha sobre o «ecran».

—Muito bem; desconhecia tudo isso,
e agora vejo explicado o mistério de a
chuva cair em gotas...

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

a proporcionar aos leitores mais ve-
lhos do «Juvenil» alguns momentos
de séria meditação. Ficaremos con-
tentes, no entanto, se os leitores
quiserem enviar as suas respostas
por escrito.

Teste de inteligência

para os teus irmãos mais
novos

Na verdade, muita gente só admi-
ra os fortes, os poderosos, os gran-
des. E' vulgar ouvirmos dizer a
uma criança: «Está calado, ainda
não tens voto na matéria...».

Não concordo com isto. E tu tam-
bém não, de certeza. Lá por sermos
pequenos... Ora essa, há seres e
coisas insignificantes, quase invisí-
veis, que prestam ao homem ines-
timáveis serviços...

Queres dar alguns exemplos?

Fome... E' uma palavra feia, di-
gam lá se não é. Ela aparece e a
gente vê uma figura hedionda que
nos enche os olhos de medo.

Bem, mas agora vamos ficar se-
renos. Vamos olhar friamente esta
palavra «fome» sem lhe atrelarmos
uma data de nomes feios.

Porque «fome» pode ser uma pa-
lavra boa e uma palavra má...

Quando?...
E' a ti que compete dizê-lo...

Explica o sentido deste ditado:
«Não acordes cão que morde».

Antologia

«A Sementinha deu um grito pa-
ra além das grades.

—Es tu, Sol? — gritou a Semen-
tinha com tamanha força que ficou
rouca.

—Sou, sim, minha amiguinha!
Vem depressa, anda!

A Sementinha perdeu a cabeça
com o entusiasmo de se ver liber-
tada. E subiu mais, num esfor-
ço, sem olhar a canseiras: Cada vez
mais e sempre mais, pensando com
alegria: «E' agora! E' agora, sim,
tenho a certeza».

Mal passou a ultima porta do pa-
lácio onde a Terra-Feiticeira a pren-
dera, a nossa amiga ficou tonta com
a luz e as cores do campo. E chorou
a alegria enorme de ser ver em li-
berdade.

—Obrigada! — disse para a Ter-
ra num reconhecimento.

—Mas que voz a tua...

—Constipai-me—disse, numa des-
culpa, julgando que a castigariam
por ter chamado pelo Sol: — chegas-
te a meter-me medo... Mas agora
sou feliz...

—Tens muito que viver — res-
pondeu-lhe a feiticeira — o teu en-
cantoamento ainda não acabou.

—Serei uma flor, como o disse
o Bicho de Conta?

—Mistério! — sussurrou a Ter-
ra num sorriso amigo.

—Grande mistério!

(Do livro «A vida mágica da Se-
mentinha», de Alves Redol).

Hieroglifos comprimidos

Caminha mulher

EE flor

Negro apelido

A rio

A história dos Hebreus

Até aqui a «Bíblia» tinha apenas
sido considerada como livro reli-
gioso dos Hebreus — livro onde se
tinham depositado as tradições, len-
das e referências históricas da odis-
sia dos filhos de Jeová. O trabalho
persistente dos arqueólogos acaba
de mostrar que a «Bíblia» é tam-
bém um grande livro de História
cheio de testemunhos verdadeiros,
de informações minuciosas sobre os
povos com quem os Hebreus esti-
veram em contacto na sua vida
errante.

Egípcios, Assírios, Babilónios
movem-se cheios de vida nas pá-
ginas da «Bíblia».

O livro de Werner Keller «A Bí-
blia tinha razão» — que Livros do
Brasil acabam de editar, é uma
apassionante obra histórica que se
lê com o encanto sempre renovado
dos romances, que nos conta vidas
de povos, estudos dos cientistas,
processos de investigar a verdade
dos documentos — enfim, um mun-
do novo que será o encanto de to-
dos os nossos leitores.

Os jovens que frequentam o quin-
to ano dos liceus, pelo menos, têm
toda a vantagem em conhecer esta
bela obra.



Para além da estrela

Não gosto das ruas tristes sem das ruas sossegadíssimas.

Das ruas que passam o dia a ver quem passa.

E se aborrecem mortalmente porque não passa ninguém.

Conheço uma rua assim, é onde mora a senhora Viscondessa de A., minha amiga.

(Está-se mesmo a ver que a rua onde mora uma senhora viscondessa havia por força de ser assim. As senhoras viscondessas não gostam de barulho).

As artérias (nunca lhes chamaram isto, vão ficar todas vaidosas as travesas e os becos cá do sítio!) que passam aqui pela Redacção, é gritos e frenesi de manhã até à noite.

O' carapau! O' sardinha!

Feeeeerro velho!

E camiões.

E «scooters».

E trotinetes.

E vertigem.

Reparem: a mulher da hortaliça, com o cesto á cabeça. Quando apregoa incha-lhe o pescoço, já de si curto, dos muitos carregos que suporta desde a infância.

Atrás deia vai o filho, aí oito anos.

O Chico.

Numa das mãos, o cesto de asa, a abarrotar de cenouras e salsa. Na outra mão vai o pau do arco. Pau que é um arame recurvado na ponta (vocês sabem).

O arco, esse vai ao ombro.

Sobre o coração.

—O' senhora Deolinda hoje que leva? A senhora Deolinda aproxima-se da escada. O Chico ajuda-a a pôr o cesto no degrau.

Depois, enquanto a mãe faz o negócio, desarrora com o arco por essa calçada fora, por essas calçadas fora! Até perder o fino, às vezes.

E a mãe:

—O' Chiiiiiiiico!

O Chico, que andava lá pela terceira esquina, rés-vés da estrela Sírius, acode, ofegante, atrás do arco, ao chamado. Dá uma ajuda ao carregio da mãe, segura ele próprio no seu.

Aí vão.

O Chico de arco no ombro.

Encostado ao coração.

Aguardando ansiosamente nova in-

terrupção para recomençar a brincadeira.

Que o levará, desta vez, muito para

além da estrela Sírius...



A VARANDA DE COIMBRA (1)

Encontro com a vida actual

SÃO cerca das dez da noite. Encontro-me em frente do Montanha, á Portagem, estacionado, olhando em redor de mim. Marquei um pequeno encontro (não sorriam, por favor!) aqui para este mesmo lugar onde me encontro. Já vem um pouco atrasado, mas não importa. A sala de espera de Coimbra, á noite (o mesmo de dia) oferece-nos algo para ver, embora seja o mesmo todas as noites, que me distrai enquanto espero. Desde os anúncios luminosos aos transeuntes, tudo tem relativo interesse, para quem, como eu, espera alguém. Também á multidão que por detrás de mim se agita no «café», tem interesse. Dirão, e com razão, que esta minha filosofia barata é por demais conhecida para merecer alguma atenção. Embora! Se todos tivessem as mesmas ideias, o Mundo estagnaria e a vida deixaria de ter interesse.

Dormindo empoleiradas nos om-

bro e nos lugares recônditos da estátua do pomposamente chamado «Mata-Frades», numerosas pombas descansam do labor diário.

Não há duvida de que toda esta gente que constantemente passa num vai-vem contínuo, proferindo banalidades, se são mulheres, falando sobre as ultimas edições da moda, se são jovens, e sobre os ultimos resultados da bola, se são homens, tenta esquecer-se por alguns momentos da difícil vida actual. Especialmente se se encontram numa cidade como esta plena de movimento e de, digamos, embora o erro seja evidente, de progresso.

Há gente que polidamente pede desculpa dum encontro dado. Há quem diga que se vê tanto de dia como de noite. Apenas o que nos impede um pouco é o escuro! Por isso mesmo é que se pede desculpa.

Junto a mim há alguém que discute acaloradamente (quando muito por estarmos numa noite de Ve-

ráo!) a influência das rachinhas na desvalorização da moeda!

Se olhar em redor, e depois para a desembocadura da Rua Ferreira Borges, apenas noto «flirts» mais ou menos acentuados. Por toda a parte só convencionalismos, artificialismos e mais nada, mais nada!

Ah! Mas isto é em Coimbra! Cidade em que as pessoas avançam pelos passeios, comentam este ou aquele modelo mais ousado, cumprimentam desconhecidos e não li-

por João J. G. Ventura
N.º 223

gam aos amigos, empurram, atropelam, correm, dão dois dedos de conversa aqui, «cravam» um cigarro acolá, dizem um galanteio ou fazem uma reverência apressada. Isto é aqui, porque da banda de fora pode muito bem ser outra coisa!

Será?...

E não estranhem se já agora não espero pelo encontro que aqui marquei. O encontro não passou afinal de ponto de partida para estas considerações superficiais da vida cittadina.

«Divagar... é viver»

POR EDUARDO AUGUSTO — AMIGO N.º 1156

de lindas princesinhas, com compridas tranças loiras e a morte das bruxas repelentes que faziam a vida negra ás gentis personagens dos meus livros daquele tempo.

Mas não era só o prazer que eu lhes encontrava então. E lembro-me, oh se me lembro, de quantas vezes encontrava no recheio dos meus livros, qualquer coisa de novo, de que até aí não

tinha ouvido falar nunca, e da curiosidade com que perguntava á minha mãe, que, com o maior carinho e da melhor maneira que conseguia, me explicava o que era para mim desconhecido.

E' sentindo que essa época da minha existência se distancia mais e mais, que procuro em vão conservá-la junto de mim e sinto por isso a necessidade de amar e de ser amado pelas crianças,

acompanhando-as nas suas brincadeiras inocentes.

E para ti, Mãe ou Pai, que te interessas pela felicidade dos teus filhos, e pelos seus pequenos grandes problemas, aqui fica um conselho, mais que um conselho, uma supplica: não voltes nunca as costas, levemente, á uma pergunta dissimuladamente ansiosa de teu filho, nem nunca te mostres aborrecido com

de tais coisas. Quando lhe perguntava o «porquê» delas, Joaquim fitando-me com o seu olhar inesquecível, punha-se a dizer em voz grave, enquanto me coçava a cabeça numa festa necessária: «Quando for crescido e estudar e ver Mundo há-de ver sempre que os homens são todos iguais».

Jorge calou-se. O olhar de Carolina pousou nele, sem cansaço, nem receio. Ouvia certas palavras; tinha sementes novas que poderia cultivar no coração.

— É por isso — murmurou — é por isso que ama tanto o nosso povo?

— Começou por aí — disse o jovem, tornando-se subitamente sério. — O que começa bem não se perde. Acredito tanto no nosso povo como acredito no regaço generoso, quente e invencível de minha mãe.

Curso elementar de estenografia

Por N.º 1156 de Fonseca

Exemplos:

Fazíamos tenção, no ultimo numero do «Juvenil» de terminar a recapitulação dos sons gerais. Mas o homem põe... e o Jornal dispõe... De maneira que só hoje terminamos, com os sons que seguem:

avel
ato
apo
aco

dade-tade

2^{na} 58

Continuando no nosso estudo muito sumário de Estenografia, vamos hoje ver os algarismos e os numeros.

Estes representam-se na forma de numeração árabe. Casos há, porém, em que é possível abreviá-los, quer escrevendo por extenso, quer representando mil por um ponto; o milhão por dois pontos.

1.000.000.000

20. 20.000

4..5 4500000

O algarismo 1 quando isolado, haverá conveniência em representá-lo por u+m e não pelo algarismo árabe, que pode prejudicar a tradução. Uma, umas estenografar-se-ão com o som composto AMO.

As datas indicam-se-ão de maneira que segue: Séculos passados, até 999, escrevendo e sublinhando todos os algarismos; de 1.000 a 1.900. Só os três ultimos algarismos. Séculos futuros: todos os algarismos.

Os meses, quando acompanhados do dia e do ano, podem ser representados pelo numero de ordem que ocupam dentro do ano, encimando o numero indicativo do dia.

28 de Julho de 1730=187730.

31 de Abril=30.

31 de Outubro de 1958=31^{na}58.

Cabe agora aos nossos leitores estenografar á pequena carta que segue e comparar depois o seu trabalho com a correcção que segue imediatamente. Mas nada de atostas... Só depois de feito o trabalho devem olhar para a correcção.

Lisboa, 2 de Novembro de 1958

Meu caro amigo,

Preso aos trabalhos escolares, que me não têm permitido um só momento de folga para escrever aos amigos, só hoje me é possível vir agradecer a ti e á tua mãe os bons momentos que me proporcionaram durante os dias que passei na vossa companhia.

Como sabes, estou matriculado no Liceu Pedro Nunes, desde 2 de Outubro.

28 de Julho de 1730=187730.

31 de Abril=30.

31 de Outubro de 1958=31^{na}58.

Cabe agora aos nossos leitores estenografar á pequena carta que segue e comparar depois o seu trabalho com a correcção que segue imediatamente. Mas nada de atostas... Só depois de feito o trabalho devem olhar para a correcção.

Lisboa, 2 de Novembro de 1958

Meu caro amigo,

Preso aos trabalhos escolares, que me não têm permitido um só momento de folga para escrever aos amigos, só hoje me é possível vir agradecer a ti e á tua mãe os bons momentos que me proporcionaram durante os dias que passei na vossa companhia.

Como sabes, estou matriculado no Liceu Pedro Nunes, desde 2 de Outubro.

Cabe agora aos nossos leitores estenografar á pequena carta que segue e comparar depois o seu trabalho com a correcção que segue imediatamente. Mas nada de atostas... Só depois de feito o trabalho devem olhar para a correcção.

Lisboa, 2 de Novembro de 1958

Meu caro amigo,

Preso aos trabalhos escolares, que me não têm permitido um só momento de folga para escrever aos amigos, só hoje me é possível vir agradecer a ti e á tua mãe os bons momentos que me proporcionaram durante os dias que passei na vossa companhia.

PROBLEMAS DOS JOVENS

Quando eu era rapazito, não eram os cavalos de pasta, os soldadinhos de chumbo, nem os canhões de lata os meus prazeres favoritos. Acima de todos eles, estavam os livros de contos e, com esses, eu era capaz de passar horas esquecidas, seguindo cheio de interesse, os raptos

VISTOS PELOS JOVENS